



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

ISADORA ALVES DUETI

“SOTAQUES EM TELA”

A produção do episódio-piloto de uma série jornalística de *podcasts* sobre a representação dos sotaques brasileiros na fala de telejornalistas de rede

BRASÍLIA
2020



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

ISADORA ALVES DUETI

“SOTAQUES EM TELA”

A produção do episódio-piloto de uma série jornalística de *podcasts* sobre a representação dos sotaques brasileiros na fala de telejornalistas de rede

Projeto Final apresentado ao Curso de Graduação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Elton Bruno Pinheiro.

BRASÍLIA

2020

ISADORA ALVES DUETI

“SOTAQUES EM TELA”

A produção do episódio-piloto de uma série jornalística de *podcasts* sobre a representação dos sotaques brasileiros na fala de telejornalistas de rede

Brasília, 11 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Elton Bruno Pinheiro (Orientador)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Esch

Prof.^a. Dra. Carina Flexor

Prof.^a. Dra. Helena Santiago Vigata (Suplente)

AGRADECIMENTOS

Eu tenho uma teoria sobre momentos. Momentos de impacto. Eles podem ser as experiências que vivemos, as pessoas que conhecemos ou uma escolha que fazemos, desde a menor que possa parecer até a maior delas. Eu acredito que cada um de nós é a soma desses momentos e que eles se tornam a nossa história. Certa vez eu vi essa teoria em um filme, e então eu fiquei refletindo sobre como aquele pequeno trecho resumia perfeitamente algo que há muito tempo eu procurava compreender. Pois bem, todos os meus momentos de impacto me trouxeram até aqui.

Há pouco mais de cinco anos, eu jamais poderia imaginar que um dia me tornaria uma jornalista. Naquela época, no segundo ano de faculdade, eu achava que me formaria arquiteta e urbanista. Mas eu não me sentia realizada. Após duas inquietantes semanas ouvindo uma das músicas da minha banda favorita repetidamente sempre que chegava em casa, dali veio a minha resposta. E ela me dizia para voltar ao início. E foi todo o sopro de coragem que eu precisava.

Este provavelmente foi o maior momento de impacto que já vivi, porque ele foi a soma daqueles que o antecederam como também influenciou todos os outros que vieram depois. E é a um conjunto desses outros momentos de forte impacto, as pessoas que fizeram ou fazem parte da minha trajetória, a quem aqui dedico a minha imensa gratidão e reconhecimento. Sem ranquear agradecimentos, na medida do possível tentarei fazer isso de acordo com alguma ordem cronológica.

Aos meus exemplos primeiros, agradeço eternamente aos meus pais, de onde herdei as minhas estruturas e valores, incluindo este aqui, o da gratidão. Sei que houve momentos difíceis, mas ainda assim vocês sempre se esforçaram até mais do que podiam para me dar uma boa educação, desde os anos iniciais de escola até o ensino superior. Sei também que eu causei um enorme aperto no coração com a decisão de sair de casa, mas eu agradeço pela confiança que tiveram em mim e por compreenderem que depois que cresce, o filho “vira passarinho e quer voar”. Mãe, você me avisou que não seria fácil, e que em algumas ocasiões seria muito mais difícil do que eu poderia imaginar. Você tinha razão. Nesses momentos a gente descobre que nada no mundo tem o poder de acalmar as angústias que batem no peito como o colo de mãe tem. E pai, apesar de você ter tido muita resistência de início, você depois se encheu de orgulho e brilho nos olhos para falar para quem quer que fosse: “minha

filha passou na UnB!”, e nunca deixou de me dar apoio. Obrigada por não soltar a minha mão e me ensinar a cuidar da minha própria casa.

Ao lado dos meus pais, tive ainda a minha primeira influência de vida: o meu irmão. Desde pequena, João Victor, você me inspirava a ser como você, um menino bom e inteligente. Aos dois anos de idade eu fugi de casa para subir a rua e ir até a escola, que era para onde você ia todo dia. E assim eu comecei a minha trajetória escolar. Com o tempo, e o auxílio da turminha do Bairro do Limoeiro, você me ajudou a ler e escrever. Depois, me ensinou matemática. Por todos os anos que estudamos no mesmo colégio, nós éramos uma dupla imbatível: “os irmãos Dueti”. Já na adolescência, o seu gosto musical influenciou o meu, o que me levou, inclusive, a gostar da minha banda favorita, e que de alguma forma me trouxe até aqui.

Nossa família, além de pais e irmão, é o primeiro contato social que temos na vida. Assim, parte do que sou hoje se deve ao convívio com a minha família do Mato Grosso, com os quais eu cresci. Tanto a família materna e paterna, agradeço a todas as histórias compartilhadas e ao laço fraternal desenvolvido. Minhas avós, minha madrinha e padrinho, meus tios-avôs, os primos da minha mãe (os quais eu considero como tios), e os meus primos, independente de qual grau sejam, que foram os meus primeiros amigos da vida.

Em especial, agradeço à minha prima Laura Soares, primeira e eterna melhor amiga. Obrigada, Sô, por estar sempre presente mesmo distante, por ser essa pessoa aberta a me escutar com atenção, me compreender, apoiar as minhas decisões e que desperta genuína felicidade ao me ver feliz também.

Durante os meus vinte anos em Cuiabá, fiz também muitos amigos, e a todos eles sou muito grata. Agradeço à Larissa Garrido, minha melhor amiga desde a infância. Obrigada por me inspirar a ser uma pessoa melhor sempre. Aos meus amigos do Ensino Médio, em especial as “Cocotas”, Andressa, Duda, Ísis e Lola, que eram o brilho de imensa alegria e espontaneidade que acalentavam o meu dia a dia.

Na faculdade de arquitetura, fiz amigos que fizeram parte de uma fundamental etapa do meu amadurecimento pessoal e profissional, mas que mesmo no processo de nos tornarmos adultos, sempre mostraram a importância de manter a nossa criança interior bastante viva. Déborah, Diego, Isabela, Joel, Julia e Raphael, vocês são o motivo pelo qual eu me alegrava em ir para a UFMT todos os dias. Di e Isa, obrigada ainda por todas as vezes que se esforçaram para estar comigo aqui em Brasília e

fazer meus dias mais alegres. Mesmo não sendo da Arquitetura, estendo os agradecimentos também a Aline e Millena, que fazem parte do grupo.

Já na vinda para a UnB, contei com o apoio da minha família de Brasília, a qual me deu a estrutura necessária para me estabelecer aqui, seja ela física ou fraterna. Agradeço à minha madrinha Adriana, por ter me acolhido em sua casa nos três semestres iniciais e ter me ensinado a ser independente e morar sozinha; à minha vó Izabel, minha principal figura materna aqui; ao meu vô Vieira por tantas vezes ter me socorrido e me auxiliado, inclusive no processo de matrícula na universidade; à minha tia Bete pelas conversas e por deixar seu apê à minha disposição sempre que precisasse, incluindo para a gravação deste trabalho; ao meu tio Júlio, por ter me recebido em sua casa na primeira semana de adaptação à UnB; e aos meus primos, em especial Ana Clara, minha companheira e cúmplice nas aventuras da vida, e Henrique, parceiro de muitos bons momentos desde a vida em Cuiabá.

Nesses mais de cinco anos de Brasília, conheci pessoas que me trouxeram a sensação de lar mesmo estando longe de casa: os meus primeiros amigos da faculdade, Ana Clara, Braian, Lara, Hallana, e devo menções especiais a Carlos Augusto e Ilana, que estiveram presentes comigo em muitas ocasiões também fora da vida acadêmica; e ao Marcos Felipe, com quem compartilhei boas lembranças, sentimentos, fins de semana e feriados.

Em 2017, entrei para o estágio na TV Senado, e aqui me lembro das duas pessoas que me entrevistaram para a vaga e confiaram a mim essa oportunidade que mudou os rumos da minha vida: Ronaldo Pereira e Sabrina Mâncio. Agradeço a todos que fizeram da TV um lugar agradável de se trabalhar. À minha chefe e supervisora Sabrina, que além disso era amiga e por vezes até mãe, a quem eu tenho um gigantesco carinho; aos meus chefes Aluizio Oliveira e Eny Monteiro, pelos ensinamentos da vida profissional; à Carine Belluzzo e Soraya Mendanha pela vivência e boa compartilhada; a todos os meus chefes e colegas de trabalho, repórteres, editores de reportagem, editores de vídeo e equipe cinegrafista por todo o conhecimento partilhado; e a todos que de alguma forma faziam parte dessa rotina.

O estágio na TV me deu muitos presentes, e um deles muito especial: a minha amiga Jack Spies. Enquanto estreatantes na vida estagiária, nós crescemos muito uma com a outra. Mas para além disso, crescemos juntas também enquanto pessoas. A convivência era tanta que com o tempo até pegamos o jeitinho uma da outra. Desde

então você esteve presente em todos os momentos da minha vida, seja para sorrir, chorar, falar ou escutar, e sempre me deu o apoio necessário.

Quando eu achava que já não seria possível fazer novos amigos na faculdade, conheci ainda pessoas incríveis no final do curso. Gabriel, Milena e Thaís, obrigada pelas histórias, gargalhadas e almoços no RU compartilhados; e Amanda Oliveira, por me acolher na aula de Introdução à Linguística.

Em meados de 2020, recebi a melhor proposta que eu poderia ter: estar de volta à TV Senado. Agradeço imensamente à minha chefe Daniela Mendes por ter confiado a mim essa oportunidade, agora com novos desafios, e por ser compreensiva em muitos momentos, o que me permitiu aliar o trabalho à fase de conclusão de curso. Também sou grata aos meus colegas de trabalho, os quais admiro muito por fazerem valer a expressão “trabalho em equipe”.

Por fim, todos os momentos de impacto me trouxeram aqui, ao fim de um ciclo de mais de quatro anos. Agradeço ao meu orientador, professor Elton, que foi o responsável por despertar em mim o gosto pela linguagem radiofônica em Jornalismo em Rádio. Sua dedicação à docência é admirável. Obrigada por me guiar nessa jornada. Agradeço também a todos os meus outros professores ao longo desse tempo, em especial a professora Walkiria, do Instituto de Letras, por ter me dado a base para a compreensão da Linguística, e a todos os técnicos e servidores da UnB.

Este trabalho só foi possível pela colaboração de muita gente, aos quais agradeço aqui: professor Elton, pela orientação; meu amigo Carlos, por aceitar o convite de apresentar ao meu lado; às entrevistadas Ana Lúcia, Vanderci e Ana Carolina, pela rica contribuição de vocês; aos professores Carlos Eduardo Esch, Carina Flexor e Helena Santiago por aceitarem o convite à banca e assim somarem para a construção deste trabalho; e a todos que ajudaram direta ou indiretamente, muito obrigada.

E claro, a Deus, essa energia que me guia em todos os momentos da minha vida e que se manifesta pela minha fé.

“Nobody said it was easy. No one ever said it would be this hard. I’m going back to the start”.

(Ninguém disse que seria fácil, mas não disseram que seria tão difícil assim. Eu estou voltando para o começo).

The Scientist – Coldplay

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso se volta à apresentação de todo o processo de realização do episódio-piloto da série de *podcasts* jornalísticos “Sotaques em Tela”, que visa ao debate sobre a representação da diversidade de falares regionais de telejornalistas nos noticiários nacionais. O referido piloto se dirige à abordagem conceitual e histórica da multiplicidade de sotaques no Brasil e a construção de um falar que é próprio do jornalismo televisivo. Assim, o estudo da pauta se deu à luz da Sociolinguística e da história do telejornalismo no Brasil. Como metodologia aplicada, a análise de conteúdo de produtos do mesmo estilo permitiu observar a aplicação de entrevistas como fio condutor do formato escolhido e os recursos jornalísticos empregados dentro de uma estrutura que permite novas formas de interação. Concluiu-se que a diversidade de sotaques brasileiros deve ser muito debatida e tratada de forma mais natural pela sociedade, bem como no telejornalismo. Em relação à experimentação técnica, o *podcast* mostrou-se como inovadora possibilidade jornalística, combinando diferentes recursos à linguagem radiofônica.

Palavras-chave: Sotaque. Telejornalismo. *Podcast*. Representatividade. Piloto.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis focuses on the presentation of the entire process of carrying out the pilot episode of the series of journalistic podcasts “Sotaques em Tela”, which aims to debate the representation of the diversity of regional speeches by telejournalists in national news. The aforementioned pilot addresses the conceptual and historical approach to the multiplicity of accents in Brazil and the construction of a speech that is typical of television journalism. Thus, the study of the topic took place in the light of Sociolinguistics and the history of telejournalism in Brazil. As an applied methodology, the content analysis of products of the same style, allowed observing the application of interviews as the guide of the chosen format and the journalistic resources employed within a structure that allows new forms of interaction. It was concluded that the diversity of Brazilian accents should be much debated and treated more naturally by society, as well as in television news. In relation to technical experimentation, the podcast proved to be an innovative journalistic possibility, combining different resources to the radio language.

Keywords: Accent. Telejournalism. Podcast. Representativeness. Pilot.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

GT – Gramática Tradicional

JN – Jornal Nacional

LabAudio – Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tabela da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 mostra TV como meio preferido de informação.....	18
Figura 2: Tabela da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 mostra frequência de uso da TV.....	18
Figura 3: Tabela da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 mostra que a Rede Globo é a emissora mais consumida pelos brasileiros.....	19
Figura 4: Capa da série de <i>podcasts</i> “Sotaques em Tela”. Elaboração de Priscila Wolff.....	66
Figura 5: Capa do piloto da série de <i>podcasts</i> “Sotaques em Tela”, intitulado “Construção e representação dos sotaques no telejornalismo”. Elaboração de Priscila Wolff.....	66

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Síntese dos objetivos de pesquisa e produção do <i>podcast</i> “Sotaques em Tela”.....	24
Quadro 2: Definição preliminar dos convidados do <i>podcast</i> “Sotaques em Tela”.....	62
Quadro 3: Temas e estrutura dos episódios da série “Sotaques em Tela”.....	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Apresentação.....	12
1.2 Contextualização	14
1.3 O objeto e a problemática de pesquisa.....	21
1.4 Síntese dos objetivos da pesquisa	23
1.5 Justificativa	25
1.5.1 Da questão do sotaque	25
1.5.2 Do <i>podcast</i> e o episódio-piloto	27
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
2.1 Da Gramática Tradicional ao estudo não prescritivo da língua.....	29
2.1.1 Sociolinguística	32
2.1.2 Sotaque.....	34
2.2 A TV e o telejornalismo no Brasil.....	36
2.3 Representação e identidade	39
2.4 Rádio e linguagem radiofônica	41
2.4.2 O <i>podcast</i> jornalístico	46
3 REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO	49
3.1. A escuta como metodologia.....	49
3.2 A entrevista como gênero jornalístico condutor	52
4 ETAPAS DE PRODUÇÃO DO <i>PODCAST</i> “SOTAQUES EM TELA”	54
4.1 Pré-produção	54
4.1.1 Definição do tema e objetivo	54
4.1.2 Pesquisa do tema.....	55
4.1.3 Definição do público de interesse/ <i>persona</i>	56
4.1.4 Escolha do nome.....	57
4.1.5 Escolha do gênero e do formato	57

4.1.6 Duração e periodicidade	58
4.1.7 Instituição de parcerias	59
4.1.8 Estruturação das rotinas de produção.....	59
4.2 Produção	60
4.2.1 Definição da pauta	60
4.2.3 Subformatos e coleta de sonoras.....	62
4.2.4 Elaboração do roteiro	63
4.2.5 Testes e viabilidade dos recursos técnicos	64
4.2.6 Gravação.....	64
4.2.7 Identidade visual	65
4.3 Pós-produção	67
4.3.1 Edição	67
4.3.2 Decupagem e limpeza.....	67
4.3.3 Pesquisa sonora.....	68
4.3.4 Sonorização	69
4.3.5 Acessibilidade	69
4.4 Publicação e distribuição	72
5 EPISÓDIOS.....	73
5.1 Temas e estrutura.....	73
5.2 Episódio-piloto	74
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS.....	78
APÊNDICES	82
A. Transcrição acessível do episódio-piloto.....	82
B. Imagem da capa do <i>podcast</i> e descrição acessível	111
C. Imagem da capa do episódio-piloto e descrição acessível	112
D. Interface do <i>podcast</i> no site do laboratório de áudio da FAC/UnB.....	113

E. Interface do <i>podcast</i> na plataforma de <i>streaming Spotify</i>	114
F. Interface do <i>podcast</i> na plataforma de <i>streaming SoundCloud</i>	115
G. Modelo de pauta do episódio 1 (piloto)	116
H. Modelo de pauta do episódio 2	118
I. Modelo de pauta do episódio 3	119
J. Modelo de pauta do episódio 4	120
K. Modelo de pauta do episódio 5	121
L. Roteiro do episódio piloto	122
M. Termo de autorização de uso de voz/imagem	127

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

Tão grande quanto a extensão do território brasileiro, de dimensões continentais, é também a diversidade de falares do seu povo. A língua portuguesa, considerada o idioma oficial do país, desenvolveu-se por meio de contrastes, sejam eles geográficos, sociais ou culturais. Uma das evidências disso está nos diferentes sotaques difundidos pelo Brasil.

Porém, contrariamente à natural característica heterogênea da fala, há forças que agem no sentido oposto de padronizá-la, como consequência de circunstâncias sociopolíticas relacionadas à detenção do poder no decorrer do processo histórico (BORTONI-RICARDO, 2014). Nesse sentido, observa-se uma tendência à padronização da fala e à suavização de sotaques regionais no exercício do telejornalismo de rede nacional, que tomou forma especialmente entre as décadas de 70 e 80 do século XX. Porém, a estética televisual, que antes era bastante rígida, vem se moldando e se adaptando à sociedade contemporânea inserida no contexto de ascensão e consolidação de novas plataformas de mídia.

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso se propôs a abordar e analisar um tema ainda pouco debatido: a construção de uma pronúncia que é própria do telejornalismo brasileiro, se estendendo à questão da representatividade e identidade por meio dos sotaques dos profissionais dos noticiários nacionais e as perspectivas e possibilidades para a representação dessa diversidade nesse meio. Este falar telejornalístico, comumente considerado “sem sotaque”, na verdade não se refere a nenhum lugar ou região do Brasil especificamente. Trata-se, também, de uma abordagem metalinguística, visto que é uma discussão sobre o próprio fazer jornalístico.

A fim de levar essa reflexão para além do campo acadêmico e incluir a participação de pessoas que não são profissionais da área mas atuam, atualmente, como coprodutores, buscou-se pela execução de um produto. Pelo tema tratar-se de um estímulo sonoro, o sotaque, o intuito era a realização de algo que partisse de uma linguagem exclusivamente sonora.

Considerando o fenômeno comunicacional do *podcast* e as múltiplas possibilidades de estrutura e recursos que ele permite, buscando mais proximidade e dinâmica com o(a) ouvinte-leitor(a), foi designado que este seria então o formato do produto. A abordagem se deu por meio de entrevistas, que apesar de permitir mais informalidade por se tratar de um *podcast*, guardaram todos os cuidados que são próprios de uma produção jornalística.

A construção se desenvolveria ao longo de uma série de *podcasts* formada por cinco episódios. Porém, tendo em vista a importância da experimentação mediante um programa teste, apenas o primeiro deles foi produzido, sob a forma de episódio-piloto. Isso proporcionou a constatação de pontos acertados ao longo da produção e execução do programa e de outros que poderiam ser melhorados, com o propósito de alcançar o formato desejado. O episódio encontra-se disponível nas plataformas de *streaming* do *Spotify*¹ e *SoundCloud*².

A gravação do *podcast* seria realizada no Laboratório de Áudio (LabAudio) da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), com todo o suporte técnico que ele oferece. No entanto, no dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus³. No dia seguinte, após decreto do governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, a UnB suspendeu as aulas nos *campi* para evitar a disseminação e o contágio pelo vírus e, no dia 23 do mesmo mês, a universidade suspendeu o calendário acadêmico por período indeterminado enquanto durasse a pandemia⁴.

O estado de calamidade pública ainda persistia quando a instituição decidiu retomar o calendário acadêmico em agosto de 2020, só que com atividades de ensino totalmente à distância. A realização do *podcast* precisou se adaptar, então, à “nova realidade”. Dessa forma, todo o processo precisou ser feito remotamente, influenciando especialmente as entrevistas, utilizando-se de aplicativos de

¹ No *Spotify*, o *podcast* pode ser acessado em: https://open.spotify.com/episode/3dwgMKrYYquEBF35CNepOS?si=p_TEm32ASkqMY-Mnubd1Cw.

² No *SoundCloud*, o *podcast* pode ser acessado em: <https://soundcloud.com/isadora-dueti/sotaques-telejornalismo>.

³ OMS declara pandemia de coronavírus. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 08 de nov. de 2020.

⁴ UnB suspende semestre por conta da Covid-19. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/03/23/unb-suspende-calendario-academico-por-conta-da-covid-19.ghtml>. Acesso em: 08 de nov. de 2020.

mensagens e videoconferência como *WhatsApp* e *Zoom*, respectivamente. Isso viabilizou o experimento de uma nova estrutura de produção que dependesse apenas da *Internet* para se conectar com as entrevistadas e participantes do programa, mostrando as vantagens desse método, como a flexibilidade e a possibilidade de falar com pessoas de diferentes lugares e regiões do país, mas também as suas limitações, como a ausência do controle sobre a qualidade do áudio e da própria condução da entrevista da forma que se teria presencialmente.

1.2 Contextualização

Já não bastasse a vasta extensão territorial, o Brasil foi formado por uma diversidade de etnias, dos nativos indo americanos, aos povos africanos e colonizadores e imigrantes europeus. A esse choque de culturas ao longo da história do país se deve o fato da diferenciação do idioma luso à medida que os povos se misturavam ou se isolavam no espaço geográfico, resultando em uma língua que, após séculos de hibridização, é hoje considerada única: o português brasileiro.

Rodolfo Ilari e Renato Basso, em *O português da gente* (2009), explicam os fatores que influenciaram a construção do português brasileiro. Uma dessas circunstâncias se relaciona, então, à formação do território nacional, que foi definido ao longo do tempo com a incorporação de novas regiões, sob o impacto das expedições de exploração territorial e dos grandes ciclos econômicos, que por fim mais do que triplicou o território atribuído a Portugal pelo Tratado de Tordesilhas. Essa expansão fez com que o português, saindo da costa atlântica, realizasse grande ocupação a oeste pelo interior do país, ocupação esta feita à custa das línguas indígenas, que sempre estiveram aqui presentes.

Para Ilari e Basso, também é relevante considerar três aspectos na efetiva ocupação do espaço: o **crescimento demográfico** do país (em 1872, o primeiro censo da população contabilizou 9,9 milhões de habitantes. *De acordo com o IBGE, em 2020, a população ultrapassava 211 milhões de habitantes*⁵); a **urbanização**, que

⁵ Grifo da autora. Fonte: Portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/08/27/brasil-atinge-2117-milhoes-de-habitantes-diz-ibge.ghtml>.

coincide com o aumento da população (no final do século XIX, as grandes metrópoles brasileiras tinham uma população irrisória, que se comparam ao número de habitantes de cidades bem pequenas atualmente: São Paulo, em 1872, tinha 33 mil habitantes. *Em 2010, pelo IBGE, a taxa de urbanização da população brasileira era de quase 85%, 30% maior do que na década de 70⁶*); e a **ocupação do interior do país**, que é muito recente: até o início do século XX, o interior do Brasil era tido como um território desconhecido (a transferência da capital para Brasília incentivou a interiorização e as migrações internas). Além da urbanização recente e das massas migratórias dentro do país, deve-se considerar também a industrialização, que acentuou as diferenças econômicas e sociais entre o Centro-Sul e o Norte-Nordeste.

Por fim, deve-se levar em conta uma situação que sempre esteve presente na história linguística do Brasil: o **multilinguismo**. Antes dos portugueses chegarem, havia, segundo especialistas, uma população estimada em seis milhões de indígenas, que falavam mais de 300 línguas diferentes entre si. Assim, a história da implantação do português no Brasil foi marcada pela presença de línguas indígenas (desde sempre), do português dos colonizadores, daquelas faladas pelos africanos, das línguas de outros europeus que também tentaram estabelecer colônias no território brasileiro (como franceses, holandeses e espanhóis), e das línguas europeias e asiáticas dos imigrantes que vieram em grande fluxo se estabelecer aqui a partir do final do século XIX. (ILARI e BASSO, 2009)

Muitos são os fatores, portanto, que tendem a diversificar as línguas, como visto pela própria história da formação do Brasil, e que fazem do português aqui falado essa língua tão heterogênea que conhecemos. Em resumo, encontramos no *Guia de pesquisa e documentação para o Inventário Nacional de Diversidade Linguística* do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), de 2016, que:

A **LÍNGUA PORTUGUESA** teve um processo de formação em que línguas africanas e indígenas, sobretudo a partir das línguas gerais paulista e amazônica, tiveram um importante papel na constituição do idioma nacional, tanto para a forma culta quanto para a forma popular, especialmente em sua variedade rural. A essas influências se somam as contribuições dos imigrantes e dos processos migratórios para os quais contribuiu a grande extensão do território brasileiro. Há uma ampla riqueza de usos, práticas e variedades no âmbito da própria

⁶ Fonte: Atlas do Censo Demográfico 2010 do IBGE.

língua portuguesa falada no Brasil, diferenças estas de caráter regional (variações diatópicas) e social (variações diastráticas). Desse modo, podemos também falar em uma grande variedade interna do Português do Brasil (BRASIL, 2016, p. 22).

De acordo com o último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, citado no Guia de pesquisa e documentação do IPHAN, havia no Brasil, à época do levantamento dos dados, 274 línguas indígenas, além de 13 ou mais línguas isoladas, e aproximadamente 56 línguas alóctones⁷ trazidas por imigrantes. Isso sem contar as variedades dentro do próprio português brasileiro, que é ainda mais imensurável.

Porém, no sentido oposto da ampla riqueza de usos da língua, há tendências que agem no sentido de padronizá-la, e dentre elas o prestígio apresenta-se como fator mais poderoso, conforme afirma Langacker (1980, p. 62 *apud* MENDES, 2006, p. 37): “a maneira de falar de pessoas proeminentes e admiradas é frequentemente adotada como padrão ou modelo, embora não haja razão para crer-se ter qualquer dialeto de uma língua maiores méritos intrínsecos do que outros”.

Segundo Halliday (1974, p. 108 *apud* Mendes, 2006, p. 38), “o aparecimento de uma língua padrão dá origem ao fenômeno do ‘sotaque’, que é muito diferente do dialeto”. Assim, o sotaque só existe porque há uma pronúncia padrão. Ele se encontra na alteridade, logo, em tudo o que foge do falar padronizado ou da esfera do contexto linguístico de quem fala.

Os valores atribuídos aos sotaques se relacionam não pelo fato de que uma determinada maneira de falar seja melhor ou mais correta que outra (ver item 2.1, sobre Linguística), mas sim porque são capazes de identificar a origem do falante. Desta forma, o juízo que se faz de um sotaque reflete o juízo que se tem daquele lugar ou daquela esfera sociocultural. Nesse sentido, os elementos acima mencionados que moldaram a construção do português brasileiro, além de agirem na diversidade da cultura e conseqüentemente de uma mesma língua dentro de um espaço geográfico, também influenciam nos estereótipos e valores a que se atribuem o prestígio cultural e linguístico.

⁷ Alóctone significa o que não tem suas origens no lugar onde habita. “No campo da Linguística, o termo se aplica às línguas não originárias de uma dada terra, região ou país, mas resultantes de processos sócio-históricos de imigração e contatos linguísticos” (SILVA, 2015, p. 7).

As pronúncias mais prestigiadas normalmente se referem a de locais mais cosmopolitas e desenvolvidos economicamente, que são consideradas mais próximas ao padrão. Essa padronização se reproduz constantemente na representação que se tem de uma língua, disseminando a ideia de um falar neutro e unificado em detrimento das características e identidades regionais.

Batista e Figueiredo (2009) destacam que:

Os sotaques definem as marcas acústicas de quase todas as populações do país, porém existem, ainda, algumas regiões que se definem sem sotaque ou com sotaque neutro. Este padrão é citado como o utilizado na TV. Este veículo, a televisão, é um definidor de culturas linguísticas, responsável pela disseminação não só de entretenimento, informação e notícia, mas dotado de práticas discursivas que interferem de uma forma abrangente o povo brasileiro. (BATISTA; FIGUEIREDO, 2009, p. 2)

No que tange ao papel da mídia na construção de significados, Silverstone (2002 *apud* MENDES, 2006, p. 63) considera que “[ela] é essencial no processo de fazer distinções e juízos (questão ética e estética) porque ela medeia ‘a dialética entre a classificação que forma a experiência e à experiência que dá colorido à classificação’”. Assim, para Roger Silverstone a mídia integra o nosso cotidiano e oferece estruturas para o nosso dia, e estudá-la compreende investigar o papel da mídia na formação da experiência simbólica e vice-versa.

No Brasil, de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 realizada pelo Ibope, a televisão é o meio de comunicação mais acessado, sendo o principal meio de informação de 63% dos brasileiros, e de 89% se consideradas as duas principais opções dos entrevistados (Figura 1). Em relação à frequência, 77% dizem assistir à televisão todos os dias (Figura 2).

Figura 1: Tabela da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 mostra TV como meio preferido de informação.

P01) Em que meio de comunicação o(a) sr(a) se informa mais sobre o que acontece no Brasil? E em segundo lugar? **(ESTIMULADA - ATÉ DUAS MENÇÕES)**

Base: Amostra (15050)	1ª MENÇÃO	1ª+2ª MENÇÕES
TV	63%	89%
Internet	26%	49%
Rádio	7%	30%
Jornal	3%	12%
Revista	0%	1%
Meio externo (placas publicitárias, outdoor, ônibus, elevador, metrô, aeroporto)	0%	0%
Outro (Esp.)	0%	2%
NS/ NR	0%	0%

Fonte: Pesquisa Brasileira de Mídia 2016

Figura 2: Tabela da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 mostra frequência de uso da TV.

P02A) Quantos dias da semana, de segunda a domingo, o(a) sr.(a) assiste TV **(RU)**

Base: Amostra (15050)	
1 dia por semana ou menos	3%
2 dias por semana	4%
3 dias por semana	5%
4 dias por semana	3%
5 dias por semana	4%
6 dias por semana	2%
7 dias por semana/ Todos os dias	77%
Nunca/ Não assiste/ ouve/ lê/ navega	3%
NS/NR	0%

Fonte: Pesquisa Brasileira de Mídia 2016

Observa-se, portanto, que a televisão segue sendo o meio de comunicação que mais abrange a população brasileira, sendo acessada por quase a sua totalidade. Só a Rede Globo, que conforme a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 é a emissora de TV aberta mais consumida pelos brasileiros (Figura 3), entre janeiro e setembro de 2017, “teve um alcance médio diário de 98 milhões de pessoas, o maior índice desde 2011”⁸.

⁸ Fonte: *O Globo*. Disponível em <https://oglobo.globo.com/economia/campanha-celebra-alcance-de-mais-de-cem-milhoes-da-globo-21979254>. Acesso em 10 out. 2020.

Figura 3: Tabela da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 mostra que a Rede Globo é a emissora mais consumida pelos brasileiros.

P06) Qual emissora de TV aberta ou paga o(a) sr(a) mais assiste? E a segunda emissora que o(a) sr(a) mais assiste? (ESPONTÂNEA – ATÉ DUAS MENÇÕES)

Base: para quem costuma assistir TV (14666)	1ª MENÇÃO	1ª+2ª MENÇÕES
Globo	56%	73%
SBT	11%	36%
Record	12%	32%
Band	3%	11%
Globo News	1%	2%
SporTV	1%	2%
Discovery Channel	1%	2%
Fox	1%	2%
RBS TV	1%	1%
Cultura	0%	1%

Fonte: Pesquisa Brasileira de Mídia 2016

Dessa forma, assim como a televisão, o telejornalismo também se faz presente na vida cotidiana de grande parte da população. Por meio dos noticiários de rede nacional, a maioria dos brasileiros se informa sobre os principais acontecimentos do país, o que, de certa forma, possibilita o contato e o conhecimento das diversas regiões através da representação midiática. Muitas vezes, este contato é o único que uma pessoa do Sul do Brasil, por exemplo, tem com o Norte do país, ou com qualquer outra região, ajudando a construir a nossa própria percepção da realidade e das diferentes culturas regionais. É, também, uma forma de associar a nossa identidade ao ver a televisão representar o local em que moramos.

No entanto, quando falamos de sotaque, notamos que a história do telejornalismo brasileiro seguiu, por muito tempo, no caminho inverso à representação da diversidade regional e cultural, na tentativa de estabelecer um falar unificado e homogêneo aos profissionais dos noticiários nacionais.

Essa construção do falar do telejornalismo passa pela atual maior emissora brasileira. Exibido desde 1º de setembro de 1969, o Jornal Nacional (JN), produzido pela Rede Globo, foi o primeiro telejornal transmitido em rede nacional no país e se configura hoje como o programa de maior audiência da emissora. De acordo com Mendes (2006), desde que foi criado, o JN se apresenta como o telejornal da nação

brasileira, como denota seus primeiros *slogans* “A notícia unindo seis milhões de brasileiros” (número de pessoas com acesso a uma televisão na época) e “Três anos de liderança integrando o Brasil através da notícia”.

Para Conrado Pereira Mendes, “percebe-se que esse telejornal, mais que a função de narrar fatos, mostra-se como um fator de aglutinação da nação brasileira e, de certo modo, acaba virando um legitimador dessa ideia” (MENDES, 2006, p. 15). Neste contexto, entra a construção do falar do Jornal Nacional como um falar híbrido, considerado muitas vezes como o “sotaque neutro”, que não retrata nenhum lugar do Brasil de maneira específica, afastando-se da identidade linguística de cada região.

Em 1983, a emissora lançou os telejornais locais *RJTV*, *SPTV*, *MGTV*, *NETV* e *DFTV*, sob o preceito de que as informações produzidas regionalmente não teriam muita relação com a cobertura nacional. Segundo Mendes (2006), este fato caracteriza a divisão do jornalismo da Rede Globo em local e de rede. A partir de então ganha relevância a qualificação dos jornalistas para trabalhar em rede nacional, com treinamento na sede da emissora, no Rio de Janeiro.

Assim, a Central de Afiliadas à Rede Globo cria o *Prodetaf* (Projeto de Desenvolvimento do Telejornalismo das Afiliadas), com o objetivo de criar um padrão de qualidade entre todas as emissoras da Rede Globo, minimizando as diferenças regionais. Desta forma, adotou-se como nacional um padrão que havia sido estabelecido em um congresso de filologia em Salvador, em 1956, que firmou o carioca como pronúncia padrão, porém com algumas exceções, como a ausência do “s” chiado, mesclando características do falar do eixo Rio-São Paulo. Este padrão foi baseado na ideia de compreensibilidade, de acordo com a qual a notícia deve alcançar o maior número de pessoas (MENDES, 2006).

Há, ainda, a questão da aceitação da pronúncia do repórter e do apresentador. Ana Lúcia Medeiros, em *Sotaques na TV* (2006), ao mencionar o Manual de Telejornalismo da Central Globo de Jornalismo, lançado entre as décadas de 70 e 80, do qual um dos capítulos trata sobre a maneira de falar dos profissionais, destaca a distinção feita pelo Manual entre a pronúncia do repórter, que eventualmente pode apresentar sotaque, da pronúncia do apresentador, a qual deve ter mais neutralidade.

Atualmente, em setembro de 2019, o Jornal Nacional completou 50 anos no ar e anunciou que, em comemoração, o “boa noite” do JN exibiria 27 diferentes rostos e

sotaques nas noites de sábado, entre 31 de agosto e 30 de novembro daquele ano. Seriam apresentadores de afiliadas da emissora dos 26 estados e do Distrito Federal. A notícia foi recebida com muita euforia não somente pelos apresentadores sorteados para participar do programa, como também pelos telespectadores de diferentes regiões do país que seriam representados por seus conterrâneos no maior programa telejornalístico da televisão brasileira.

O debate sobre os sotaques e a sua valorização, portanto, compreendem duas questões bastante atuais nas esferas de discussão da nossa sociedade: a representatividade e a desconstrução e revisão de preconceitos. Por muito tempo a mídia refletiu uma estética e comportamento social pautados em modelos de padronização, mas atualmente, principalmente devido à maior participação dos telespectadores, os quais acabam agindo também como coprodutores com a facilidade de interação via redes sociais, observa-se um movimento de questionamento aos padrões adotados e uma importante busca pela representação da diversidade em todos os espaços.

É nessa perspectiva que o presente trabalho busca abordar uma questão que ainda precisa ser muito discutida: a valorização das diferentes variedades linguísticas brasileiras sem julgamentos ou estereótipos e a representação dessa diversidade de falares dentro do telejornalismo de rede nacional, como um meio que atinge grande parte da população e que, logo, se apresenta como um mecanismo de mediação entre pessoas de diferentes regiões.

1.3 O objeto e a problemática de pesquisa

Posto que ainda hoje observa-se a tendência à suavização das características regionais na pronúncia dos telejornalistas, mesmo com uma relativa abertura à participação da diversidade de falas, a motivação inicial deste trabalho era tratar das questões sobre a identidade cultural e geográfica retratada nos noticiários nacionais através dos profissionais dessa área. Para isso, fez-se necessário discutir não apenas o processo jornalístico no contexto televisivo e sua formação histórica, como também o preconceito linguístico construído ao longo do tempo na sociedade brasileira. Neste

cenário, o debate procurou abranger, da mesma forma, também os espectadores e o seu papel na reprodução desse ciclo pela preferência do “sotaque neutro”. Sendo assim, o tema da pesquisa é a representatividade de sotaques regionais nos noticiários televisivos nacionais no Brasil.

Considerando a construção do português brasileiro como o conhecemos hoje, suas modificações ao longo da história e os fatores relacionados à atribuição de valores da língua, pretendeu-se investigar a influência que o prestígio social dado a uma variedade exerce sobre o trabalho jornalístico na televisão e vice versa. Neste sentido, questiona-se a valorização da fala considerada sem sotaque em detrimento de outros sotaques no exercício do telejornalismo, com vista a debater a identidade regional e a identidade profissional do telejornalista, bem como os limites e as possibilidades entre essas duas esferas.

Perante essa problemática, apresenta-se o **objeto de estudos** deste trabalho: *a produção do episódio-piloto da série jornalística do podcast denominado “Sotaques em Tela”, sobre a representatividade por meio dos sotaques de telejornalistas de rede nacional, sendo o mencionado piloto direcionado ao debate conceitual e histórico entre a atribuição de valores às diferentes variedades linguísticas no país e a construção da linguagem padrão prestigiada nos noticiários.*

Diante da definição do objeto, é possível apontar algumas questões sobre as quais essa pesquisa se dedica, a saber: Existe algum modo de falar que seja ausente de sotaque? Se não, por que algumas pessoas acreditam que não tenham sotaque? Por que alguns sotaques são mais aceitos do que outros e como isso influenciou/influencia no padrão telejornalístico? O sotaque no telejornalismo é um ruído ou uma afirmação de identidade bem vista pelo telespectador? Como a fala e a representação de sotaques na televisão podem influenciar a ideia que temos das diferentes regiões e culturas brasileiras? Quais as perspectivas e possibilidades para a inclusão de mais jornalistas de rede nacional com sotaque de marcas regionais na TV?

Dito isto, segue a definição, em síntese, dos objetivos do trabalho.

1.4 Síntese dos objetivos da pesquisa

Com base em estudos sobre Sociolinguística e história do telejornalismo (ver tópico 2 do trabalho), a série de *podcasts* jornalísticos imaginada buscava entrevistar especialistas linguísticos e fonoaudiólogos, jornalistas, repórteres e editores de telejornal, bem como espectadores, a fim de compreender a relação entre a diversidade de sotaques no país e o falar construído no telejornalismo e refletir os obstáculos e as perspectivas em relação ao tema. Na realização do episódio-piloto, por tratar-se de um episódio contextual-histórico, foram entrevistadas uma professora e doutora em Linguística⁹, uma jornalista com pesquisas sobre sotaques na televisão¹⁰, uma fonoaudióloga¹¹ e telespectadores.

Desta forma, utilizando-se da linguagem sonora e a possibilidade jornalística do *podcast*, o trabalho teve como objetivo geral captar, ponderar e transmitir um debate sobre a representatividade regional pelos sotaques dos profissionais de telejornalismo e compreender a construção do padrão linguístico no telejornalismo e as suas implicações na atuação dos profissionais da área bem como na identidade regional dos mesmos, suas dificuldades, limitações, possibilidades e outras questões associadas ao tema.

Neste contexto, o episódio-piloto assumiu como principal objetivo a abordagem histórica da formação do sotaque brasileiro e o conseqüente preconceito associado a determinadas variações linguísticas em detrimento de outras e a sua influência acerca do modo de falar idealizado no telejornalismo nacional, a fim de discutir a representação das culturas brasileiras e a relação entre identidade regional e identidade profissional dos repórteres e apresentadores de noticiários de rede nacional.

A síntese dos objetivos do trabalho está estruturada no quadro abaixo:

⁹ Vanderci Andrade de Aguilera é professora sênior da Universidade Estadual de Londrina, autora do Atlas Linguístico do Paraná e coordenadora da regional Paraná do Atlas Linguístico do Brasil, atuando também como diretora científica desse projeto.

¹⁰ Ana Lúcia Medeiros é jornalista formada pela Universidade Federal da Paraíba, doutora e mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília. Sua pesquisa de mestrado, *Outros falares, outros olhares: os sotaques no telejornalismo e na telenovela*, deu origem ao livro *Sotaques na TV* (Annablume, 2006).

¹¹ Ana Carolina Fernandes é professora, fonoaudióloga e coordenadora do projeto IntraFoco na UnBTV, que trabalha a fala, a dicção e a performance comunicativa dos profissionais.

Quadro 1: Síntese dos objetivos de pesquisa e produção do *podcast* “Sotaques em Tela”.

Esta pesquisa se propôs a:	Produzir o episódio piloto da série de <i>podcasts</i> jornalísticos “Sotaques em Tela”, cujo tema é a representatividade por meio dos sotaques de telejornalistas de rede nacional, sendo o mencionado piloto dirigido especialmente à abordagem conceitual e histórica entre a diversidade de sotaques no Brasil e a construção da linguagem padrão prestigiada nos noticiários.
Com a finalidade de:	Compreender , por meio de entrevistas jornalísticas com base na linguagem sonora e nas interações que o formato <i>podcast</i> permite, a relação entre a formação da diversidade de sotaques no país e um falar que é próprio do telejornalismo nacional e as possíveis modificações deste padrão.
Para:	Adquirir e compartilhar conhecimentos que refletem as viabilidades como também as limitações do <i>podcast</i> enquanto modalidade jornalística na discussão de temas sobre representatividade e para o próprio debate de um objeto jornalístico, no caso, o telejornalismo.
O que permitiu:	Contribuir para uma reflexão jornalística e científica sobre um tema ainda sensível e pouco debatido, o do próprio fazer jornalístico, especialmente no que tange à representatividade por meio da diversidade da fala de profissionais atuando nos meios de maior visibilidade da área; descobrir a importância do episódio-piloto na produção de <i>podcasts</i> jornalísticos; entender , com base metodológica, todo o procedimento de produção de um <i>podcast</i> .

Fonte: Elaboração própria.

Isso posto, apresentam-se, a seguir, os fatores que motivaram a realização deste trabalho.

1.5 Justificativa

1.5.1 Da questão do sotaque

O ponto de partida para a concepção deste trabalho se deve a um fator pessoal enquanto mato-grossense estudante de jornalismo que teve a oportunidade de trabalhar na redação de uma emissora de televisão nacional. Pela vivência individual, tendo nascido em Cuiabá (MT) e lá ter morado por vinte anos até me mudar para Brasília, não havia constatado até então as diferenças na forma como pronuncio os fonemas em relação às pessoas ao meu redor.

Essas diferenças, no entanto, tornaram-se evidentes ao residir em um lugar que não fosse a minha cidade natal. A fácil identificação que as pessoas faziam de que eu não era brasiliense apenas pela minha pronúncia apresentou-se, para mim, como um fato curioso. Porém, o mais curioso foi descobrir por meio dos brasilienses que eu tinha “sotaque”, algo que eu mesma nunca percebera, enquanto reconhecia sem dificuldades o sotaque de alguém nascido na capital brasileira.

Nas interações sociais do dia a dia, destacava-se a minha pronúncia do “R”, que se assemelha ao popularmente denominado “R caipira”. Segundo a fonética, ramo da Linguística (discorrerei sobre esta ciência adiante) que estuda as unidades mínimas que formam os sons da fala, essa característica se deve pela presença do /R/ em posição de coda silábica¹² como retroflexo quando a fala é articulada. Nessa articulação, a parte inferior da língua toca a região do céu da boca, e não a parte superior como nos outros sons (ANTUNES; LOURDES, 2016).

Apesar de pouco prestigiado, o /R/ retroflexo é presente na pronúncia de muitos estados brasileiros. Era dominante, inclusive, até entre a população mais culta da antiga província de São Paulo, mas com o advento da urbanização passou a ser associado à população rural, considerada inculta e ultrapassada. Este juízo de valor linguístico é perpetuado não apenas pela sociedade, mas também pelos meios de comunicação ao prestigiar determinadas variações linguísticas, tidas como padrão, em detrimento de outras. E no telejornalismo não é diferente.

¹² Posição posvocálica, ocupada por sons que ocorrem depois de uma vogal dentro de uma sílaba (ANTUNES; LOURDES, 2016).

Para se inserir no mercado de trabalho, a tendência é que o comunicador com um falar regional característico atenuar seus traços dialetais. Logo, o espectador está historicamente acostumado a ouvir e dar preferência à fala com sotaque suavizado.

Inseridos neste ciclo de retroalimentação, os profissionais da comunicação ainda buscam suavizar aspectos considerados desprestigiados em seu sotaque, especialmente quando passam a atuar nos meios de comunicação em massa com alcance nacional (NARECE, 2015, p. 20).

Faço questionar, ainda, por que algumas pronúncias são consideradas “padrão” e sem características dialetais, conhecidas como “sotaque neutro”, e por isso são mais prestigiadas? Com base em que se deve essa suposta neutralidade? É o que acontece, por exemplo, com o falar brasiliense, o qual é muito semelhante ao padronizado pelos meios de comunicação.

[...] fenômeno linguístico interessante encontra-se presente na fala dos indivíduos nascidos no Distrito Federal, que parecem definir padrões linguísticos diversos dos de seus pais, fenômeno que tem se refletido principalmente na constituição de uma pronúncia particular e nova, emoldurada em um discurso corrente em Brasília de uma fala neutra, sem sotaque (BARBOSA, 2002, p. 11).

No exercício da profissão, me deparei com questões como esta. Mas por que o sotaque brasiliense, assim como o do eixo Rio-São Paulo, é mais “adequado” para a televisão e o sotaque mato-grossense, bem como muitos outros, são considerados desprestigiados ou inadequados? Todos esses questionamentos, tal qual a escassez de pesquisas sobre o tema e a necessidade de se falar especificamente sobre a padronização e diversidade de pronúncias no telejornalismo, urgiram para a abordagem deste assunto no presente trabalho.

Ademais, cabe à justificativa os valores-notícia relacionados ao tema, definidos como os atributos que orientam no processo jornalístico da seleção primária de notícias. Eles se relacionam à qualidade dos eventos, ou seja, é o que demonstra o potencial de algo ser transformado em notícia. Nos primeiros estudos sobre os critérios de noticiabilidade no jornalismo, eles eram muito mais relacionados ao ineditismo do fato, ao interesse público, à notoriedade dos envolvidos dentre outros fatores. Porém, como ressalta Silva (2014), os “valores-notícia evoluem com o tempo,

não constituindo arquétipos imutáveis [...] reconhecê-los ao mesmo tempo como construção social e cultural é apenas um primeiro procedimento para pensar a noticiabilidade” (SILVA, 2014, p. 67).

Na evolução desses critérios na construção sociocultural, o tema desenvolvido remete ao “interessante, uma informação que o público gostaria de saber, uma informação agradável de se saber” (SILVA, 2014, p. 63), em oposição ao *hard news*, aquilo que todos precisam saber logo que ocorrido pela atualidade e importância do acontecimento.

Atualmente, principalmente em razão da possibilidade de interação com o público, que passa a agir como coprodutor da informação, por meio das plataformas digitais, cresce cada vez mais o debate sobre a questão da representatividade nos diferentes espaços. A mídia televisual, como importante elemento de mediação e construção de significados e que por décadas reproduziu um padrão estético-comportamental, se apresenta, agora, como importante agente neste debate.

1.5.2 Do *podcast* e o episódio-piloto

Desde a concepção do tema, a ideia era construir um produto que explorasse exclusivamente a linguagem sonora para, assim como o sotaque, focar na percepção auditiva sem a interferência de outros elementos (como a imagem influencia em uma reportagem de televisão, por exemplo). Assim, desde o início, o intuito era a exploração do tema por meio da linguagem radiofônica distribuída em série.

O formato *podcast* foi escolhido devido às possibilidades de interação que ele sugere com o(a) ouvinte-leitor(a) e ao fenômeno de comunicação como tem se mostrado, capaz de alcançar um público diferente daquele das mídias tradicionais. Segundo a pesquisa *Podcast Stats Soundbites*, o Brasil é o segundo país que mais consome *podcasts*, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (MARI, 2019). De acordo com o *Spotify*, uma das principais plataformas de áudio *streaming*, o consumo mensal de *podcasts* cresce cerca de 21% desde o início de 2018 (BARSOTTI e SANTA CRUZ, 2020).

Além disso, o formato definido permite a inserção de subformatos que retêm a atenção do público, especialmente daquele mais acostumado com a dinâmica

comunicacional das plataformas tecnológicas contemporâneas, aliado ao uso de técnicas de radiojornalismo e guardando assim todos os cuidados de uma produção jornalística. A ideia era, portanto, utilizar uma estrutura que pudesse passar a sensação de proximidade com o(a) ouvinte-leitor(a) para debater com profundidade um tema de relevância para a sociedade sob um tratamento jornalístico.

Já a concepção do episódio-piloto baseou-se pela necessidade de testar o formato e a linguagem planejados para a série de *podcasts*. Mário Kaplún (2017) afirma que no “piloto captamos as características formais do programa e ele nos serve de prova para saber se a ideia concebida funciona, se produz algo radiofônico e pedagogicamente eficaz.” (KAPLÚN, 2017, p. 237).

A estratégia do piloto serve para ajustar a produção, conhecer quais métodos podem funcionar para o objetivo proposto e quais devem ser reformulados. Para alcançar a estrutura idealizada e saber com mais assertividade a sua viabilidade, é necessário, portanto, que o episódio-teste seja produzido sob as mesmas condições que o programa levado ao ar teria para ser produzido. Nesse mesmo sentido, Kaplún (2017) ressalta ainda a importância da escuta do episódio-piloto por especialistas ou por grupos de ouvintes, aos quais se destina, antes do lançamento público, a fim de coletar suas reações, observações e críticas, pois isso pode colaborar para as melhorias do programa.

Tendo em vista a importância do piloto, uma metodologia empregada em muitos meios de comunicação como também na área científica como ensaio de algo novo, optou-se então pela realização do episódio experimental como produto deste trabalho, levando em consideração os aspectos acima mencionados, como a produção o mais próxima possível dos termos sob os quais seria executado na prática e a avaliação e considerações do público que se pretende atingir.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Da Gramática Tradicional ao estudo não prescritivo da língua

Marcos Bagno, um dos grandes linguistas brasileiros, no capítulo *Não põe corda no meu bloco*, na obra *Português ou Brasileiro* (2004), discorre didaticamente sobre a evolução dos estudos linguísticos. Segundo ele, os primeiros estudos dedicados à língua tiveram início por volta do século III a.C. na cidade de Alexandria, no Egito, importante centro da cultura grega na época. Os estudiosos da literatura clássica da Grécia empenharam-se em preservar na maior “pureza” a língua grega, que naquele tempo já divergia bastante da língua usada pelos escritores do passado, dentre eles Homero, autor da *Ilíada* e da *Odisseia*.

Esses estudiosos, denominados filólogos, decidiram descrever as regras gramaticais utilizadas pelos autores clássicos para que elas servissem de padrão para quem posteriormente viesse a escrever obras literárias em grego. Assim surgiu a gramática (que em grego significa “a arte de escrever”), cujo campo de estudo, este dirigido somente ao uso da língua literária pelos grandes autores clássicos, é denominado hoje como Gramática Tradicional (GT).

Essa tradição perdurou por mais de dois mil anos e apenas no final do século XIX e início do século XX começou a ser criticada. Para o linguista inglês John Lyons (1968 *apud* Bagno, 2004), essa forma de analisar as ocorrências linguísticas proposta pelos gramáticos alexandrinos apresentava dois equívocos, que se unem para formar o que ele denomina o “erro clássico” do estudo da linguagem. O primeiro é a divisão rígida entre língua escrita e língua falada; o segundo é a maneira de encarar a mudança das línguas.

Essa dedicação restrita à língua escrita, ignorando toda a língua falada, é uma das principais críticas dos linguistas em relação à Gramática Tradicional. Isso porque toda língua antes de ser escrita é falada, abrangendo inclusive muito mais pessoas em questão de quantidade. “Até hoje (...) milhões e milhões de pessoas nascem, crescem, vivem e morrem sem saber ler nem escrever, mas sabendo perfeitamente falar a sua língua materna (e às vezes até mais de uma língua)” (BAGNO, 2004, p. 16). Além disso, qualquer mudança em uma língua ocorre primeiro na fala para só

depois, quando já aceita pela sociedade, modificar também a escrita. A Gramática é, portanto, uma pequena área (língua escrita literária) que se insere em uma esfera maior (língua escrita) que, por sua vez, está contida em um universo maior ainda: a língua falada.

Com o tempo, essa gramática que só abordava a linguagem escrita literária passou a ser utilizada como preceito para determinar qualquer uso da língua oral e escrita. Assim, apenas o que estava dentro da gramática era considerado “certo”. Bagno (2004, p. 17) diz que isso se transformou em um “instrumento de poder e dominação de uma pequena parcela da sociedade sobre todos os demais membros dela”, uma vez que poucas pessoas sabiam ler e escrever.

Entre os séculos XIX e XX, então, os estudos linguísticos vigentes começaram a ser questionados, em especial porque se tratavam de “teorizações dos fenômenos da linguagem, nunca foram hipóteses científicas postas à prova em experimentações empíricas” (BAGNO, 2004, p. 22), dando origem a uma nova forma de estudar a língua, agora usando de método científico: a Linguística.

Ainda segundo Bagno, o que conhecemos como Linguística atualmente diz respeito a todos os estudos contemporâneos e antigos sobre a linguagem, inclusive a Gramática Tradicional, mas data-se o nascimento da Linguística moderna no ano de 1916, com a publicação, em francês, do livro *Curso de Linguística Geral*, do linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913)¹³.

Desse modo, a Linguística é definida como a disciplina que estuda cientificamente a linguagem, entendendo como linguagem a capacidade *exclusivamente humana* de se comunicar através de línguas. “Por sua vez, o termo ‘língua’ é normalmente definido como um sistema de signos vocais utilizado como meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística” (MARTELOTTA, 2011, p. 16).

Quando se fala em caráter científico, significa dizer que nela se observam requisitos que caracterizam as ciências de forma geral, pois: a) possui um objeto de

¹³ O livro foi publicado três anos depois da morte de Saussure por dois de seus alunos, Charles Bally e Albert Sècheyhay, que reuniram as anotações que tomaram durante as aulas. “Mas é sempre prudente não imaginar que a Linguística surgiu assim, com data marcada [...] as bases da moderna ciência da linguagem já tinham sido lançadas durante o século XIX pelo trabalho investigativo de muitos pesquisadores, sobretudo dos que se ocupavam com os estudos de comparação entre as diferentes línguas, estudos aos quais se dedicava o próprio Saussure” (BAGNO, 2004, p. 23).

estudo próprio (a capacidade da linguagem); b) tende a basear suas descobertas em métodos rígidos de investigação, sendo empírica e não especulativa ou intuitiva; c) tem caráter não preconceituoso ao considerar que toda manifestação linguística é digna de estudo e analisá-las sem juízo de valor, o que a torna uma ciência descritiva, analítica, e não prescritiva ou normativa.

A linguística considera, pois, que nenhuma língua é intrinsecamente melhor ou pior do que outra, uma vez que todo sistema linguístico é capaz de expressar adequadamente a cultura do povo que a fala. [...] respeita qualquer variação que uma língua apresente, independentemente da região e do grupo social que a utilize. Isso porque é natural que toda língua apresente variações – de pronúncia (*falar vs. falá; bicicleta vs. bicireta*), de vocabulário (*aipim/macaxeira; abóbora/jerimum*) ou de sintaxe (*casa de Paulo/casa do Paulo*) – que manifestam níveis semelhantes de complexidade estrutural e funcional (MARTELOTTA, 2011, p. 20-21).

O comportamento metodológico utilizado pela linguística resulta, portanto, como consequência natural do seu objeto de estudo, considerando que a variação é uma característica inerente à língua, a qual muda no tempo e no espaço, cabendo ao pesquisador descrever com objetividade o real uso que as pessoas fazem de uma língua. Outra mudança é que passa a ser priorizada a análise da língua falada, pois é onde a linguagem se expressa de forma mais natural, apesar de a linguística se interessar também pela escrita.

Assim, através da análise objetiva da manifestação oral, escrita ou gestual (no caso da língua de sinais), a linguística busca compreender os princípios que regem essa capacidade exclusiva ao ser humano de se expressar por meio de línguas, cujos objetivos são “[...] o estudo das línguas particulares como um fim em si mesmo, com o propósito de produzir descrições adequadas de cada uma delas, e o estudo das línguas como um meio para obter informações sobre a natureza da linguagem de um modo geral” (MARTELOTTA, 2011, p. 21).

Com o tempo, a Linguística foi então desenvolvendo seus estudos e se ramificando.

2.1.1 Sociolinguística

A relação entre a linguagem humana e a sociedade é uma competência da Sociolinguística, a qual se encarrega também das variações linguísticas como o sotaque, que é o objeto deste trabalho. A Sociolinguística, enquanto ciência autônoma e interdisciplinar, surgiu em meados do século XX com os estudos de William Labov¹⁴. Marcos Bagno assim a define:

O estudo das relações que existem entre todos aqueles fatores usados para classificar um falante (idade, sexo, escolaridade, origem geográfica etc.) e o modo como ele fala (a variedade linguística dele) [...]. Depois da chegada da Sociolinguística, ficou difícil aceitar declarações genéricas do tipo: 'Em português tal coisa se diz assim'. O sociolinguista na mesma hora vai querer saber: mas que português é esse? Falado no Brasil, em Portugal ou em Angola? Falado em que região, por que falantes, de que idade, de que nível de escolaridade etc.? (BAGNO, 2004, p. 43).

Para a Sociolinguística, portanto, a língua não é um bloco compacto, homogêneo e imutável, pelo contrário, ela muda com o tempo e o espaço. Até uma mesma língua, no mesmo tempo e espaço, pode variar conforme a situação social do falante (formalidade, informalidade, hierarquias, intimidade etc.). Esse aspecto variacional do estudo científico da língua se baseia em duas premissas que fizeram emergir a Sociolinguística, as quais Stella Maris Bortoni-Ricardo (2014) define como: o relativismo cultural, segundo o qual uma manifestação cultural prestigiada na sociedade não é intrinsecamente superior a outras; e a heterogeneidade linguística, as variações que ocorrem naturalmente na língua devido a fatores sociais, culturais, geográficos, históricos ou simplesmente pelo contexto de fala.

A sociolinguista Stella Maris diz ainda que, inicialmente, os estudos sociolinguísticos eram voltados para a descrição das variações e fenômenos de mudança da língua, expandindo-se para outros aspectos da linguagem humana posteriormente. De acordo com John Gumperz, citado por Bortoni-Ricardo:

¹⁴ William Labov é um linguista estadunidense reconhecido por introduzir na Linguística questões sobre a heterogeneidade da língua, e portanto, fundador da Sociolinguística variacionista. Uma das principais ideias desta área de estudo é que a variação é inerente à linguística, não apenas normal como também necessária para o funcionamento de uma língua. Disponível em: <https://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199772810/obo-9780199772810-0195.xml>. Acesso em: 17 fev. 2020.

Desde meados dos anos 1960, quando o termo sociolinguística apenas começava a ser aceito, essa disciplina vem ampliando seus objetivos iniciais de investigação, muito além da explicação dos processos de mudança e difusão linguísticos. Na atualidade, especialmente durante a última década, converteu-se em uma disciplina central, preocupada com todos os aspectos da comunicação verbal nas sociedades humanas. Em particular, com as formas como a comunicação influi e reflete as relações de poder e dominação, com o papel que a linguagem joga na formação e perpetuação de instituições sociais, assim como, com a transmissão da cultura (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 13).

É essencial, pois, afastar-se de qualquer juízo de valor ao analisar a linguagem humana de forma científica. Na Sociolinguística, não há maneiras “certas” ou “erradas” de falar, apenas formas diferentes que também podem variar conforme a adequação contextual. Para Marcos Bagno (1999):

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam (BAGNO, 1999, p. 51).

Bagno (1999) explica ainda que o alto grau de variação da língua no nosso país se deve não apenas ao fator geográfico, mas também às injustiças sociais que resultam em um grande distanciamento linguístico entre os falantes de variedades não-padrão do português brasileiro, que são a maioria da população, e os falantes da considerada norma culta da língua, aquela prescrita pela Gramática Tradicional, uma vez que o contato com esta última ocorre por meio do ensino na escola. O linguista destaca que a educação no Brasil é um privilégio de poucos, e que, por isso, muitos brasileiros ficam à margem do domínio da língua culta.

[...] se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder [...]. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada [...] por parte dos falantes do português-padrão (BAGNO, 1999, p. 16-17).

Para o linguista, este é um dos principais fatores que incorrem no preconceito linguístico, pois julga-se o falante pelo *status* social que ele ocupa com base na maneira que ele fala, e o trabalho da Sociolinguística é, portanto, desconstruir o “mito” da homogeneidade do português brasileiro e valorizar a diversidade linguística do país.

2.1.2 Sotaque

Ante o exposto, compreender em que contexto se desenvolveu a Linguística e sobre o que ela trata é fundamental, pois, para analisar o tema principal do trabalho: o sotaque, uma vez que é a ciência que estuda o fenômeno. Entender o caráter não prescritivo da Linguística e a relação dinâmica entre língua e sociedade a qual se insere nos estudos da Sociolinguística é imprescindível para discorrer sobre sotaque de forma científica e sem juízo de valor.

Crystal (2011), em *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*, define sotaque como o efeito auditivo das características de pronúncia que identificam a origem regional ou social de um falante. De acordo com a Literatura Linguística, se refere somente à pronúncia, diferenciando-se do dialeto, o qual diz respeito também à gramática e ao vocabulário. Assim, o sotaque corresponde apenas aos aspectos articulatórios que identificam as diferentes pronúncias dentro de uma língua, sendo pronúncia a forma como os sons da fala são articulados por cada indivíduo (RAMOS, 2015).

De acordo com Crystal (2011), os sotaques que caracterizam regionalmente a origem do falante podem ocorrer dentro de um mesmo país (como os que identificam comunidades urbanas e rurais), como também em diferentes grupos nacionais que falam a mesma língua (como o inglês britânico, americano e australiano), ou ainda para descrever nossa impressão sobre outros idiomas (“sotaque estrangeiro”, por exemplo). Já os sotaques sociais estão relacionados ao contexto cultural e educacional do orador. Países com um sistema de classe tradicional bem definido refletem essas divisões na língua, e o sotaque frequentemente é um marcador de classe. Na Grã-Bretanha, um exemplo disso é o sotaque regionalmente neutro

associado à educação em escolas públicas, aos tribunais da corte e à emissora BBC, originando termos como “*Queen’s English*” e “*BBC English*”.

Este sotaque, segundo o autor, é denominado de “*received pronunciation*” – pronúncia recebida – (RP), e devido a sua neutralidade regional, seus falantes são frequentemente considerados como “sem sotaque”. Essa consideração, porém, é um equívoco, pois segundo a Linguística todas as pessoas possuem sotaque, mesmo que isso possa não indicar a origem regional do falante (CRYSTAL, 2011).

Há também outros termos que podem aparecer como sinônimos de sotaque. Em Linguística, utiliza-se “variante” para caracterizar as propriedades linguísticas compartilhadas por um grupo específico de falantes (SILVA, 2002). No contexto desse trabalho, trata-se do sotaque como uma variante regional, geográfica ou ainda diatópica (do grego *día* = através de e *topos* = lugar), que são “as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países” (ILARI; BASSO, 2002, p. 157). Do ponto de vista diatópico, o português no Brasil é relativamente uniforme, pois essas diferenças não impactam muito a compreensão no contexto comunicativo, como afirmam Ilari e Basso (2002):

Quando se fala de variação diatópica do português brasileiro, a primeira observação a fazer é que [...] a variação não afeta aspectos substanciais do sistema fonológico e sintático da língua, e assim não admira que o gaúcho possa ser compreendido pelo amazonense, ou o mato-grossense pelo nordestino. Seria, porém, um erro pensar que a variação regional simplesmente não existe. A melhor prova disso é que, com boa margem de acerto, é possível adivinhar a procedência geográfica das pessoas pela maneira como falam (ILARI; BASSO, 2002, p. 160).

Outro vocábulo que também pode ser considerado sinônimo de sotaque, segundo Conrado Moreira Mendes (2006), e que poderá ser visto substituindo a expressão neste memorial, é o falar, que pela definição do Dicionário Houaiss (2001, p. 1.301) significa a “variedade de uma língua peculiar a um quadro geográfico; tem-se o falar próprio de uma área mais ampla (p. ex.: o falar nordestino)”.

Tendo recorrido sobre os estudos linguísticos acerca do tema, trataremos no próximo tópico, então, da discussão sob a ótica da história do telejornalismo no Brasil.

2.2 A TV e o telejornalismo no Brasil

Apesar de haver pouco registro histórico dessa época, há uma data que marca a inauguração da primeira emissora de TV no Brasil: 18 de setembro de 1950. Nesse dia estreava a *PRF-3 TV Difusora*, pelo jornalista Assis Chateaubriand, depois TV Tupi de São Paulo. Diretamente dos estúdios instalados no Palácio do Rádio em São Paulo, o programa *TV na Taba* foi ao ar por quase duas horas, apresentado por Homero Silva. Assim, a TV brasileira se tornou realidade (PATERNOSTRO, 2006). Com a popularização do equipamento televisivo ao longo dos anos, outras emissoras foram se difundindo pelo país.

Com o tempo e o crescimento na produção, o preço dos televisores se tornou mais acessível e as emissoras começaram a se instalar em outros estados: a TV ampliava a sua área de penetração e começava a atrair as agências de propaganda [...] Os anunciantes, antes tímidos, passam então a comandar as produções e os programas começam a ter os nomes associados ao do patrocinador. [...] Os anos 60 consolidam a TV no Brasil. Na disputa pelas verbas publicitárias, ela assume, definitivamente, o seu caráter comercial: começa a briga pela audiência (PATERNOSTRO, 2006, p. 31).

Em abril de 1965, entrava no ar a TV Globo, criada pelo jornalista Roberto Marinho, com uma programação voltada ao estilo popular, com o programa do Chacrinha, por exemplo. Associada ao grupo norte-americano *Time-Life*, as Organizações Globo vão adquirindo afiliadas pelo país para ampliar o seu sinal.

É nessa mesma época que se constitui a Embratel — Empresa Brasileira de Telecomunicações. A Embratel interliga o Brasil por meio de linhas básicas de micro-ondas — rotas — e adere ao consórcio internacional para utilização de satélites de telecomunicações — o Intelsat. Estava criada, então, a estrutura para as redes nacionais de televisão (PATERNOSTRO, 2006, p. 32).

Assim, às 19h56 do dia primeiro de setembro de 1969, a TV Globo estreia o seu primeiro programa em rede nacional: o *Jornal Nacional*, feito no Rio de Janeiro e retransmitido ao vivo, via Embratel, para as emissoras da rede.

Apesar de ser o telejornal que está no ar há mais tempo, o *Jornal Nacional*, ou simplesmente *JN* como é costumeado chamar, não foi o primeiro da TV brasileira. No

dia 19 de setembro de 1950, um dia depois na inauguração da televisão no Brasil, com a TV Tupi de São Paulo, foi lançado o *Imagens do Dia*, primeiro telejornal brasileiro. Ele tinha um formato bem simples: o locutor lia algumas notas enquanto imagens em preto e branco, sem som, eram exibidas. A narração possuía um estilo radiofônico, pois o rádio era o formato consolidado que se tinha à época.

Porém, “o primeiro telejornal de sucesso, sinônimo de telejornalismo no Brasil, foi *O Repórter Esso*, que estreou em 1953, também na Tupi e ficou no ar por quase vinte anos” (PATERNOSTRO, 2006, p. 36). Lançado em 17 de junho de 1953, *O Repórter Esso* carregava o nome do seu patrocinador, o que era bastante comum nos primeiros tempos da televisão brasileira pois os anunciantes compravam os espaços na TV e assim os programas levavam seus nomes.

Apesar de ser apresentado por Kalil Filho, em São Paulo, e por Gontijo Teodoro em sua versão carioca, conhecidos locutores de rádio, o programa já começava a ganhar uma linguagem e uma narrativa mais televisiva, com texto objetivo, apresentador enquadrado em primeiro plano e horário fixo para ir ao ar (PATERNOSTRO, 2006).

Observa-se, portanto, a forte influência do meio que antecedeu a TV nos primeiros anos do telejornalismo. Nos anos 70, muitos especialistas e profissionais se empenharam a fim de padronizar uma estética televisual própria, considerando agora o alcance nacional. Sobre isso, Maria da Glória Beuttenmüller, fonoaudióloga considerada a criadora do padrão de pronúncia da Rede Globo, diz que

A televisão veio criar novos padrões e novos problemas de locução. [...] Era toda uma tradição formada ao longo dos anos e, também, uma questão de inexistência de profissionais preparados para atuar no novo veículo. Muitos locutores simplesmente se transferiram do rádio para a televisão, onde continuaram a utilizar as mesmas técnicas, os mesmos cacoetes do noticiário radiofônico (BEUTTENMÜLLER, 1976, p. 14).

Beuttenmüller afirma que na TV o som e a palavra são instrumentos auxiliares da imagem, não cabendo à locução o mesmo peso que tinha no rádio, portanto. “Agora o locutor está ali, frente a frente com o ouvinte, que o observa como um amigo a quem recebe amistosamente em seu lar ou como a um intruso que deseja violentar a intimidade da sua sala de estar” (BEUTTENMÜLLER, 1976, p. 18).

Sobre a locução dos jornalistas na TV, Glorinha Beuttenmüller diz que “O tom coloquial, a cordialidade, o abandono da pose e do tom impositivo, a postura de quem está comunicando e não doutrinando, substituíram os vícios e preconceitos herdados do veículo que o antecedeu” (BEUTTENMÜLLER, 1976, p. 20-21). Mas a fonoaudióloga distingue a locução do apresentador do repórter, segundo a qual deste último, por estar participando do momento da ocorrência, é de se esperar que seja transmitida uma entonação mais emotiva, enquanto o apresentador deve narrar com mais distanciamento, mas sem soar superficial.

Embora Beuttenmüller defenda as peculiaridades das pronúncias das diferentes regiões do país no telejornalismo, que ela considera impregnar “a notícia de uma verdade muito superior à da simples leitura feita com a padrão descaracterizado das vozes empostadas” (BEUTTENMÜLLER, 1976, p. 21), a fonoaudióloga destaca o que pode ser considerado “defeito”:

[...] é necessária uma grande força de vontade para se conseguir corrigir uma pronúncia cheia de vícios. Principalmente quando eles provêm do regionalismo. A correção exige uma prática diária e prolongada até que o ouvido se acostume aos novos hábitos e abandone os vícios que foram adquiridos desde a infância. Alguns dos principais defeitos de articulação, tais como o de falar fanhoso, cicioso ou chiante; os ‘RR’ profundamente ‘escarrados’ ou ‘arranhados’ podem ser corrigidos desde que haja vontade e tenacidade nos exercícios (BEUTTENMÜLLER, 1976, p. 34).

Ao longo dos anos 1970, ao mesmo tempo em que surgiam os primeiros manuais de telejornalismo no Brasil, foi construído, então, o padrão estético do jornalismo televisivo, no qual se incluía a fala. Criou-se, assim, o “padrão Globo de qualidade”, ou ainda, o “padrão *JN*” no telejornalismo.

Em tese de mestrado sobre a questão dos sotaques na TV, Ana Lúcia de Medeiros Batista (1999) observa que o padrão não é monolítico e sofre mudanças com o decorrer do tempo, pois apesar da existência de um padrão de fala que não é específico de nenhuma região do país, há também uma diversidade de falas, sendo possível pensar em padrões televisivos que abordem sotaques regionais. Segundo a pesquisadora, os resultados de sua pesquisa mostram correlações que justificam um “padrão televisivo”, mas que também sinalizam para as modificações desse padrão com o tempo.

As categorias de posições agregadas revelam que as diversidades de opiniões permitem variações de sotaques desde que atendam a certos critérios que são básicos, como ser compreensível, “passar” credibilidade. [...] Os dados revelam que há certas peculiaridades na produção da matéria jornalística para circulação em rede nacional, principalmente quando envolve as emissoras locais de várias partes do país (BATISTA, 1999, p. 186).

Mesmo com a revolução tecnológica a partir da última década do século XX e com o uso crescente da *Internet* e dos *smartphones*, que resultaram na descentralização da informação, pesquisas mostram que as TVs se configuram como o meio mais confiável de divulgação de informação, especialmente em momentos em que o público é acometido pelo fenômeno da avalanche de informações, como ocorrido durante a crise causada pela pandemia do coronavírus em 2020.

Segundo pesquisa realizada pelo Datafolha em março de 2020, os programas jornalísticos da TV lideram o índice de confiança sobre a crise da Covid-19 (61%), enquanto as informações oriundas do aplicativo *WhatsApp* ou *Facebook* revelam um baixo índice de credibilidade (12%)¹⁵.

Nesse sentido, um estudo do Kantar Ibope, que mede o público da TV no Brasil, também divulgado em março do mesmo ano, mostra que os telejornais se tornaram líderes de audiência no período. Na região de São Paulo, a pesquisa mostrou que o Jornal Nacional, noticiário mais visto do país, bateu o recorde desde os últimos nove anos, alcançando 37 pontos de audiência entre a segunda e a quarta-feira da semana de estudo (terceira semana do mês de março de 2020), onde cada ponto equivale a 203 mil pessoas¹⁶.

2.3 Representação e identidade

Atuando como um veículo de comunicação de amplo alcance, a televisão apresenta-se como parte da cultura nacional. Kellner (2001) argumenta que na

¹⁵ Pesquisa divulgada pelo jornal Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/tvs-e-jornais-lideram-indice-de-confianca-em-informacoes-sobre-coronavirus-diz-datafolha.shtml>. Acesso em: 03 nov. 2020.

¹⁶ Pesquisa divulgada pelo jornal Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/03/audiencia-de-telejornalismo-explode-durante-crise-do-novo-coronavirus.shtml>. Acesso em 03 nov. 2020.

modernidade, a televisão e outras formas de mídia desempenham um importante papel para a reestruturação da identidade contemporânea, pois através dela se dá “tanto a luta pela significação, como pela imposição de valores simbólicos hegemônicos” (KURTH, 2006, p. 92).

Para Woodward (2000), as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meios dos sistemas de representação ajudam a construir a nossa identidade enquanto sujeito:

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2000, p. 15-16).

Nesse sentido, a cultura tem um importante papel na construção de significados dentro das relações sociais, que passa por um processo de identificação, seja pela consciência da diferença ou da semelhança. Para Woodward, as práticas de significação, ao privilegiarem um modo específico de subjetividade em relação a outro, envolvem relações de poder, incluindo o poder de decidir quem é incluído e quem é excluído. A autora cita a definição de Rutherford (1990), para quem

[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora [...] a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação (RUTHERFORD, 1990, p. 19-20 *apud* WOODWARD, 2000, p. 18).

Woodward diz ainda que a identidade depende da diferença para existir, pois dentro das relações sociais são estabelecidos sistemas classificatórios que produzem um princípio de distinção em uma população a ponto de dividi-la em pelo menos dois grupos opostos: o “nós” e o “eles”, o “eu” e o “outro”.

Ao analisar como as identidades são construídas, sugeri que elas são formadas relativamente a outras identidades, relativamente ao “forasteiro” ou ao “outro”, isto é, relativamente ao que não é. Essa

construção aparece, mais comumente, sob a forma de oposições binárias. A teoria linguística saussureana sustenta que as oposições binárias - a forma mais extrema de marcar a diferença - são essenciais para a produção do significado (WOODWARD, 2000, p. 49).

Entende-se que a alteridade seja, portanto, não apenas positiva como também necessária para a construção da identidade e habita na mediação dos valores simbólicos. Para Kurth (2006), “reconhecê-la implica confirmar a importância da intersubjetividade e da mediação, na qual o sujeito vira objeto de seu próprio reconhecimento” (KURTH, 2006, p. 92).

Logo, a representatividade se apresenta como importante mediador não apenas para aqueles que querem se ver representados, como também para aqueles que já são, “pois se torna uma oportunidade de enxergar uma ampla diversidade, tornando possível que se tome consciência da existência delas e de suas contribuições” (HAMERMÜLLER, 2018, p. 47).

Assim, considerando a importância da mediação dos significados para a construção da identidade tanto individual quanto pertencente a um grupo social, e que esta seja também um instrumento para a nossa própria concepção enquanto sujeito no mundo, questiona-se como a diversidade de sotaques regionais brasileiros são representados no telejornalismo de rede, na qualidade de meio de informação de amplo alcance e com forte influência na cultura e identidade nacional.

2.4 Rádio e linguagem radiofônica

A concepção de rádio foi ampliada conforme o surgimento e desenvolvimento das novas tecnologias em comunicação: no início, era relacionada ao suporte tecnológico propriamente dito e com o tempo passou a se referir à linguagem. Neste sentido, Luiz Artur Ferraretto e Marcelo Kischinhevsky, na Enciclopédia Intercom de Comunicação, definem rádio como:

Meio de comunicação que transmite, na forma de sons, conteúdos jornalísticos, de serviço, de entretenimento, musicais, educativos e publicitários. [...] De início, suportes não hertzianos como *web* rádios ou o *podcasting* não foram aceitos como radiofônicos [...]. No entanto, na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial, na forma da

fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independentemente do suporte tecnológico ao qual está vinculada. (FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010, p. 1.009-10).

Dessa forma, Ferraretto (2010) afirma que ao mudar a fonte, que antes era a emissora de rádio, os canais também passam por transformações, cabendo à radiodifusão uma concepção plural. Atualmente, não se escuta rádio apenas pela frequência *hertziana*, mas também pela TV por assinatura, por satélite e pela *Internet*, a qual inclui o surgimento das chamadas *webrádios* e mais recentemente a alternativa assíncrona do *podcasting*, fazendo, inclusive, com que muitas emissoras de rádios tradicionais sentissem a necessidade de estar presente na maior variedade possível de suportes.

Neste contexto de convergência midiática e hegemonização da segmentação, Ferraretto (2010) destaca ainda o papel do comunicador radiofônico, o qual por meio da mensagem e da linguagem exclusivamente sonora passa a ser um parceiro imaginário do(a) ouvinte-leitor(a).

O papel do comunicador de rádio e suas relações de afeto com o público também foram estudadas por Carlos Eduardo Esch, em trabalhos como “A construção de relações de afeto, amizade e intimidade a partir da mediação da Rádio”¹⁷ (2004), “As relações de afeto na Rádio no caso do programa *Conversa com Pilar*”¹⁸ (2002) e ainda em “Do Microfone ao Plenário: o Comunicador Radiofônico e o seu Sucesso Eleitoral” (1997). Segundo o referido pesquisador:

Ao construir, por intermédio do rádio, uma relação tão próxima com os indivíduos o comunicador tende a ser incorporado como elemento do cotidiano de seu público. O trabalho que realiza sofre influências, recebe diferentes interpretações, gera significados variados e pode interferir de maneiras distintas no dia a dia dos seus ouvintes e dos demais atores sociais. (ESCH, 1997, p. 1-2).

A partir do que aponta Esch ao refletir sobre o tipo de aproximação que a comunicação e a linguagem radiofônica promovem com indivíduos, traçamos uma

¹⁷ No original, em espanhol, “*La Construcción de Relaciones de Afecto, Amistad e Intimidad bajo la Mediación de la Radio*” (2004), pesquisa de doutorado do professor Carlos Eduardo Esch, na Universidade Complutense de Madri, UCM, Espanha.

¹⁸ No original, em espanhol, “*Las Relaciones de Afecto en la Radio: El programa Cita con Pilar*” (2002), pesquisa de mestrado do professor Carlos Eduardo Esch, na Universidade Complutense de Madri, UCM, Espanha.

inferência no presente trabalho: a de que o falar dos comunicadores é parte fundamental desse processo e que, portanto, ele deve ser considerado importante não apenas nas produções exclusivamente radiofônicas, mas também nas produções televisivas.

No que tange ao rádio enquanto instrumento jornalístico, retomando o pensamento de Ferraretto, o autor diz que “O comunicador radiofônico [...] pelo lado do jornalismo, na função de âncora, deixa de ser apenas uma voz a fazer perguntas, tornando-se alguém a conduzir, com personalidade própria, o programa e a garantir uma determinada linha editorial” (FERRARETTO, 2010, p. 550).

Assim como a inferência que fizemos a partir do que aponta Esch (1997), inferimos a partir do que pontua Ferraretto (2010) que o falar é um dos principais aspectos a contribuir com esse aspecto da “personalidade própria” do comunicador.

Por fim, consideramos que a mutação que se observa em relação ao conceito de rádio acompanha também uma mudança de hábito por parte do público. Como destacam Foschini e Taddei (2006), falando de *podcasts*: “Essa nova forma de comunicação está associada a uma mudança de comportamento: ouvir, na hora e lugar mais convenientes, programas obtidos na rede. Você ouve, em um esquema talhado sob medida para seu desejo e necessidade” (FOSCHINI e TADDEI, 2006, p. 9). Ferraretto (2010), por sua vez, observa três alterações básicas da audiência, sendo elas: a transição de uma lógica de oferta a uma lógica de demanda; a possibilidade da personalização do conteúdo e do momento de sua recepção; e a maior interatividade entre emissor e receptor mediada pela tecnologia.

Ainda que se constate as transformações acima mencionadas que incorrem na mudança de formato e de recepção, atualmente, os estudos da Comunicação, em considerável medida, convergem para a ideia de que a linguagem empregada supera o suporte tecnológico, como explica Ferraretto:

À ideia da inexistência do tempo real no *podcasting* como impeditivo para a sua caracterização como rádio, passa-se a de que o tipo de linguagem empregada supera o suporte tecnológico. E, neste caso específico, trata-se de uma forma determinada e conjugada de manipulação da palavra falada, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, aquela tornada tradicional pelas emissoras ao longo de oito décadas de existência hertziana. Talvez, de fato, aí, no código, resida um dos poucos – senão o único elemento do modelo comunicacional

radiofônico – a não se alterar, de modo significativo, sob a vigência da *Internet* (FERRARETTO, 2010, p. 547).

2.4.1 Podcast

Assim como o rádio e outros meios de comunicação, o conceito de *podcast*, mesmo que recente, é caracterizado por uma constante evolução conforme as mudanças nas características de consumo proporcionadas pelo progresso das tecnologias contemporâneas.

A expressão *podcasting* foi cunhada pelo jornalista Bem Hammersley em uma crônica escrita em 2004 para o jornal britânico *The Guardian* (PAIVA, 2019). O termo se originou com a junção do prefixo “*pod*”, proveniente de *iPod* — nome do popular reprodutor de mídia portátil fabricado pela empresa norte-americana de produtos eletrônicos *Apple* —, com o sufixo “*casting*”, oriundo da palavra *broadcasting*, que em inglês significa a distribuição pública e simultânea por meios de comunicação de massa.

Nos primeiros estudos sobre *podcast*, que consideramos uma “forma de expressão da linguagem radiofônica” (PINHEIRO, 2020, p. 5), a principal inovação apontada era a automatização do acesso ao conteúdo.

Em 2004, a distribuição de arquivos com ‘programas de áudio’ não era novidade. Contudo, para um internauta ouvir um desses arquivos, precisava, a cada nova ‘edição’, acessar o site que o hospedava, fazer o download para seu computador e, só aí, ouvi-lo. Houve algumas experiências voltadas ao download automático de arquivos de áudio, mas geralmente ligadas a empresas que também eram responsáveis pela geração de conteúdo, buscando lucro direto. Como havia dificuldade de lucrar com o sistema, essas experiências eram deixadas de lado depois de algum tempo (LUIZ; ASSIS, 2010, p. 2).

Com a disseminação dos aparelhos reprodutores de arquivo de áudio, em especial os de formato MP3, uma tecnologia já utilizada em *blogs* para realizar o *download* de novos conteúdos automaticamente foi adaptada para os programas de áudio: o *feed* RSS (*Really Simple Syndication*).

De acordo com Chambers, Storie e Campbell (2011), o RSS é um formato que permite que os chamados “*feeds*” (os quais codificam o conteúdo de um *blog*) de vários *sites* sejam agregados em um só lugar. As informações de um *feed* RSS são

enviadas diretamente para a área de trabalho ou navegador da *web* do usuário por meio de um leitor de *feeds* (conhecido como “agregadores”), para que todas as vezes que houver atualizações em um *site*, o usuário inscrito receba as novas informações automaticamente¹⁹.

Essa definição inicial do *podcast* com base na sua forma de distribuição e reprodução, no entanto, sofreu alterações com a popularização dos *smartphones* e de outros recursos relacionados à *Internet* móvel, que levaram a uma mudança da lógica do *download* para a do *streaming* (VICENTE, 2018). Assim, a prática da assinatura por meio de um RSS deixa de ser fundamental para o consumo de *podcasts*.

[...] a prática do download dos arquivos de mídia e posterior reprodução foi substituída pela audição online do episódio de um determinado podcast, seja com a utilização de um computador ou smartphone – diretamente do site de seus realizadores –, ou de um dos muitos agregadores de podcasts hoje existentes (VICENTE, 2018, p. 90).

Superada a definição pela base tecnológica, pontuamos que o conceito de *podcasting* passa a ser caracterizado também como uma experiência auditiva, relacionado à forma de ouvir, e não mais em como é entregue. Bontempo (2020) acredita que o principal atributo do *podcast* é a escuta ativa, ou seja:

[...] você escolheu ouvir aquele conteúdo, talvez pelo seu humor do dia, ou pelo formato ou assunto do podcast. O importante é que foi algo pensado. Essa consciência da escolha que diferencia o podcast, não é apenas um som de fundo, é uma experiência que foi escolhida por você. Por isso, a atenção e expectativa do ouvinte de podcast é superior às demais mídias de áudio (BONTEMPO, 2020, p. 2).

Assim como a definição do rádio evoluiu da forma como era transmitido e reproduzido para o estilo da linguagem, a caracterização do *podcasting*, ao longo desses dezesseis anos desde que o termo veio a público pela primeira vez, também evolui para a forma como é consumido. Nota-se, portanto, que as mídias

¹⁹“De uma perspectiva tecnológica, RSS é um formato baseado em XML que é bastante simples para os serviços de informação e provedores de conteúdo produzirem e para os consumidores usarem. É comumente usado para assinar *blogs* e *podcasts*, bem como para gerar conteúdo dinâmico na *web* [...]. O RSS teve origem no final dos anos 1990, mas só se tornou popular após o surgimento da *Web 2.0* em meados dos anos 2000” (CHAMBERS; STORIE; CAMPBELL, 2011, tradução da autora). Disponível em <https://doi.org/10.29085/9781856049276.013>. Acesso em 30 de set. de 2020.

contemporâneas estão muito mais relacionadas à mensagem, ao código e à interação com o público, aspectos que evidenciam o papel da linguagem.

Logo, faz-se importante conhecer o perfil do público que acessa e se relaciona com esse tipo de conteúdo. A Associação Brasileira de *Podcasters* (Abpod) em parceria com a rádio CBN realizou uma pesquisa em 2018 para traçar o perfil de consumo de *podcasts* no Brasil. Um dos principais recortes mostra que o público é predominantemente masculino, representando 84,1% da amostra total, sendo que em 2019, a pesquisa da Abpod revelou que houve um aumento no número de mulheres consumidoras de *podcast*, de 16% para 27%. Em geral, o público que consome *podcasts* possui alta escolaridade (53,7% concluíram o ensino superior). 41,6% dos entrevistados disseram preferir episódios com 1h a 1h30min de duração, enquanto 25,1% preferem entre 30min e 1h e 23,6% entre 1h30min e 2h. Os resultados também revelaram que o principal equipamento utilizado para a escuta do programa é o aparelho celular ou *smartphone* (92,1%), e que os *millenials*, nascidos entre 1979 e 1995, é a geração que mais ouve *podcast* (66,6%).

Uma outra pesquisa sobre este cenário, realizada pelo Ibope e divulgada na revista Piauí²⁰, em maio de 2019, exemplifica a questão das gerações no consumo de *podcasts*, segundo a qual a familiaridade com essa “forma de expressão da linguagem radiofônica” (PINHEIRO, 2020) cresce em proporção inversa à idade: entre os jovens, 47% já ouviram *podcast*, enquanto que entre os mais velhos esse número cai para 30%. Em relação à frequência, a pesquisa mostra que 19% do público ouve três vezes ou mais por semana, ao passo que 43% não costuma consumir com regularidade.

Os resultados das pesquisas acima auxiliaram na definição da estrutura da série de *podcasts* “Sotaques em Tela”, no que diz respeito a linguagem, formatos, público de interesse, duração e periodicidade, por exemplo. O processo de produção é apresentado no tópico 4 deste trabalho.

2.4.2 O *podcast* jornalístico

²⁰Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/quatro-em-cada-dez-internautas-ja-ouviram-podcast-no-brasil/>. Acesso em: 01 nov. 2020.

Considerando o fenômeno dos *podcasts*, os quais têm alcançado novos públicos cativados pelas plataformas de *streaming*, ou seja, tecnologia de transmissão de dados pela *Internet* que permite o consumo sem a necessidade de realizar o *download* do conteúdo, muitos meios tradicionais, como o telejornalismo, os jornais impressos e, em especial, as emissoras especializadas em radiojornalismo, têm se apropriado da recente forma de expressão da linguagem radiofônica como uma oportunidade de popularização, como mostram Del Bianco e Pinheiro (2020):

Para conquistar o novo público surgido no século XXI que não desenvolveu o hábito de ler jornais nem de consumir transmissões lineares, empresas mundiais, como a BBC, adotaram as plataformas digitais como estratégia principal para conquistar a audiência, oferecendo notícias personalizadas com base em temas de interesse e que geram recomendações automaticamente a partir no histórico de navegação do usuário. (DEL BIANCO; PINHEIRO, 2020, p. 2).

Antenadas com essa nova forma de consumo que rompe com a linearidade analógica e possibilita uma experiência personalizada e interativa, muitas emissoras brasileiras, como as radiojornalísticas CBN e a BandNews FM, estudadas por Del Bianco e Pinheiro (2020), começaram a produzir conteúdos exclusivos (ainda em menor escala), migrar seus conteúdos veiculados no *dial* para as plataformas de *streaming* de áudio nos últimos anos (fenômeno mais percebido), ou a utilizar essas plataformas “como repositórios” (DEL BIANCO; PINHEIRO, 2020, p. 14).

Outros autores como Barsotti e Santa Cruz (2020, p. 139) defendem a premissa de que “num mundo repleto de informação e conteúdo, ouvintes de *podcasts* são leais e formam um grupo em crescimento”. Por sua vez, Sosa e Bonito (2019) fazem um breve resumo sobre a história recente de produção de *podcasts* pelos veículos jornalísticos no Brasil. Assim, o primeiro jornal a lançar um programa de *podcast* foi o Estadão, em 2017, com o “Estadão Notícias”, disponibilizado de segunda a sexta abordando os principais assuntos do jornal. Em setembro de 2018, o *web jornal* Nexo começou a produzir, também diariamente, o “Dorme com essa”, comentando o fato que mais repercutiu no dia a fim de gerar uma discussão que transpassa o ciclo diário da notícia. No início de 2019, o jornal Folha de S. Paulo, em parceria com o *Spotify*, lançou o “Café da Manhã”, com o objetivo de debater de forma leve os assuntos mais relevantes do momento.

Apesar disso, Barsotti e Santa Cruz (2020) destacam que o tema “notícias”, segundo a PodPesquisa 2019, realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (Abpod), era apenas o sétimo de maior interesse para o público (32%), mas que este cenário pode ter mudado com a entrada, em agosto de 2019, do Grupo Globo na produção de um *podcast* diário de jornalismo. A empresa lançou “O Assunto”, apresentado por Renata Lo Prete, com o intuito de debater com profundidade o assunto mais importante e comentado do dia. De fato, conforme a pesquisa da Abpod 2019, temas relacionados ao noticiário político, à ciência e às questões de representatividade (como feminismo, cultura pop) estão sendo cada vez mais consumidos.

Além do formato noticioso ocupando as plataformas de *streaming*, há também outros tipos de jornalismo, como o narrativo e o literário, que já trabalhavam com áudio mas atualmente apostam nos *podcasts* como uma forma de alcançar esse novo público e fidelizá-lo, como é o caso da rádio CBN, que no final de 2018 lançou o programa “Vozes: Histórias e Reflexões”, com episódios semanais de maior duração, com o objetivo de “conectar as pessoas às experiências uma das outras” e refletir sobre os “temas mais polêmicos e dramáticos em discussão na sociedade”²¹.

²¹ Descrição na página do podcast. Disponível em: <https://audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/580/vozes-historias-e-reflexoes>. Acesso em 01 nov. 2020.

3 REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO

A análise metodológica foi desenvolvida a partir de dois eixos. O primeiro diz respeito à importância da escuta do *podcast* para a compreensão do método, com base na análise de Lopez e Alves (2019), que desprende a concepção de rádio limitada ao formato tecnológico, abrangendo o *podcast* como uma extensão do modelo radiofônico na era de convergência midiática.

O segundo eixo, por sua vez, compreende a técnica de entrevistas como fio condutor para a prática jornalística, muito além do tom normativo de manuais de jornalismo, mas principalmente “como modalidade de gestão e de restituição das interações entre jornalistas e fontes” (PEREIRA, 2017).

Notadamente, esses dois referidos eixos são aqui articulados e colocados em diálogo, de modo complementar, a todo o movimento teórico-metodológico realizado até aqui, isto é, à fundamentação que buscamos ao abordar os conceitos-base dessa pesquisa no capítulo anterior.

3.1. A escuta como metodologia

Em um primeiro momento, para pensar a metodologia de produção do *podcast*, foi realizada, contextualmente, a análise de conteúdo, formato e linguagem de *podcasts* que pudessem inspirar a concepção do “Sotaques em Tela”. Além da lógica de distribuição seriada que caracteriza o *podcast*, se nos voltarmos às narrativas que esses conteúdos apresentam, observamos que “existem marcas de gêneros radiofônicos que ditam como a história deve ser conduzida, marcas comuns no radiodocumentário, radiodrama, radioteatro e o *storytelling*” (LOPEZ; ALVES, 2019, p. 7).

Como desde o início do trabalho o intuito era a abordagem por meio de entrevistas a fim de compreender a questão sob a perspectiva de quem estuda o tema (linguistas, fonoaudiólogos, pesquisadores da área de Comunicação ou historiadores) e de quem o vive em sua realidade profissional (jornalistas, repórteres, editores de telejornal ou chefes de reportagem), foram analisados, então, *podcasts* que constroem suas narrativas recorrendo a um formato jornalístico correlato.

Foram examinados três *podcasts*: “O Assunto”, lançado em agosto de 2019, apresentado pela jornalista Renata Lo Prete (TV Globo), que traz diariamente debates com especialistas sobre os temas mais relevantes da atualidade; “Vozes: Histórias e Reflexões” da CBN, apresentado por Gabriela Viana, no ar desde novembro de 2018 com um novo episódio a cada semana com o objetivo de promover a reflexão sobre assuntos polêmicos e conectar as pessoas às experiências umas das outras; e o “Café da Manhã”, do jornal Folha de S. Paulo, apresentado por Magê Flores e Maurício Meireles, lançado em janeiro de 2019 para tratar dos assuntos mais relevantes do dia de forma leve e direta.

Para fins de pesquisa, foi realizada a escuta de pelo menos três episódios de cada um dos respectivos *podcasts*, disponibilizados no *Spotify*. Na análise, buscou-se compreender o formato e a estrutura utilizada; o estilo da linguagem; a duração dos episódios; o número de convidados e a relação destes com o(s) apresentador(es); o desenvolvimento do tema; a interação com o público e outros pontos que pudessem ser identificados durante o estudo.

Todos os *podcasts* analisados são comandados por jornalistas e, ainda que possuam abordagens diferentes, têm como base o gênero jornalístico. Enquanto “O Assunto” e “Café da Manhã” oferecem uma reflexão mais factual, o “Vozes” traz reflexões sobre assuntos recorrentes na sociedade que necessitam de debate. Isso incute em algumas diferenças entre os programas, como a periodicidade e a duração. Porém, além do gênero jornalístico, esses *podcasts* compartilham de algumas semelhanças quanto à linguagem e à estrutura utilizada, que, no ponto de vista deste estudo, estabelecem uma escuta fluida e uma conexão natural com o(a) ouvinte-leitor(a), retendo a sua atenção ao conteúdo.

Em relação à linguagem, observa-se nesses três *podcasts* uma preocupação destacada por Lopez e Alves (2019) sobre a busca pela complexificação acústica e potencialização da sensorialidade, visto que

O *podcast* – jornalístico, educativo, de entretenimento, de humor, hiperespecializado, narrativo etc. – embrenha-se no cotidiano de uma audiência já exposta a um sem fim de informações. Ele reassume em seu áudio a proximidade, a cumplicidade, o contar histórias, a análise de conjuntura, a dramatização. Estruturas narrativas acusticamente complexas, como o áudio 3D, demonstram que o interesse pelo conteúdo sonoro elaborado existe (LOPEZ; ALVES, 2019, p. 7-8).

Assim, a análise inspirou a locução interativa com o público, a contextualização por meio da inserção de subformatos no programa, bem como a utilização de recursos sonoros que se relacionem à fala transmitida. No “Vozes: Histórias e Reflexões”, Gabriela Viana demonstra particular atenção à complexidade da narrativa acústica com o áudio 3D. Tanto que, no início de cada episódio, ela convida o ouvinte a escutar o *podcast* com fones de ouvido para possibilitar uma maior imersão.

Quanto ao tempo de duração, inicialmente o pretendido era fazer como o “O Assunto” e o “Café da Manhã”, que desenvolvem a narrativa entre vinte a trinta minutos. Como a maioria dos ouvintes-leitores escuta o *podcast* enquanto realiza outras ações simultaneamente, julgou-se ser esse o tempo necessário para aprofundar um debate mas que ao mesmo tempo pudesse se encaixar na maioria das atividades diárias do público, como fazer uma refeição, lavar a louça, ir para o trabalho etc.

Contudo, levando em consideração a profundidade do tema do “Sotaques em Tela” e seu caráter não rotineiro, assim como a periodicidade do programa e o contexto de uma produção experimental, chegou-se à conclusão de que ele deveria ter um tempo semelhante ao do “Vozes”, com episódios que variam de 50 a 70 minutos de duração.

Outro ponto suscitado pela análise e que influenciou a concepção do *podcast* foi a diversidade de entrevistados, a fim de trazer variados pontos de vista sobre a questão. Além de normalmente apresentarem mais de um convidado, os *podcasts* analisados também procuram apurar e produzir previamente informações com outras fontes ou especialistas para serem abordados durante a conversa e assim ampliar o debate.

Logo, a pesquisa acerca dos três *podcasts* foi de igual e extrema relevância para estabelecer alguns padrões implícitos na mensagem e sua lógica estrutural, a fim de orientar os rumos de produção do “Sotaques em Tela”. Ademais, coube aqui observar quanto à presença de sotaques nesses *podcasts*, apesar da escuta não buscar necessariamente esse enfoque, e sim compreender o formato e a linguagem utilizados por eles na abordagem do gênero entrevista.

3.2 A entrevista como gênero jornalístico condutor

Sobre o gênero jornalístico na linguagem radiofônica, Barbosa Filho afirma ser “o instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 89), os quais podem possuir propriedades subjetivas do ponto de vista dos conteúdos e assim acrescentar opiniões particulares ao ato de informar. Uma das representações do gênero jornalístico no rádio se faz por meio da entrevista, que, segundo o autor:

Representa uma das principais fontes de coleta de um jornal e está presente, direta ou indiretamente, na maioria das matérias jornalísticas. É vista, por muitos, como uma arte que precisa de técnicas adequadas no processo de apuração e investigação. (BARBOSA FILHO, 2003, p. 93).

Quanto aos tipos de entrevista elencados por Lage (2001), pode-se dizer que o perfil adotado neste trabalho combinou entrevistas temáticas, que abordam um tema específico sobre o qual depreende-se que o(a) entrevistado(a) tenha autoridade para discorrer; e dialogais, caracterizadas pelo planejamento, marcada com antecipação e reunindo os(as) participantes em local controlado, em que entrevistador(a) e entrevistado(a) constroem o tom a conversa, que evolui a partir das questões levantadas pelo primeiro, mas não se limitam somente a isso, permitindo o detalhamento e aprofundamento dos tópicos abordados.

Ao analisar o método como a entrevista é estudada na literatura acadêmica e profissional enquanto prática jornalista, gênero textual e modalidade de interação, Pereira (2017) conclui que não há um consenso nos estudos da área e que a entrevista jornalística ainda é tratada de forma superficial. Enquanto os manuais de jornalismo tratam a questão de forma normativa, as pesquisas acadêmicas sugerem uma abordagem que abrange a relação do(a) jornalista e as fontes, já outros estudos buscam ainda analisar e reforçar o papel do(a) entrevistador(a) como representante do interesse público.

Para além da função do(a) jornalista-entrevistador(a) sob a ótica dos estudos acadêmicos e dos apontamentos normativos dos manuais de jornalismo, buscou-se na produção do *podcast* estabelecer com os(as) entrevistados(as) uma relação de

coparticipação, para que todos(as) pudessem se reconhecer como formadores(as) do debate em construção. Pela própria linguagem do formato *podcast*, evidencia-se, portanto, uma entrevista que prioriza a fluidez da interação social entre os(as) participantes.

Nesse sentido, partindo de uma perspectiva interacionista, Pereira e Neves (2013) destacam o papel do(a) entrevistador(a) enquanto um(a) co-construtor(a) dos dados gerados.

[...] o relato de uma conversa entre entrevistador e entrevistado consiste no resultado de um processo de negociação entre os dois participantes da interação. Ele revela um processo de dupla interpretação em que pesquisador e informante se avaliam e interpretam o sentido dos discursos articulados por ocasião dessa interação. (PEREIRA; NEVES, 2013, p. 37).

Desta forma, priorizou-se a interatividade e conectividade no debate com as entrevistadas, para que a conversa fluísse de modo espontâneo sem apontar para a rigidez de uma entrevista formal ou estritamente técnica.

Discorrido estes dois eixos teórico-metodológicos aplicados, passa-se então às etapas de produção do *podcast* “Sotaques em Tela”.

4 ETAPAS DE PRODUÇÃO DO *PODCAST* “SOTAQUES EM TELA”

As etapas de produção do *podcast* “Sotaques em Tela” foram embasadas, principalmente, nas obras de Leo Lopes (2014) e Renato Bontempo (2020), que discorrem de forma muito instrutiva sobre o processo de criação de um *podcast*. Neste trabalho, as etapas foram divididas em: pré-produção, produção, pós-produção e publicação e distribuição.

4.1 Pré-produção

O processo de pré-produção do *podcast* “Sotaques em Tela” teve início logo após a escolha do mesmo como produto para o trabalho final de graduação. Trata-se, portanto, da etapa preliminar que compreendeu desde a escolha do tema, definição e pesquisa de formatos e linguagem e a identificação de possíveis entrevistados.

Nessa fase buscou-se construir o tema e o objetivo, escolher o gênero e o formato do programa, determinar o público de interesse e estipular a duração aproximada e a periodicidade dos episódios. Também nessa fase procurou-se estruturar as rotinas de produção e estabelecer parcerias com colegas que poderiam ajudar ou participariam de alguma fase da produção. A seguir, apresentam-se considerações sobre cada etapa.

4.1.1 Definição do tema e objetivo

A escolha do assunto foi a primeira parte de todo o processo do trabalho, uma vez que, como explicado no item 1.5.1, partiu de uma percepção e experiência pessoal. A partir disso foi concebido o formato e todo o restante. Desde o início, a ideia era tratar sobre a questão do sotaque no telejornalismo.

Para delimitar a temática do *podcast* enquanto produto jornalístico, foi definido como tema da série a representatividade por meio dos sotaques de telejornalistas de rede nacional e as perspectivas nesse contexto. Já o episódio-piloto, referido produto deste trabalho, adotou como principal objetivo a abordagem conceitual e histórica

entre a atribuição de valores às diferentes variedades linguísticas no país e a construção da linguagem padrão prestigiada nos noticiários.

O objetivo geral da pesquisa, como mencionado no tópico 1.4, é, por meio de entrevistas de áudio e da linguagem sonora, captar, ponderar e transmitir um debate sobre a representatividade no contexto da fala de jornalistas de noticiários nacionais e compreender como é estruturado o padrão linguístico na sociedade e conseqüentemente no telejornalismo, bem como as suas conseqüências na atuação dos profissionais da área, na representação da identidade regional e outras questões associadas ao tema.

4.1.2 Pesquisa do tema

Ainda na fase de elaboração do pré-projeto, a investigação sobre a formação do falar brasileiro trouxe uma questão muito mais densa: os estudos linguísticos. Com isso, a fim de ter uma compreensão ampla para o objetivo deste trabalho, a pesquisa, que havia começado em junho de 2019, se aprofundou principalmente entre agosto e dezembro do mesmo ano, ao estudar a disciplina de Introdução à Linguística na Universidade de Brasília, o que não apenas elucidou a questão sob o ponto de vista científico como também tornou possível encontrar os melhores referenciais teóricos em relação ao estudo da língua.

Também nesse período ocorreram os primeiros contatos com as futuras entrevistadas, Ana Lúcia Medeiros e Vanderci de Andrade Aguilera, não para fins de entrevistá-las para o *podcast* especificamente, mas sim para exploração do tema, já que estudavam o sotaque na TV e os aspectos geográficos do português brasileiro, respectivamente. Como elas moram em outros estados, a princípio não tinham possibilidade de participar enquanto convidadas. A ideia surgiu posteriormente, com a necessidade de fazer a gravação remotamente por conta da pandemia da Covid-19.

Depois, entre janeiro e março de 2020 a pesquisa buscou tratar especialmente da contextualização das variedades linguísticas brasileiras. A pesquisa foi interrompida, então, com a suspensão do período letivo, também em decorrência da pandemia, e retornou em julho de 2020, com o anúncio da retomada das atividades

acadêmicas, para explorar as referências sobre telejornalismo e a questão da representatividade.

4.1.3 Definição do público de interesse/*persona*

Em seu manual, Leo Lopes (2014) destaca a importância de produzir o seu *podcast* pensando em quem pretende alcançar, pois “a definição do seu público tem influência direta sobre a forma de conduzir o seu programa e como você se comunica com ele.” (LOPES, 2014, p. 42).

Tendo em vista a influência do público de interesse na escolha da linguagem e do formato, principalmente, identificou-se como principais ouvintes-leitores do *podcast* “Sotaques em Tela” homens e mulheres jovens, na faixa de 18 a 35 anos de idade, jornalistas, estudantes da área ou ainda pessoas que possuem o hábito de consumir conteúdo jornalístico audiovisual, que se interessem por debates de representatividade e desconstrução de padrões ou que possuam um perfil receptivo a reflexões.

Essas características foram ponderadas considerando, principalmente, dois pontos relacionados ao tema: a natureza, sobre representatividade, questão muito debatida principalmente entre os jovens atualmente e muito presente nas redes sociais; e o convite à reflexão por ele suscitado, tanto no que diz respeito à produção e padrão jornalísticos como ao preconceito construído pela sociedade, com o objetivo de repensar o processo nessas duas esferas.

Assim sendo, define-se aqui a *persona*, um perfil mais aprofundado e específico a quem o *podcast* pretende se referir: Maria Júlia, 22 anos, nascida em Piracicaba, onde morou por 18 anos até ir cursar faculdade de Jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Durante a experiência de estágio em emissora de televisão nacional, se viu pressionada a adaptar o seu falar piracicabano, considerado “caipira”, para o meio em que atua; prestes a se formar e atuar no mercado de trabalho, Maria vê a sua identidade regional ser afrontada com a sua identidade profissional.

Apesar de direcionado ao público acima, o *podcast* procurou aderir uma linguagem simples e um formato menos rígido do ponto de vista jornalístico a fim de

atrair os mais diversos públicos, principalmente por tratar-se de um tema sobre diversidade que abrange qualquer pessoa, considerando importante que se alcance, portanto, uma gama ampla e variada de ouvintes.

4.1.4 Escolha do nome

O conceito e desafio da escolha do nome era que ele pudesse, em uma simples expressão de palavras, aludir às principais questões tratadas no *podcast*: a diversidade de falares aplicada ao telejornalismo. Nesse sentido, alguns nomes foram cogitados, como “Povo fala”, “O falar da gente”, “A voz da gente”, “Sotaques cruzados” e “Voz das telas”.

Sentiu-se, no entanto, nessas tentativas, a dificuldade de unir duas ou mais palavras que pudessem expressar com clareza o tema abordado no programa e dessa forma atrair um possível ouvinte-leitor para o assunto. Com a ajuda do professor-orientador, chegou-se então ao nome final, “Sotaques em Tela”, que traz consigo a ideia de falares e diversidade (sotaques) e telejornalismo (tela), sendo também uma alusão a uma expressão (em tela) que designa, em alguma medida, a colocação de assuntos específicos (sotaques no telejornalismo) na centralidade de um espaço (neste caso, o *podcast*) de debates, reflexões e ponderações.

4.1.5 Escolha do gênero e do formato

Considerando a atividade jornalística como aquela que envolve a observação, apuração, produção e edição da informação para o público, optou-se por fazer um *podcast* jornalístico pelas várias possibilidades que o formato baseado na sonoridade apresenta. Uma delas diz respeito ao texto, com características que o tornam mais leve que os utilizados em meios tradicionais e transformam a linguagem em uma conversa amistosa e receptiva que aproximam o(a) ouvinte-leitor(a).

A outra se refere à viabilidade de introduzir subformatos acessórios no decorrer do *podcast*, que podem ser utilizados para contextualizar uma fala ou conter a atenção do(a) ouvinte-leitor(a), seja por meio de sonoras previamente captadas, reportagens, trilha e efeitos sonoros, clipes em áudio, povo fala etc.

Já a escolha da entrevista em uma espécie de mesa redonda com a participação e interação entre convidados e apresentadores como guia para o formato do *podcast*, foi baseada no público que se pretendia alcançar e no assunto abordado, o qual ao mesmo tempo que requer um aprofundamento e também pressupõe proximidade com o público; como também na análise de conteúdo de outros programas do tipo, conforme descrito no tópico 3.1. O objetivo era que a troca de ideias acontecesse de forma muito natural.

4.1.6 Duração e periodicidade

Para Renato Bontempo (2020), o tempo “ideal” de um *podcast* é bastante variável e vai depender dos objetivos almejados. “A duração do *podcast* depende apenas do conteúdo. Não reduza o bom conteúdo e não enrole em conteúdos desinteressantes [...] a duração do seu episódio deve ser decidida por dois fatores: 1. Seu conteúdo. 2. Seu público.” (BONTEMPO, 2020, p. 11).

Inicialmente, o intuito era produzir episódios com a participação de um convidado e a duração entre 20 a 30 minutos, com base na análise de conteúdo do *podcast* “O Assunto”, da jornalista Renato Lo Prete, e presumindo que pudesse ser ouvido durante alguma atividade diária, como no café da manhã ou no caminho para o trabalho. No entanto, ao decidir experimentar o debate com a interação de mais de um convidado, estendeu-se essa estimativa para cerca de 40 a 50 minutos de duração.

O episódio-piloto do “Sotaques em Tela” ultrapassou um pouco o estimado, com uma duração de aproximadamente uma hora, mesmo após edição da entrevista. Como se trata de um projeto experimental e por ser a preferência de duração uma variável de público para público, procurou-se não preocupar muito com esse número, mas tentar chegar a uma duração agradável considerando a qualidade e o aprofundamento do conteúdo. Sobre isso, Bontempo (2020) diz ainda que “com o tempo, seus ouvintes dirão se eles acham que seus episódios são curtos ou longos demais” (BONTEMPO, 2020, p. 12).

Por fim, a definição de periodicidade, ou seja, com que frequência os episódios seriam lançados, levou em conta dois principais fatores: a produção e o consumo do

conteúdo. O primeiro diz respeito ao tempo necessário para a pesquisa e aprofundamento do tema e às condições de cumprir regularmente com o proposto, considerando os recursos técnicos e humanos com os quais se pode contar. O segundo, por sua vez, é ponderado pela flexibilidade do público em ouvir um longo episódio de *podcast* e pela disponibilidade em consumir um conteúdo que traz um debate reflexivo e que muitas vezes pode recorrer em um trabalho também intelectual por parte do(a) ouvinte-leitor(a).

Levando em conta o exposto acima, na ocorrência de uma sequência do *podcast*, foi definido que o lançamento de um novo episódio ocorreria mensalmente.

4.1.7 Instituição de parcerias

Para otimizar a produção, dar apoio ao trabalho e amparar no caso de dúvidas técnicas, algumas parcerias foram estabelecidas. A primeira delas surgiu com a sugestão do programa ter mais um apresentador além da própria produtora, para trazer mais dinamicidade, diversidade e dar um tom mais coloquial desde o início da conversa. Assim foi feito o convite ao Carlos Augusto Xavier, também estudante de Jornalismo da Universidade de Brasília (UnB), para participar da apresentação.

Para solucionar dúvidas técnicas, duas colegas voluntárias do projeto de pesquisa e extensão dirigido pelo professor orientador estiveram à disposição, sugerindo alternativas para a edição e para tornar o conteúdo acessível ao público sensorialmente diverso. Ainda no sentido da acessibilidade, o projeto contou com a participação de Luana Guimarães de Moura para realizar a tradução em libras e com a contribuição do amigo Raphael Henrique para a descrição acessível das imagens de capa.

Por fim, para a construção da identidade visual do *podcast*, foi estabelecida parceria com a colega do antigo curso de Arquitetura da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Priscila Wolff, que atualmente realiza também trabalhos com ilustrações.

4.1.8 Estruturação das rotinas de produção

Como a pandemia do coronavírus exigiu que a realização do trabalho fosse feita totalmente de forma remota, isso permitiu mais flexibilidade à rotina de produção, o qual tem início com a marcação das entrevistas conforme disponibilidade das entrevistadas e se estende à edição do conteúdo, que ocorreu duas semanas depois da gravação. As duas semanas seguintes foram dedicadas à elaboração de material acessível, como a transcrição do roteiro, e ao planejamento da divulgação e distribuição do *podcast*.

4.2 Produção

Nesta etapa procurou-se definir a pauta de cada episódio, possíveis convidados(as) e contatá-los(as). Além disso, nessa fase também foi elaborado o roteiro do episódio-piloto do *podcast* e a identidade visual, coletadas sonoras que entrariam como um subformato do programa (povo fala e entrevista com especialista, por exemplo) e realizado teste para planejar os recursos técnicos a serem utilizados. Por fim, foi agendada e realizada a gravação com apresentadores e convidadas.

4.2.1 Definição da pauta

Pereira Junior (2006) define a pauta jornalística como a apuração preliminar, a etapa em que se realiza uma pesquisa prévia de informações que irão sustentar a investigação e a exploração das fontes.

Toda reportagem tenta dar resposta a uma curiosidade ou lançar uma hipótese sobre a realidade. Pauta não é tema. Não é camisa de força. Não busca confirmar o que já se sabe. É uma dúvida sobre algum aspecto da realidade a ser respondida pelos fatos (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 78).

Ainda que a pauta seja flexível e não precise ser seguida com rigidez, no contexto da produção do *podcast*, Leo Lopes (2014) destaca a importância do planejamento para não correr o risco de não saber o que dizer durante a gravação e para alcançar o objetivo proposto, guiando melhor, inclusive, o tempo: “Além da pauta ser útil para organizar as informações, ela ajuda também a controlar o tempo de

gravação, mantendo o foco no tema e evitando dispersões que provavelmente seriam cortadas depois” (LOPES, 2014, p. 60).

Com base nos exemplos elencados por Leo Lopes (2014) e considerando os pontos que compõem a sondagem preliminar levantados por Pereira Junior (2006), foi elaborada uma pauta com breve contextualização sobre o tema do episódio, perfil dos(as) entrevistados(as) e relação dos tópicos com lembretes das questões a serem abordadas durante a entrevista. O modelo de pauta do episódio-piloto encontra-se no Apêndice “G” deste trabalho, e dos demais episódios nos Apêndices “H”, “I”, “J”, e “K”.

4.2.2 Escolha dos participantes e convidados

Além da própria produtora, ficou estabelecido que o *podcast* teria mais um apresentador, conforme citado no tópico 4.1.7, para compor o *casting* do programa, ou seja, a equipe fixa. A escolha do segundo apresentador foi baseada em dois pontos: afinidade com a apresentadora, pois além de colega de faculdade é amigo próximo, o que já tornaria o papo bastante amigável; e com o tema, por tratar-se de outro estudante de jornalismo com sotaque que também diverge do eixo Rio-São Paulo-Brasília. Essas, inclusive, são considerações importantes que Leo Lopes (2014) faz em seu manual sobre a definição da equipe fixa.

A série contaria com convidados eventuais, ao menos uma dupla diferente a cada episódio. A ideia da dupla é para que o debate possa ser mais abrangente, mais dinâmico, com pontos de vistas diferentes dentro da área/especialidade de cada um ou ainda para que os entrevistados possam se complementar ou contrapor. Este foi um ponto muito positivo do episódio-piloto, pois a interação entre as convidadas e a conversa fluíram de forma muito espontânea, o que faz parte do intuito do projeto.

A descoberta das potenciais convidadas do primeiro episódio partiu da apuração preliminar e da exploração das fontes proposta no tópico anterior: a Ana Lúcia Medeiros, pelo seu amplo estudo sobre “sotaques na TV”, fruto de sua pesquisa de mestrado e que lhe rendeu até um livro posteriormente; a professora Vanderci de Andrade Aguilera, através de reportagem da série “Sotaques do Brasil” do *Jornal Hoje* da Rede Globo, pelos seus estudos em Geolinguística; e a Ana Carolina Fernandes, por sugestão do professor orientador devido ao seu trabalho de fonoaudiologia com

profissionais da televisão. O quadro abaixo representa a sugestão de convidados(as) para todos os episódios, incluindo aqueles que não foram gravados:

Quadro 2: Definição preliminar dos convidados do *podcast* “Sotaques em Tela”

EPISÓDIO	CONVIDADOS
#1 (Piloto): Construção do falar e representação de sotaques no telejornalismo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Professora e linguista Vanderci de Andrade Aguilera 2. Jornalista e pesquisadora Ana Lúcia Medeiros 3. Professora e fonoaudióloga Ana Carolina Fernandes
#2: História do telejornalismo e o padrão televisivo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Fonoaudióloga Glorinha Beuttenmüller 2. Jornalista e pesquisadora Ana Paula Goulart Ribeiro
#3: Identidade regional x identidade profissional	<ol style="list-style-type: none"> 1. Jornalista e apresentador Francisco José 2. Jornalista e apresentadora Adriana Araújo 3. Repórter Delis Ortiz
#4: TV pública: diversidade ou reafirmação do padrão televisivo?	<ol style="list-style-type: none"> 1. Jornalista e chefe de reportagem da TV Senado Hermes Coelho 2. Jornalista e apresentador Willian Corrêa
#5: Telejornalismo na nova era: perspectivas e possibilidades	<ol style="list-style-type: none"> 1. Jornalista e pesquisadora Vera Íris Paternostro 2. Jornalista e pesquisadora Brenda Parmegianni

Fonte: Elaboração própria.

O modelo do termo de autorização de uso de voz das entrevistadas para o episódio-piloto encontra-se no Apêndice “M” deste trabalho.

4.2.3 Subformatos e coleta de sonoras

Para dinamizar o programa e torná-lo mais atrativo para os(as) ouvintes-leitores(as), foram introduzidos subformatos no momento da gravação ou edição, que precisaram de produção prévia. No contexto do “Sotaques em Tela”, foram inseridos

clipes de áudio de falas de telejornalistas de rede nacional, uma modalidade “povo fala”, uma entrevista com especialista para complementar o debate e ainda algumas introduções *off topics* da apresentadora, com explicações de algo mencionado pelas convidadas durante a gravação.

A entrevista extra com especialista a ser comentada pelas convidadas e que entrou durante o episódio-piloto foi com a professora e fonoaudióloga Ana Carolina Fernandes, coordenadora do projeto Intrafoco da UnBTV (canal televisivo universitário da Universidade de Brasília) que trabalha a fala, a dicção e a performance comunicativa dos profissionais de telejornalismo. A conversa com ela havia sido gravada e editada algumas semanas antes da realização do piloto.

Já o subformato “povo fala”, devido à impossibilidade de entrevistar pessoas aleatoriamente em espaços públicos por causa da pandemia da Covid-19, foi feito por meio do aplicativo de mensagens *WhatsApp* e contou com a colaboração de outros amigos para coletar falas de diferentes pessoas que não tivessem conhecimento do tema do trabalho, a fim de não enviesar as respostas. No que tange ao estímulo sonoro, também foram introduzidos efeitos e trilha, sobre os quais serão discutidos no tópico de pós-produção.

4.2.4 Elaboração do roteiro

Apesar da essência do *podcast* ser uma conversa, como afirma Bontempo (2020), caracterizada pela fluidez e dinâmica do papo, roteirizar os episódios é imprescindível para não acabar sem ter o que dizer e desembocar em “divagações, assuntos sem conclusão e digressões repetitivas” (BONTEMPO, 2020, p. 27).

Dessa forma, os roteiros servem para nortear a entrevista e são elaborados com base na pauta já apurada. No caso do “Sotaques em Tela”, foi elaborado a partir da pesquisa realizada ao longo do trabalho. Em sua primeira versão, porém, foi constatado que o roteiro do *podcast* estava bastante enrijecido, com uma linguagem ainda muito presa aos meios de comunicação tradicionais. Com instruções do professor orientador, uma segunda versão desse roteiro foi desenvolvida, buscando uma linguagem mais informal que pudesse conversar com o(a) ouvinte-leitor(a). Outra

mudança nessa fase foi em relação à revisão e reestruturação das perguntas, de modo a deixá-las também mais fluidas.

A íntegra do roteiro do episódio-piloto do “Sotaques em Tela” encontra-se no Apêndice “L” deste trabalho.

4.2.5 Testes e viabilidade dos recursos técnicos

Quando o projeto foi proposto, o propósito era que as gravações ocorressem no Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação (LabAudio-FAC) da UnB para garantir a qualidade do som e contar com o auxílio dos técnicos de áudio. No entanto, o mesmo veio a ser fechado, no dia 23 de março de 2020, em decorrência do estado de calamidade decretado em razão da pandemia. Assim, foi necessário pensar em alternativas para realizar a gravação com os equipamentos caseiros sem comprometer tanto a qualidade.

Algumas pesquisas na *Internet* indicaram, então, que muitos *podcasters* utilizavam aplicativos de videoconferência para realizar as gravações remotamente. Para os testes do “Sotaques em Tela”, foram avaliados o *Skype* e o *Zoom*, ambos com função que permite gravar a reunião, sendo este último o escolhido.

Porém, as configurações de áudio do computador não permitiam uma captação com ótima qualidade, o que era imprescindível aos apresentadores. Isso resultou em um retrabalho da equipe fixa de regravar as falas para serem substituídas em edição, permitindo assim alcançar um padrão mais próximo do desejado. No caso da apresentadora, foi utilizado um microfone de lapela Sony ECM-CS3, cujo áudio foi captado pelo próprio celular.

4.2.6 Gravação

Conforme mencionado acima, a gravação precisou ser feita de maneira remota, cada participante de sua casa e com o seu equipamento. Apesar da gravação caseira, foram tomados todos os cuidados para a escolha do local levando em consideração a necessidade de amenizar a interferência de ruídos externos, além das observações em relação à *Internet* para evitar falhas na conexão. Conciliando então a agenda das

entrevistadas, a gravação do episódio foi agendada e realizada na tarde do dia 10 de outubro de 2020, reservando o tempo aproximado de uma hora e meia para tal.

A gravação remota contou com algumas vantagens, como a possibilidade de entrevistar pessoas de outras regiões do país e a flexibilidade do agendamento da gravação. Também pode ser observado que todos os participantes estavam à vontade, e boa parte disso provavelmente se deve ao fato de que cada um estava gravando de sua própria casa, um ambiente já conhecido e sem formalidades.

Porém, essa modalidade também apresenta as suas desvantagens, como algumas ocorrências de falha na conexão, causando alguns ruídos (muitos puderam ser ajustados na edição, mas outros permaneceram); e a falta de controle absoluto sobre a qualidade técnica, que passa a depender dos recursos domésticos de cada participante, e sobre a condução da entrevista, visto que os apresentadores procuraram manter seus microfones desligados durante as falas das entrevistadas para interferir o menos possível e assim evitar ocorrências que poderiam ocasionar em distorções técnicas devido à conexão.

4.2.7 Identidade visual

A identidade visual foi construída pela ilustradora Priscila Wolff, de Cuiabá (MT), a partir de referências apontadas pela autora do projeto. A ideia era que a imagem do *podcast* representasse o tema do programa, assim como pretendido com o nome, aludindo à fala, diversidade e telejornalismo. Desse modo, os principais pontos propostos como parte da criação foram uma referência à televisão e diferentes tipografias para a palavra “sotaques”, representando a diversidade.

Duas artes finais foram apresentadas como sugestão para o programa: uma apenas com um balão de diálogo em formato de televisão com o nome “Sotaques em Tela” dentro (Figura 4); e outra com a imagem anterior acrescida de várias pessoas diferentes, com fisionomias felizes, abaixo do balão (Figura 5), que veio a ser utilizado na apresentação do episódio-piloto. As cores exploradas variam entre tons de salmão e azul, o que foi decidido após estudo de cores da ilustradora em parceria com a produtora. A descrição das imagens se encontra nos Apêndices “B” e “C” deste trabalho.

Figura 4: Capa da série de *podcasts* “Sotaques em Tela”



Fonte: Elaboração de Priscila Wolff.

Figura 5: Capa do piloto da série de *podcasts* “Sotaques em Tela”, intitulado “Construção e representação dos sotaques no telejornalismo”.



Elaboração de Priscila Wolff.

4.3 Pós-produção

No contexto do *podcast* “Sotaques em Tela”, a última etapa, pós-produção, consiste em todo o processo que ocorre posteriormente à gravação do episódio, desde a transcrição da entrevista, o tratamento do áudio, a edição e a distribuição do conteúdo.

4.3.1 Edição

O processo de edição, segundo Bontempo (2020), é o principal fator que caracteriza a identidade de um programa. O autor afirma que “cada *podcast* precisa ter uma personalidade, um formato próprio. A edição é fundamental para se ter um programa autêntico e interessante” (BONTEMPO, 2020, p. 49).

Neste sentido, essa fase do processo incluiu desde os cortes e tratamento do áudio captado, eliminando ruídos e partes indesejadas, selecionando as falas mais relevantes, normalizando o nível do som dos participantes e construindo a composição da entrevista como um todo, até a inserção dos elementos de identidade que compõem a estrutura do *podcast*, ou seja, os clipes de áudio, o povo fala, os subformatos como entrevista com especialista e as explicações da apresentadora, aqui denominadas *off topics*, efeitos e trilhas sonoras.

Toda a edição foi realizada pela própria produtora pelo *software Audacity*, que é gratuito e fácil de usar. Ao final, os técnicos do LabAudio fizeram a chamada pré-masterização do produto.

4.3.2 Decupagem e limpeza

O processo de decupagem no jornalismo é de fundamental importância para o conhecimento do conteúdo gravado, saber quais os melhores trechos que poderão ser utilizados, e assim preparar o terreno para a limpeza do material e facilitar a edição. Leo Lopes (2014) assim define:

Decupagem (do francês *découpage*, derivado do verbo *découper*, recortar) é um termo bastante usado em produção audiovisual e

descreve a etapa de planejamento e divisão de uma cena em planos e a previsão de como esses planos vão se ligar uns aos outros através de cortes. No caso do *podcast*, trata-se da divisão do áudio bruto em blocos menores, recortando os trechos que não entrarão na edição final e preparando o material para a edição detalhada ou “limpeza” (LOPES, 2014, p. 86).

No cenário do “Sotaques em Tela”, a decupagem contou com a transcrição do áudio concomitantemente à separação dos trechos no aplicativo de edição, o *Audacity*, a fim de facilitar a visualização do conteúdo. Isso tornou mais fácil a compreensão e a continuidade das falas na hora de fazer os recortes. Assim, nesta etapa foram descartados os trechos menos relevantes.

Também durante esse processo foi realizada a limpeza prévia da gravação, retirando, na medida do possível, ruídos, silêncios, erros, tropeços, vícios de linguagem (né, éhh, ahnn...), gaguejos etc., priorizando o ritmo e a interação entre os participantes e conferindo maior fluidez à entrevista. Algumas falhas não puderam ser corrigidas na edição devido à limitação técnica, considerando que a conversa foi gravada por aplicativo de videoconferência, tornando-a vulnerável às falhas de conexão. Além disso, a atividade remota impossibilita o controle do áudio das convidadas, suscetível a vazamentos.

4.3.3 Pesquisa sonora

As músicas e trilhas sonoras no Brasil, assim como qualquer outra obra, são regulamentadas pela Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98)²², que protege os direitos do criador em relação ao uso de suas criações. De acordo com o Art. 28º da referida lei, “cabe ao autor o direito exclusivo de utilizar, fruir e dispor da obra literária, artística ou científica”, e o Art. 29º complementa que a utilização da obra depende da autorização prévia e expressa do autor.

Para evitar problemas com direitos autorais, indica-se trabalhar com músicas de licença liberada – “*No Copyright Music*”. Na *Internet*, há algumas opções de bibliotecas de áudio isentas de *royalties* e gratuitas. No contexto deste trabalho, foi utilizada a biblioteca do *YouTube*²³ para buscar trilhas e efeitos sonoros livres de

²² Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm.

²³ Link para a biblioteca: <https://studio.youtube.com/channel/UCTI2fKz7cMY5qMLwQkY3nYw/music>.

direitos autorais. Também foram feitas pesquisas sonoras no acervo da *BBC Radio*, da emissora britânica BBC²⁴, e na plataforma *99Sounds*²⁵.

4.3.4 Sonorização

Esta foi a última etapa da edição, após a estrutura do episódio estar montada. Consiste na inserção de música e outros recursos sonoros utilizados no programa. Foram considerados os cuidados destacados por Leo Lopes (2014) para tornar o processo de sonorização agradável para o público, como a preferência por músicas instrumentais a músicas cantadas; a atenção para o volume; a escolha de músicas e sons que harmonizem com o papo e com o ritmo do programa; a atenção para os momentos de entrada e transição; e a cautela quanto à qualidade da faixa sonora.

Dessa forma, foi escolhida uma trilha sonora da biblioteca de áudio do *YouTube*, de gênero *pop* e de clima alegre²⁶, para caracterizar o início e o fim do programa, bem como os momentos de transição. Também foram utilizados efeitos sonoros para despertar a atenção dos(as) ouvintes-leitores(as), inseridos de acordo com o conteúdo da fala. Na entrada dos “*off topics*” de explicação da apresentadora, por exemplo, foi inserido o efeito sonoro de ideia (*PLIM!*).

4.3.5 Acessibilidade

O Decreto 9.649, de 2009, promulgou no Brasil a Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinado no dia 30 de março de 2007 em Nova York, a qual reconhece

(...) que a deficiência é um conceito em evolução e que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas²⁷ (BRASIL, 2009).

²⁴ Disponível em: <http://bbcsfx.acropolis.org.uk/>.

²⁵ Disponível em: <https://99sounds.org/free-sound-effects/>.

²⁶ Título da faixa na biblioteca do YouTube: Timpani Beat. Artista: Nana Kwabena.

²⁷ BRASIL. DECRETO Nº 9.649, DE 25 DE AGOSTO DE 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, Brasília, ago 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm.

Considerando, pois, que a “acessibilidade é um direito universal; é assim como deve ser tratada em termos legislativos e práticos. Todo ser humano tem direito a acessar, em igualdade de oportunidades, todos os espaços, serviços e produtos” (ALVES; SANTIAGO VIGATA; TEIXEIRA, 2018, p. 2) e que as dificuldades decorrem da discriminação, é necessário pensar e pôr em prática recursos para corrigir as profundas desvantagens sociais e assim garantir a participação de pessoas com deficiência na vida econômica e sociocultural.

De acordo com o Artigo 1º do Decreto 9.649 de 2009,

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2009).

Neste sentido, o *podcast* “Sotaques em Tela” procurou, mesmo que de maneira experimental, pensar em vias de tornar o conteúdo (áudio e ilustrações) acessível às pessoas com deficiência auditiva e visual, com o uso da transcrição, tradução para a Língua Brasileira de Sinais e a descrição de imagens.

Alves, Santiago Vigata e Teixeira (2018) afirmam que a legendagem interlingual é a principal via de acesso às produções para o público surdo, sendo uma modalidade de tradução audiovisual que fornece acessibilidade linguística a textos audiovisuais. As pesquisadoras destacam ainda que as legendas para surdos e ensurdecidos (LSE) não podem ser meramente uma transcrição do diálogo, mas que devem contextualizar e conseguir expressar também as sensações por meio das músicas, trilhas e efeitos sonoros e até do silêncio, recursos que fazem muita diferença em uma produção audiovisual.

[...] as legendas devem incluir informações adicionais como a identificação dos falantes e da carga afetiva de seus enunciados, qualificação dos efeitos sonoros e das músicas etc. O papel da música e dos efeitos sonoros é importante na construção da narrativa e do ritmo de um filme, e por isso é importante que o legendista saiba exprimir a expressividade sonora em uma descrição enxuta. [...] O espectador surdo pode ver que o personagem está rindo, mas, ao lhe faltar a informação paralinguística, não sabe interpretar se se trata de um riso alegre, irônico ou sarcástico, o que faz uma diferença abismal

na interpretação desse riso (ALVES; SANTIAGO VIGATA; TEIXEIRA, 2018, p. 7).

Ainda sobre os cuidados no processo de descrição dos aspectos estéticos para a construção de uma comunicação significativa, Pinheiro (2020, p. 7) enfatiza que “as características físicas e emocionais de quem participa (atuando, narrando, apresentando, entrevistando, sendo entrevistado(a), ancorando) de um *podcast* devem ser contempladas nas transcrições acessíveis”.

É importante destacar também a diversidade da comunidade surda no Brasil. De acordo com o censo mais recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, haviam cerca de 10 milhões de brasileiros com deficiência auditiva, dos quais 2,1 milhões são surdos ou escutam muito pouco²⁸. Dentre eles, há os que perderam a audição ao longo da vida ou os que nasceram surdos, os quais normalmente têm a Libras como 1ª língua.

Em relação ao uso da Janela de Interpretação de Libras, Alves, Santiago Vigata e Teixeira (2018, p. 8), ao mencionarem a interpretação para cinema, ressaltam que “vale dizer que a tradução não é palavra por palavra, ou literal. Questões artísticas, (...), multimodais e intersemióticas também precisam ser contempladas para que a pessoa surda possa exercer a fruição estética”. Pinheiro (2020, p. 10-11) amplia essa compreensão sobre o uso da Janela de Libras para o âmbito do *podcast*: “isso pode ser feito a partir das redes de comunicação *online* e/ou de *sites* ou plataformas de compartilhamento de vídeos. Para tanto, a figura do profissional intérprete (...) e o seu grau de imersão no conteúdo produzido são fundamentais”.

Desse modo, quatro recursos experimentais de acessibilidade foram utilizados:

1. Transcrição da íntegra do episódio-piloto, buscando descrever as falas e suas variações, os recursos sonoros utilizados e as características dos apresentadores e das entrevistadas. A transcrição foi publicada na página do “Sotaques em Tela” no *site* do LabAudio UnB.

²⁸ Fonte: Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/baixo-alcance-da-lingua-de-sinais-leva-surdos-ao-isolamento>. Acesso em: 23 nov 2020.

2. Descrição-síntese do episódio, também disponível na página do “Sotaques em Tela” no *site* do LabAudio UnB.
3. Descrição das imagens ilustrativas e do episódio-piloto (ver Apêndices “B” e “C”) do *podcast* na página do “Sotaques em Tela” no *site* LabAudio UnB.
4. Tradução em vídeo em Língua Brasileira de Sinais (Libras) do *podcast*, visto que esta é a principal língua das pessoas nascidas surdas no Brasil. O vídeo também se encontra disponível no *site* do LabAudio.

Os conteúdos acessíveis encontram-se nos Apêndices “A” (transcrição do episódio-piloto), “B” (descrição acessível da ilustração da capa do *podcast*) e “C” (descrição acessível da ilustração da capa do episódio-piloto) deste trabalho.

4.4 Publicação e distribuição

Após todas as etapas acima mencionados, chega-se à última parte do processo, quando se disponibiliza efetivamente o *podcast* finalizado para o(a) ouvinte-leitor(a). Renato Bontempo (2020) explica sobre a estrutura da hospedagem e como o *podcast* alcança o público. Primeiro, é necessário hospedar o programa em um bom servidor, ou seja, um serviço que armazena o áudio e permite que os ouvintes escutem, baixem ou assinem o *podcast*. O servidor, por sua vez, redireciona o conteúdo para os agregadores, como *Spotify*, *Deezer* e *Google Podcasts*, os quais disponibilizam os *podcasts* nos dispositivos (celular, computador, *Echo Alexa* etc).

No contexto do “Sotaques em Tela”, a hospedagem foi feita no *Anchor.fm*, que é gratuito, de fácil utilização e envia automaticamente o *podcast* para os principais serviços de *streaming*, como o *Spotify*, e no *SoundCloud*. O programa também foi disponibilizado no *site* do Laboratório de Áudio (LabAudio UnB)²⁹. As interfaces do *podcast* na página do LabAudio, no *Spotify* e no *SoundCloud* encontram-se nos Apêndices “D”, “E” e “F” deste trabalho, respectivamente.

²⁹ Conteúdo disponível em:
http://labaudio.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=233&Itemid=989.

5 EPISÓDIOS

5.1 Temas e estrutura

Para fins da presente pesquisa, apenas o primeiro episódio (piloto) da série de *podcasts* “Sotaques em Tela” foi produzido e gravado, mas o mesmo formato seria utilizado para os demais episódios, cujas pautas encontram-se nos Apêndices I, J, K e L deste trabalho, com a seguinte estrutura:

Quadro 3: Temas e estruturas dos episódios da série “Sotaques em Tela”

Episódio	Objetivos principais	Potenciais entrevistados	Questões básicas
Episódio 1 (Piloto): Construção do falar e representação de sotaques no telejornalismo	- Construir um debate conceitual e histórico entre a atribuição de valores às diferentes variedades linguísticas no país e como isso influencia o prestígio por uma linguagem padrão nos noticiários nacionais	- Vanderci de Andrade Aguilera (linguista) - Ana Lúcia Medeiros (jornalista) - Ana Carolina Fernandes (fonoaudióloga)	- Como as pessoas percebem a própria fala? Existe ausência de sotaque? - Por que alguns sotaques são mais prestigiados que outros? - Como foi construído o sotaque do telejornalismo? Que sotaque é esse? - Como vê o trabalho dos fonoaudiólogos?
Episódio 2: História do telejornalismo e o padrão televisivo	- Discutir sobre a história do telejornalismo no Brasil e a construção do padrão estético, o qual inclui a fala, neste meio	- Glorinha Beuttenmüller (fonoaudióloga) - Ana Paula Goulart Ribeiro (jornalista)	- Como surgiu o telejornalismo no Brasil? - De onde vem esse jeito de falar do telejornalismo brasileiro? - Acha importante que o telejornalista tenha uma fala mais padronizada?
Episódio 3: Identidade regional x identidade profissional	- Debater os limites e as possibilidades entre a identidade regional e a	- Evaristo Costa (jornalista/âncora) - Francisco José (jornalista/apresentador) - Delis Ortiz (repórter)	- Você acha que o sotaque é um ruído na comunicação? - Já enfrentou algum problema

	identidade profissional - Trazer a questão do sotaque pela experiência de jornalistas de TV	- Adriana Araújo (jornalista/apresentadora)	durante a carreira por causa do sotaque?
Episódio 4: TV pública: diversidade ou reafirmação do padrão televisivo?	- Conversar com jornalistas de TVs públicas para saber se esses meios de comunicação diferem do padrão da TV comercial e permitem maior abertura à diversidade	- Hermes Coelho (jornalista/TV Senado) - Willian Corrêa (jornalista/apresentador) - Ronaldo Martins (jornalista/apresentador)	- Qual a importância da TV pública em comunicar? - O padrão estético da TV pública se difere do padrão da TV comercial? Por quê? - O fato de não ter uma pressão pela audiência como uma TV comercial permite maior diversidade na TV pública?
Episódio 5: Telejornalismo na nova era: perspectivas e possibilidades	- Discutir quais as perspectivas e possibilidades para a presença de sotaques no telejornalismo e a influência da <i>Internet</i> (telejornalismo online)	- Vera Íris Paternostro (jornalista/pesquisadora) - Newton Cannito (cineasta/pesquisador) - Brenda Parmegianni (jornalista/pesquisadora)	- Acha que o telejornalismo poderia permitir falas mais regionais e menos padronizações? - Há uma diferença entre a aceitação de sotaque do repórter e do âncora? - Como a era digital e as interações pela <i>Internet</i> influenciam o padrão televisivo?

Fonte: Elaboração própria.

5.2 Episódio-piloto

A proposta de realizar um episódio-piloto como produto deste trabalho, conforme apresentado no tópico 1.5.3, decorreu da necessidade de produzir um conteúdo experimental para testar a viabilidade dos objetivos, formato e estrutura

estipulados. Assim, o piloto é capaz de apontar o que funciona e o que pode ser melhorado, servindo como um protótipo do programa.

O tema do programa foi a construção e a representação de sotaques no telejornalismo de rede nacional, de modo a abordar o assunto a partir de uma perspectiva histórica e conceitual. Por se tratar do primeiro episódio do *podcast*, o objetivo era trazer uma contextualização para os demais episódios. Dessa forma, buscou-se conversar com pesquisadoras a fim de compreender essa construção sociocultural da maneira como falamos e da estética da fala adotada pelo jornalismo, com uma linguista e uma jornalista, respectivamente. Também foi entrevistada uma fonoaudióloga para discutir o tema sobre o ponto de vista da transmissão da voz.

Assim, neste episódio procurou-se levantar reflexões sobre o que é o sotaque e qual a percepção que nós temos sobre a nossa própria fala; como foi construída a diversidade de sotaques no Brasil; se o sotaque compromete a compreensão da informação por pessoas de diferentes regiões; se o telejornalismo de rede nacional possui uma fala característica e por quê; e por que algumas formas de falar são mais bem aceitas ou valorizadas do que outras, incluindo no telejornalismo.

Dado que o piloto foi o único episódio gravado, também foram abordados alguns tópicos que estariam com mais profundidade em episódios posteriores, como a questão sobre as perspectivas e possibilidades para a presença de sotaques de repórteres e apresentadores nos noticiários nacionais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos deste trabalho podem ser divididos em dois eixos principais: o primeiro é em relação ao tema, no que tange à compreensão e ao debate da formação de um falar que é próprio do telejornalismo nacional, bem como a perspectiva para a inserção da diversidade de sotaques neste meio; o segundo diz respeito à produção de um *podcast* e suas possibilidades enquanto formato jornalístico.

A discussão em torno do primeiro eixo, pela ideia da produção da série de *podcasts*, seria construída ao longo de todos os episódios, trazendo diversos olhares a fim de ter uma compreensão mais abrangente sobre o assunto. Porém, com base na realização e nas entrevistas do episódio-piloto, com jornalista, linguista e fonoaudióloga, é possível depreender alguns pontos:

- a) O preconceito, aqui incluindo o preconceito linguístico, existe a partir do desconhecimento daquilo que é diferente da esfera do “eu”, como também do prestígio dado a uma certa cultura em detrimento de outras, normalmente associado a questões socioeconômicas;
- b) Há uma diversidade de sotaques no Brasil, mas muitos deles são desprestigiados na cultura nacional, principalmente os das regiões Norte, Nordeste e Sul do país. Para combater este tipo de preconceito, conforme mencionado no item anterior, é necessário que haja constantes debates sobre o tema e a valorização das diferentes variedades linguísticas regionais, a fim de tornar o que é considerado “estranho” em algo “normal”;
- c) O telejornalismo de rede, da mesma forma que outras mídias, como meio de informação crível e de amplo alcance, possui uma grande presença na cultura nacional, servindo como uma “janela” dos diferentes cantos do país. Assim, possui um importante papel na representação e valorização da diversidade linguística;
- d) Por fim, observa-se uma tendência à flexibilização do fazer jornalístico que antes era tão rígido, tanto por fatores econômicos, como tecnológicos e culturais, estes últimos decorrentes inclusive da possibilidade de interação do público a partir da ascensão das tecnologias. Alia-se, a esses elementos, também um movimento da sociedade da busca pela representatividade em

diversas esferas. Isso deve dar abertura à inclusão de diferentes falares no telejornalismo nacional, mesmo que de forma lenta e gradual. No entanto, é preciso tomar cuidado para que essa integração ocorra de maneira natural e não estereotipada.

O segundo eixo, relacionado à produção do *podcast*, mostrou que este formato desponta como um produto de ricas possibilidades para o jornalismo. O programa de áudio herda a linguagem radiofônica e simultaneamente permite a exploração de subformatos (como clipes de áudio, sonoras, povo fala etc.) e de efeitos e trilhas sonoras, além da proximidade com o(a) ouvinte-leitor(a), seja pela utilização dos recursos sonoros mencionados ou pelo estilo mais informal de abordar o assunto.

Assim, o *podcast* apresenta-se como uma interessante ferramenta de gênero jornalístico, ao passar por todas as etapas de produção que garantem a credibilidade do jornalismo, capaz de incutir debates mais aprofundados sobre temas relevantes para a sociedade mas de forma que se aproxima do(a) ouvinte-leitor(a), permitindo maior participação deste, e atraindo um público novo que não está acostumado a consumir informações por meio de leitura ou dos meios mais tradicionais.

Há de se considerar, ainda, a complexidade que envolve todo o trabalho para a realização de um *podcast*, ainda que para um episódio-piloto em caráter experimental. Para futuras produções, recomenda-se uma equipe de trabalho, mesmo que pequena, para dividir as tarefas mais laboriosas, principalmente a pré-produção, no que diz respeito ao processo de pesquisa e elaboração da pauta e do roteiro, e a pós-produção, no que se refere à edição e a transcrição do material, particularmente. Deve-se levar em conta, também, as questões técnicas, principalmente em um cenário de produção remota, no qual muitas vezes não é possível ter controle sobre a conexão e a qualidade de áudio dos participantes.

Por fim, deve ser destacada também a importância desse tipo de produção experimental como trabalho de conclusão de curso. Todas as pesquisas realizadas e as etapas de produção do projeto refletem os conhecimentos assimilados ao longo da graduação, com todos os cuidados que a atividade jornalística exige, em um processo que vai desde a apuração inicial até o tratamento final do material e a sua distribuição.

REFERÊNCIAS

ABPOD. **PodPesquisa 2019**. Disponível em: <https://abpod.com.br/podpesquisa>. Acesso em 12 set 2020.

ALVES, S. F.; SANTIAGO VIGATA, H.; TEXEIRA, C. **A pesquisa sobre acessibilidade audiovisual na Universidade de Brasília: uma história recente**. In: Germana Henriques Pereira; Thiago André Veríssimo. (Orgs.). *Historiografia da Tradução: Tempo e Espaço Social*. Campinas: Pontes, 2018, p. 167-200.

ANTUNES, Leandra Batista; LOURDES, Renata Lena de. **A variação do fonema /R/ em coda silábica nas cidades de Patos de Minas, Uberlândia e Varginha**. *Caletroscópio*; Vol 4, No 7, 2016.

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?: um convite à pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

BARBOSA, Adriana de Oliveira. **Brasilienses e a ideia do não-sotaque no processo de formação de identidade linguística**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2002.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**. Os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BARSOTTI, Adriana; SANTA CRUZ, Lucia. **Jornalismo literário em podcasts: Uma análise dos roteiros do Vozes, da CBN**. *Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG*, v. 11, n. 01, p. 137-159, jan./abr. 2020.

BATISTA, Ana Lúcia Medeiros. **Outros falares, outros olhares: os “sotaques” no telejornalismo e na telenovela**. Mestrado em Comunicação. Universidade de Brasília, Brasília, 1999. 192 p.

BATISTA, Christyann Lima Campos; FIGUEIREDO, Marcos Arruda Valente de. **O local no nacional: um debate sobre os sotaques no telejornalismo de rede no Brasil**. Universidade Federal do Maranhão, UFMA. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2009.

BEUTTENMÜLLER, Maria da Glória. **Locução e TV**. 1976.

BONTEMPO, Renato. **Podcast descomplicado: Crie podcasts impossíveis de serem ignorados**. 1ª ed: Bicho de Goiaba, 2020.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. **Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília-DF / IPHAN, 2016.

CHAMBERS, T., STORIE, D., CAMPBELL, S. (2011). RSS (Really Simple Syndication): Helping faculty and residents stay up to date. In P. Younger & P. Morgan (Eds.), **Using Web 2.0 for Health Information** (pp. 107-114). Facet. Disponível em: <https://doi.org/10.29085/9781856049276.013>. Acesso em 21 de jan. de 2020.

CRYSTAL, D. **A Dictionary of Linguistics and Phonetics**. Blackwell Publishing, 2008.

DEL BIANCO, Nelia R.; PINHEIRO, Elton Bruno. A integração de emissoras de rádio *all news* brasileiras às plataformas de streaming de áudio. In: **Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2020.

ESCH, Carlos Eduardo. La construcción de relaciones de afecto, amistad e intimidad bajo la mediación de la radio. **Tese de Doutorado**. Universidad Complutense de Madrid. Espanha. 2004. Disponível em: <https://bit.ly/2H3jFqt>. Acesso em: 20 out. 2020.

ESCH, Carlos Eduardo. As relações de afeto na Rádio no caso do programa Conversa com Pilar. **Dissertação de Mestrado**. Universidad Complutense de Madrid. Espanha. 2002. Acesso em: 20 out. 2020

ESCH, Carlos Eduardo. Do Microfone ao Plenário: o comunicador radiofônico e seu sucesso eleitoral. **Portcom**. São Paulo: Intercom, 1997. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5732106affbe5ba6faeaec81e5dec344.pdf> . Acesso em: 20 out. 2020.

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio In: **Enciclopédia Intercom De Comunicação**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. v. 1, p. 1.009-1.010.

FERRARETTO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano; (Org.). **E o Rádio?** Novos Horizontes Midiáticos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

FOSCHINI, Ana Carmen; TADDEI, Roberto Romano. **Conquiste a Rede: podcast**. São Paulo: Ebook, 2006.

HAMERMÜLLER, Amanda Farias. **A cor na televisão: Uma análise da representatividade racial entre os repórteres e apresentadores da Rede Globo e o papel televisivo na construção da identidade negra**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), UFRGS, Porto Alegre, 2018.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2009.

KAPLÚN, Mário. **Produção de programas de rádio: do roteiro à direção**. São Paulo: Intercom, Iporanga: Insular, 2017.

KURTH, Estela. Representação das emissoras regionais na grade de programação nacional de programação das redes de televisão. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.3, n.1, p.89-98, 2006.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística**. Rio de Janeiro, Record, 2001.

LOPES, Leo. **Livro Podcast – Guia Básico**. Editora Marsupial, 2014.

LOPEZ, Debora Cristina; ALVES, João. Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados. In: **Anais** do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém, 2019.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. O podcast no Brasil e no mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2010.

MARI, Angelica. **Podcast market booms in Brazil**. ZDNet. 4 nov. 2019. Disponível em: <https://www.zdnet.com/article/podcast-market-booms-in-brazil/>. Acesso em 07 de nov. de 2020.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org). **Manual de linguística**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MENDES, Conrado Moreira. **O falar do Jornal Nacional: produção e recepção de um sotaque de natureza ideológica**. (Monografia). Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/mendes-conrado-o-falar-do-jornal-nacional.pdf>. Acesso em 8 de mar. de 2020.

NARECE, Iara Lorca. **Oficina para suavização de sotaque no {R} caipira em locutores: comparação entre abordagem presencial e a distância**. Tese (Doutorado em Bioengenharia) - Bioengenharia, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2015.

PAIVA, Ana Sofia. **Rádio Aumentada: Uma proposta de reportagem com som binaural e realidade aumentada**. Covilhã: LabCom.IFP, 2019.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 2. ed., atual. [s. l.]: Brasiliense, 2006.

PEREIRA, Fabio Henrique. **A entrevista no jornalismo brasileiro: uma revisão de estudos**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. 14, Nº 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p139/35862>.

PEREIRA, Fabio Henrique; NEVES, Laura Maria. A entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas. In: **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 29, p. 35-50, 2013.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis: Vozes, 2006.

PINHEIRO, Elton Bruno. Podcast e Acessibilidade: apontamentos teóricos e metodológicos. **Anais** do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020

RAMOS, Luciana de Menezes. Representações de comunicadores de mídia nordestinos sobre sotaque. **Dissertação** (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CCS. Recife, 2015.

SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES, Mario Luiz. **Critérios de noticiabilidade – problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

SILVA, Hosana dos Santos. Breve Introdução à História das Línguas no Brasil. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Curso "**Política Linguística para Educação Escolar Indígena**"). Unifesp, São Paulo, 2015.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 6. Ed. – São Paulo: Contexto, 2002.

SOSA, Emília; BONITO, Marco. Pesquisa exploratória para conhecer o contexto científico dos Podcasts jornalísticos no Spotify. In: **Anais** do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Porto Alegre, 2020.

VANASSI, Gustavo Cardoso. **Podcasting como processo midiático interativo**. Monografia. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2007.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. **XXVII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**, p. 7-72. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

APÊNDICE A
TRANSCRIÇÃO ACESSÍVEL DO EPISÓDIO PILOTO
DO PODCAST “SOTAQUES EM TELA”

Podcast Sotaques em Tela – com Isadora Dueti e Carlos Augusto Xavier

Episódio 1 - Piloto	
Tema	Construção e representação de sotaques no telejornalismo de rede
Pesquisa e roteiro	Isadora Dueti
Apresentação	Isadora Dueti e Carlos Augusto Xavier
Duração: 1 hora	
Local de gravação	Remoto (via aplicativo <i>Zoom</i>)
Convidadas/entrevistadas	<p>Ana Lúcia Medeiros Jornalista, doutora em Comunicação e Autora do livro <i>Sotaques na TV</i></p> <p>Vanderci Andrade de Aguilera Linguista com ênfase em Geolinguística, diretora científica do Atlas Linguístico do Brasil</p> <p>Ana Carolina Fernandes Fonoaudióloga, professora e coordenadora do projeto IntraFoco na UnB TV.</p>
Orientação	Prof. Dr. Elton Bruno Pinheiro

[EPISÓDIO INICIA COM SEQUÊNCIA DE FALAS DE TELEJORNALISTAS COM DIFERENTES PRONÚNCIAS REGIONAIS]

[FALA 1: LARISSA PEREIRA, MULHER, ADULTA, APRESENTANDO O JORNAL NACIONAL]

“A decisão do Supremo Tribunal Federal contrária à prisão de condenados em segunda instância levou à soltura de mais presos, e não só da Lava Jato”.

[FALA 2: GERALDO CANALI, HOMEM, ADULTO, APRESENTANDO O JORNAL DA RBS]

“Os partidários de Fernando Collor de Melo fazem a festa da vitória em *Port’Alegre*”.

[FALA 3: JÉSSICA SENRA, MULHER, ADULTA, APRESENTANDO O JORNAL NACIONAL]

“Minha gente, o Jornal Nacional termina aqui. Foi um prazer imenso representar o meu estado, a Bahia, como parte das comemorações dos 50 anos do JN. Espero que vocês tenha desfrutado tanto quanto a gente”.

[FALA 4: MATHEUS RIBEIRO, HOMEM, ADULTO, APRESENTANDO O JORNAL NACIONAL]

“Encerro com o tradicional boa noite de um jeito que os goianos conhecem bem: *tchau, brigado*”.

[FALA 4: LARISSA PEREIRA ENCERRANDO O JORNAL NACIONAL]

“Boa *noití*, e um ótimo domingo para você!

[FALA 5: SANDRA ANNENBERG, MULHER, ADULTA, APRESENTANDO O JORNAL HOJE]

“Evaristo, eu começo perguntando como você fala a palavra *porta* [pronúncia com R vibrante]?”.

[FALA 5: EVARISTO COSTA, HOMEM, ADULTO, APRESENTANDO O JORNAL HOJE AO LADO DE SANDRA ANNENBERG]

“Bom, aqui no jornal eu falo igual a você: *porta*. Originalmente eu falo *pórrrta*” [risos].

[FALA 5: SANDRA ANNENBERG]

“Então pronto!” [risos].

[TRILHA DO PODCAST, DE GÊNERO POP E CLIMA ALEGRE, FORMADA POR LEVES BATIDAS INSTRUMENTAIS QUE SE REPETEM E SE ALTERNAM COM

**UM SOM SUAVE DE “Ô-Ô-Ô-Ô” QUE CHEGA QUASE COMO UM SOPRO AOS
OUVIDOS]**

**[ISADORA DUETI, APRESENTADORA, MULHER, JOVEM, INICIA O EPISÓDIO.
CUIABANA FALANDO DE BRASÍLIA-DF. SEU SOTAQUE TRAZ MARCAS
CARACTERÍSTICAS DE MATO GROSSO]**

Se você assiste telejornal, já deve ter percebido que o jeito de falar de muitos repórteres e especialmente dos apresentadores parece ter saído do mesmo lugar, não é mesmo? Mas eu tenho um jeito de falar, que talvez seja diferente do seu jeito de falar, e que provavelmente também é diferente da forma como muitos ao seu redor falam. É o que nós costumamos chamar de sotaque. E você já se perguntou como esses tantos sotaques que conhece são representados na TV? Quantas das notícias que você ouve falam de um jeito conhecido? Bem, eu já. E é por isso que eu tô aqui com você hoje no primeiro episódio do “Sotaques em Tela”.

**[CONTINUAÇÃO DA TRILHA POR ALGUNS SEGUNDOS. TRILHA VAI À BG E
ENTRA POVO FALA]**

[ISADORA DUETI ENTREVISTA DIFERENTES PESSOAS]: “Você acha que você tem sotaque?”

[ENTREVISTADA 1, MULHER, ADULTA]: “Tenho”.

[ENTREVISTADO 2, HOMEM, ADULTO]: “Eu acho que sim”.

[ENTREVISTADA 3, MULHER, ADULTA]: “Sim, eu acho que tenho”.

[ISADORA DUETI]: “Você considera o seu sotaque parecido com o sotaque dos repórteres e apresentadores dos telejornais nacionais?”

[ENTREVISTADA 1]: “Ah, eu não considero igual nem parecido, porque eu acho que eles não tem sotaque”.

[ENTREVISTADA 4, MULHER, JOVEM]: “Eu não assisto telejornal, mas eu sei que o meu sotaque não é igual ao das pessoas no telejornal. Acho que o deles é mais carioca, mais paulista”.

[ENTREVISTADO 2]: “Não, porque eu... eu tenho puxado o R, né? Eu puxo o R, né? E os apresentadores não têm esse negócio de puxar o R... *pórrta...*”

[ISADORA DUETI]: “O que você acharia se os apresentadores dos noticiários nacionais tivessem sotaque com marcas regionais?”

[ENTREVISTADA 1]: “Não, eu não tenho nada contra. Acho que vai ficar até divertido”.

[ENTREVISTADA 4]: “O importante é todo mundo entender, né?”

[ENTREVISTADA 5, MULHER, JOVEM]: “Eu acho que iria tirar um pouco da integralidade do *Jornal Nacional*, no sentido de que o *Jornal Nacional* precisa ser um jornal que precisa ser compreendido por pessoas do país inteiro”.

[ENTREVISTADO 2]: “Ah, pra mim normal, ia achar legal. Eu acho que sotaque é uma coisa da tradição, da criação da pessoa, né? Do local onde ela foi criada”.

[ISADORA DUETI]: “Pra você, existe alguma região, estado ou cidade brasileira em que seus habitantes não tenham sotaque?”

[ENTREVISTADA 4]: “Acho que todo lugar tem um sotaque, né?”

[ENTREVISTADO 2]: “Eu acho que toda região tem o seu sotaque”.

[ENTREVISTADA 5]: “Não, pra mim todo canto tem o seu sotaque e todo canto tem as suas marcas”.

[TRILHA DO PODCAST, DE GÊNERO POP E CLIMA ALEGRE, FORMADA POR LEVES BATIDAS INSTRUMENTAIS]

[ISADORA DUETI]:

Mas por que afinal nós estamos acostumados a ouvir um sotaque padrão dos jornalistas na TV? Um sotaque que não parece ter saído de lugar nenhum do Brasil? E a pergunta que não quer calar, ou pelo menos para mim... De onde veio esse padrão? E para onde ele vai? Eu sou Isadora Dueti, graduanda de Jornalismo da Universidade de Brasília, e na jornada de hoje, apresentando este episódio virtualmente comigo, conto com o meu amigo, colega de profissão e de faculdade, Carlos Augusto. Você pode mostrar o seu sotaque pra gente, Carlos?

[CARLOS AUGUSTO XAVIER, APRESENTADOR, HOMEM, JOVEM. FALANDO DE PARACATU-MG. SEU SOTAQUE TRAZ MARCAS CARACTERÍSTICAS DE MINAS GERAIS]:

Obrigado, Isa! Olá, ouvinte, eu sou o Carlos Augusto Xavier, estudante de Jornalismo e *mineirim*, aqui da famosa terra do *trem*, do *uai* e do pão de queijo. Inclusive tô aqui com um do meu lado acompanhado de um *cafézim* durante a nossa conversa. E para ajudar a responder as questões que a Isa mencionou agora há pouco e as que virão pela frente, estamos aqui com a presença e a colaboração da linguista Vanderci Andrade de Aguilera, que é professora sênior da Universidade Estadual de Londrina, é autora do Atlas linguístico do Paraná e coordenadora da Regional Paraná do Atlas Linguístico do Brasil, atuando também como diretora científica desse projeto. Seja bem-vinda, Vanderci!

[PROFESSORA VANDERCI DE ANDRADE AGUILERA, MULHER, ADULTA. FALA CONOSCO DE CURITIBA-PR. SEU SOTAQUE TRAZ MARCAS CARACTERÍSTICAS DO INTERIOR DO PARANÁ]:

Olá, tudo bem? Muito obrigada pelo convite.

[CARLOS AUGUSTO XAVIER]:

Muito obrigado pela presença, professora Vanderci. E também temos aqui a presença e a participação da pesquisadora Ana Lúcia Medeiros, que é jornalista, mestre e doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília. Também é autora do livro “Sotaques na TV”, que é baseado na sua pesquisa de mestrado chamada “Outros falares, outros olhares: os sotaques no telejornalismo e na telenovela”. Seja bem-vinda, Ana Lúcia!

[ANA LÚCIA MEDEIROS, MULHER, ADULTA. FALA CONOSCO DE JOÃO PESSOA-PB. SEU SOTAQUE TRAZ MARCAS CARACTERÍSTICAS DA PARAÍBA E DE BRASÍLIA]:

Olá, tudo bem? *Brigada!*

[CONTINUAÇÃO DA TRILHA POR ALGUNS SEGUNDOS. TRILHA VAI SUMINDO E APRESENTADORA RETOMA A FALA]

[ISADORA DUETI]

A gente sabe que há muitas variações dentro de uma mesma língua. Elas podem ser históricas, aquelas que ocorrem com o decorrer do tempo; sociais, decorrentes das diferenças socioculturais; estilísticas, que se referem ao contexto; e geográficas, que variam conforme a região ou lugar, que é o caso do sotaque, nosso tema aqui. Como você pode explicar pra gente exatamente o que é o sotaque então, professora Vanderci?

[PROFESSORA VANDERCI DE ANDRADE]

Bem, o sotaque lá no dicionário ele tem até a primeira definição, uma definição meio... assim, esquisitinha. Porque nós só entendemos sotaque de outra maneira. Ali diz que pode ser uma picuinha, uma irritação com alguém. Mas no segundo significado, e para nós linguistas, o sotaque significa a fala característica de uma pessoa de uma comunidade.

A fala característica de uma pessoa nunca é dela, ela está inserida num contexto, está numa comunidade. Então ela vai reproduzir... a maioria dos traços daquela comunidade. Há o idioleto, né? As características individuais, aquilo que diferencia a minha fala da fala da minha irmã, que nasceu aqui, que vive aqui. Então nós pertencemos à mesma comunidade linguística, temos o mesmo sotaque, isto é, a mesma melodia de voz, né? A melodia, os tons da voz, e temos também os mesmo traços fonéticos... o R retroflexo, a omissão do R no infinitivo, *falá, vendê*... e assim nós temos. Também aqui nós falamos *gentchi* e não *gente*... então nós temos marcas que vão identificar o nosso sotaque.

[ISADORA DUETI]

Bem, e pra falar do nosso sotaque a gente precisa entender como a língua que a gente fala foi construída. A língua portuguesa chegou no Brasil há muito tempo, lááá no século XVI. Mas muita coisa aconteceu de lá pra cá para transformar essa língua no português brasileiro que conhecemos hoje. Além desse vasto território que é o nosso país, o que por si só já tornaria difícil evitar as variações na fala, a formação do povo

brasileiro também é marcada pelo constante choque cultural entre diferentes etnias, caracterizando a história linguística do país pelo multilinguismo, que é a coexistência de várias línguas em um mesmo espaço.

Considerando isso, professora Vanderci, como esse choque cultural entre tantas etnias diferentes ao longo da história do Brasil influenciou na formação do sotaque do povo brasileiro?

[PROFESSORA VANDERCI DE ANDRADE]:

Bem, quando os portugueses vieram para cá, eles não trouxeram um português uniforme, eles trouxeram um português de várias áreas de Portugal. E nós sabemos que a variação ocorre até dentro da própria família. Então nós temos o avô fala diferente do pai e o pai fala diferente do filho e o filho fala diferente do neto. Então nós temos, por menor que seja uma comunidade, nós vamos observar variações. Isso aí já é um traço da língua, uma característica da língua. A língua, ela é dinâmica e está sempre mudando... como tudo na natureza muda, a língua não ficaria isenta dessas influências.

Então esse português que foi trazido já não foi um português homogêneo. Aqui chegando em contato com os indígenas, são várias etnias também, e depois os africanos, também provindos de várias localidades da África, de várias regiões, cada um com sua língua e seu dialeto. Então este encontro de vários dialetos, de várias etnias, várias línguas, hábitos, costumes, culturas... tudo isso foi se moldando pouco a pouco, de forma que hoje nós temos um português que nós podemos dizer que tem um sotaque diferente do português europeu e podemos dizer também que no Brasil nós temos diversos sotaques, que nós chamamos de variedades linguísticas. Nós temos muitas variedades e cada região...

Por exemplo, se nós temos a região Norte... a região Norte também não é uniforme. O falar nortista não é uniforme. Há uma região em que se diz *féxxta* e outra *fésta*, dentro da região Norte. O mesmo vai ocorrer na região Nordeste, por exemplo, em

que em determinado estado é *día* e outro é *djá*. Aqui no Paraná nós temos a região do pórrta, o R retroflexo, na maioria das localidades paranaenses [...]

[EFEITO SONORO DE IDEIA – PLIM!]

[ISADORA ENTRA EM OFF]:

Ahhh, peraí... aposto que você, você mesmo que está ouvindo isso aí, nem imagina como o famoso R caipira faz parte da história do Brasil. Na verdade, ele é o único R genuinamente brasileiro. É que segundo os pesquisadores, nas línguas nativas não havia o R e o L como conhecemos, então os indígenas precisaram inventar um som diferente para falar a língua portuguesa. Todos os outros “erres” são importados, viu? Ah, e o nome dele é R retroflexo porque a língua faz uma retroflexão, ou seja, ela se dobra para trás para pronunciar. Se você fala *porrrta* assim como eu, pode dar as boas-vindas para o R retroflexo!

[EFEITO SONORO CRIANÇAS COMEMORANDO – YEAAAH!]

[VOLTA PROFESSORA VANDERCI]:

[...] mas nós temos também uma área próxima à Curitiba, é a *póRta* [pronúncia do R vibrante], é a *caRta*. Então nós temos... este encontro foi promovendo adaptações. A língua ela foi se conformando, foi tendo uma outra forma. Ela foi se apropriando do vocabulário, e você de ouvir você imita a fala do outro. Então durante esses 520 anos a nossa língua foi se modificando. Primeiramente pela contribuição desses três povos, né, dessas três três etnias. E ao longo do tempo, aí vieram espanhóis, vieram italianos, alemães, poloneses, árabes... então nós temos aqui dentro do Brasil um mosaico de línguas, de culturas, e tudo isso então faz a beleza da língua, esta, então... policromia que nós podemos dizer.

[CARLOS AUGUSTO XAVIER]:

Ótimo. E eu tenho uma pergunta, né? Pensando nesse contexto, da identidade do Brasil, e no que você comentou, Vanderci, sobre a formação de várias etnias na construção da nossa língua, eu queria saber de você... Qual é a sua avaliação dessa

questão dentro do nosso país? Até que ponto, Vanderci, você acha que essa construção de vários sotaques é bom ou não para o país?

[PROFESSORA VANDERCI DE ANDRADE]:

Então, avaliação é sempre muito subjetiva. Como eu avalio? Como linguista e como dialetóloga, eu avalio de uma forma muito positiva. É isto que faz a beleza da nossa língua, é isto que faz todo este colorido, ouvir pessoas falando diferente dentro do mesmo país, isso é de uma riqueza incrível, isso é de uma beleza extraordinária... Então mostra o lado fraterno, mostra que nós somos diferentes e somos muito iguais. Nós compartilhamos o mesmo espaço, nós compartilhamos muitas ideias comuns. Então nós temos aí uma multiplicidade e tudo isso deveria nos unir, e não nos separar. Seria muito triste, muito chato se todos nós falássemos igual, se não houvesse essa diversidade. Então nós não teríamos história. Então vamos pensar: “ah, nós vamos então uniformizar, todo mundo vai ser obrigado a falar assim”. Primeiro, não se obriga ninguém a falar, ele pode adaptar, adequar a sua fala àquele momento.

Então, me entristece ver muitas pessoas criticando a fala do outro. “Ah, mas ele fala tão grosseiro”, “ele fala arrastado”, “ele fala cantado”... Cantado todos nós falamos, a fala é uma melodia. Então eu acredito, avalio positivamente esta diversidade, porque se você contempla a natureza, Deus não fez a natureza igual, Ele fez a natureza de muitas formas, e é isso que faz a beleza da natureza. Então isso é que faz a beleza da vida, é o diferente... e nós temos que aprender a conviver com o diferente.

[CARLOS AUGUSTO XAVIER]:

Muito obrigado, Vanderci. E apesar da gente ter essa riqueza de variação linguística aqui dentro do país, como a Vanderci bem pontuou, as pessoas ainda têm uma tendência de padronizar a língua em alguns campos de estudo e de trabalho, como o telejornalismo. Então eu queria saber agora de você, Ana Lúcia. Como foi construída essa fala padronizada dentro dos noticiários que a gente se acostumou a escutar?

[ANA LÚCIA MEDEIROS]:

Eu comecei a observar essa questão do sotaque, vivendo uma experiência como repórter, repórter de TV. Eu observava que as pessoas falavam de um modo por trás das câmeras e diante das câmeras com o microfone na mão elas se adequavam a um modo que é próprio da televisão. Isso começou a me inquietar. Foi aí que eu fui fazer um mestrado para entender melhor, né, essa questão dessa construção de um modo de falar que é próprio da TV.

[SEQUÊNCIA DE FALAS DE APRESENTADORES DE TELEJORNAIS]

[CELSONO DE FREITAS, HOMEM, ADULTO, APRESENTANDO O JORNAL DA RECORD]: “A Rússia anunciou que prepara salas de vacinação para imunizar moradores de Moscou contra a covid-19 a partir de novembro”.

[LANA CANEPA, MULHER, ADULTA, APRESENTANDO O JORNAL DA BAND]: “O presidente Bolsonaro voltou hoje para Brasília depois de uma pequena cirurgia em São Paulo. Ele deve decidir rapidamente quem será o sucessor do ministro Celso de Mello, do Supremo, que antecipou a aposentadoria.

[WILLIAM BONNER, HOMEM, ADULTO, APRESENTANDO O JORNAL NACIONAL]: “O holandês Max Verstappen venceu o grande prêmio da Alemanha de Fórmula 1, e o Reginaldo Leme mostra porque esse foi um dos melhores GPs da temporada”.

[VOLTA ANA LÚCIA]:

[...] Na minha pesquisa, eu fui não só entrevistar apresentadores, jornalistas de ponta da televisão brasileira, como fonoaudiólogas. Então essas pessoas me mostraram como esse modo de falar, que é próprio da televisão brasileira, é construído. Ou seja, a minha percepção, ela realmente fazia sentido. A fala da TV é dela, não é de nenhum lugar do Brasil. Obviamente, uma presença maior de repórteres do eixo *Rio–São Paulo–Brasília*, faz com que essa forma de falar da TV tenha uma maior presença desses profissionais que estão nesses lugares, especialmente os falares mais fortes aí no caso, o Rio de Janeiro... O paulistano, por exemplo, não acredita que tenha um sotaque. Ele acha que quem tem sotaque... o paulistano de um modo geral, não vou generalizar aqui mas de um modo geral isso eu pude constatar em alguns casos da

minha pesquisa, né? Por exemplo, vou dar um exemplo... o Boris Casoy, que foi um dos meus entrevistados, me disse: “eu não tenho sotaque, eu falo com o meu sotaque paulistano”. Então na perspectiva de algumas pessoas não há um sotaque, mas a gente sabe.

E eu não só observei o telejornal, como a telenovela. Porque a novela, ela busca uma aproximação do regional, né? Na representação dos personagens, dos falares regionais. Quando eu fiz essa pesquisa, ainda era mais intensa essa necessidade de uma representatividade da diversidade de sotaques do Brasil na telenovela, porque se evidenciava o quê? O Nordeste, né, você tem casos como *Tieta*, outros exemplos de novelas regionais... *O Bem Amado*... e você tem uma tentativa de fazer isso no Sul do Brasil. E aí entra um aspecto que é o aspecto cultural que é o meu enfoque.

Qual é o aspecto cultural que a gente tá tratando aí? O nordestino, ele tem um senso de humor que permite que uma sátira seja feita em cima de um modo de ser nordestino, um dos modos de ser nordestinos, né, enquanto o gaúcho, por exemplo, ele já se impõe mais. Então essa diferença ela também se evidencia na telenovela. Então quando se tentou fazer *O Tempo e o Vento* no Rio Grande do Sul, o gaúcho não aceitou, ele disse “não, nós não aceitamos, esse não é o nosso sotaque”, né? Enquanto você tem as telenovelas e as séries nordestinas, elas sempre brincaram aí com o sotaque, então tem essa coisa também.

Então pra tentar responder finalizando aqui a pergunta, Carlos, os sotaques brasileiros eles são representados de modos diferentes na televisão. Ainda hoje.

[ISADORA DUETI]:

Professora Vanderci, a Ana Lúcia citou uma situação aí em que o entrevistado disse que não falava com sotaque, e isso é algo que a gente costuma ouvir. Ou às vezes há ainda aquela ideia de um sotaque neutro, sem marcas regionais. Existe mesmo uma ausência de sotaque ou todas as pessoas têm sotaque? Como é que a gente percebe a própria fala?

[PROFESSORA VANDERC]:

O sotaque só vai aparecer quando ele estiver em contato com o outro. Se eu viver a minha vida toda dentro de uma ilha, todo mundo vai ter o mesmo sotaque. Agora o meu sotaque vai ser confrontado com o diferente. E aí então se eu, aqui, que tenho um R caipira, aqui do interior do Paraná, se eu tiver numa roda com amigos cariocas, nordestinos, né? Vamos pensar, paraibanos e pernambucanos, nortistas, do Amazonas ou do Pará... aí nós vamos perceber o sotaque, porque até então cada um acha que não tem sotaque, porque o sotaque aparece diante do diferente.

E aí então dentro deste contato com os vários dialetos, os vários sotaques, aí surge o preconceito. Então como é que surge o preconceito? O preconceito ele vem exatamente pela posição social do falante. Então enquanto um interiorano do Paraná, ele tem esse R retroflexo, ele às vezes ele diz *falano*, *cantano*, em vez de falando, cantando... então são marcas que para o outro vão soar estranhas [...]

[EFEITO SONORO DE IDEIA – PLIM!]

[ENTRA ISADORA EM OFF]: “Olha só, que atire a primeira pedra quem nunca estranhou ou até julgou a pronúncia de alguém, não é mesmo?”

[SOBE SOM PEDRA ROLANDO]

[VOLTA ISADORA EM OFF]: “Pois saiba que, para a Linguística, ciência que estuda a língua, toda forma de falar é um sistema muito bem estruturado e complexo que possui muitas regras, e ela mostra como tudo faz sentido. O caso da transformação do “nd” em “n”, por exemplo, o livro “A Língua de Eulália”, do linguista Marcos Bagno, mostra como a explicação é simples: acontece que os fonemas “n” e “d” são produzidos no mesmo lugar dentro da boca. Quer ver? Tente pronunciar com cuidado as palavras “nenê” e “dado”. [ALGUNS SEGUNDOS DE SILÊNCIO] Viu como nos dois caso a língua encosta levemente na parte do céu da boca onde encaixam os dentes de cima? Daí, quando essas consoantes estão juntas, elas podem sofrer o processo de assimilação, que faz com que dois sons diferentes, mas com algum parentesco, se tornem semelhantes ou iguais. Então primeiro o “falando” vira

“*falanno*”, com um N duplo, e depois esse N duplo se simplifica em um só. Tudo faz sentido agora, não faz?”

[EFEITO SONORO DE VARINHA MÁGICA – *PRIIIM!*]

[VOLTA PROFESSORA VANDERCI]:

[...] E, principalmente dependendo da posição social que essa pessoa ocupa dentro da comunidade, ela vai ser ou avaliada positivamente ou avaliada negativamente. Então o que segura muito, né, que serve de barreira, é este preconceito, o preconceito social. Muitas vezes eu avalio mal a fala do outro mas não porque a fala do outro é ruim, mas o outro é que é pobre, tem uma posição social inferior, ele não é um político de renome. Então nós avaliamos a fala pela posição social que o outro ocupa, e isso é muito triste. E é isso que o nosso trabalho com o *Atlas Linguístico do Brasil* pretende lutar para diminuir esse preconceito. E como nós vamos diminuir esse preconceito? Valorizando cada variedade, valorizando cada dialeto. Mostrando que todos são legítimos, mostrando que todos estão dentro da história da língua... que ninguém fala errado. Nós podemos falar de forma inadequada com o ambiente,

Agora, se você para qualquer pessoa, de qualquer nível social, cultural, qualquer profissão... “Você tem sotaque?”. Ele vai dizer: “Claro que não”. Então nós acreditamos que nós não temos sotaque e que quem fala correto somos nós, o outro é que fala errado. Então é essa a concepção que nós temos da própria fala.

[ISADORA DUETI]:

Ana, a professora Vanderci falou então de pontos muito importantes aqui, a questão do preconceito linguístico e a valorização da diversidade linguística. Considerando os seus estudos, o que você vê? Alguns sotaques na televisão, especificamente no telejornalismo, eles são mais bem aceitos do que outros?

[ANA LÚCIA MEDEIROS]:

Ãhn... no momento em que eu digo que a presença de sotaques... a presença de repórteres e apresentadores do eixo Rio-São Paulo, e agora incluindo-se aí Brasília,

o maior número de repórteres ali faz com que aqueles sotaques passem a ser mais vistos e também de certo modo mais aceito, até pelo fato de o eixo econômico também estar centrado ali, né? Então assim, há uma aceitação maior. O Norte e o Nordeste do Brasil, eles enfrentam mais dificuldades em relação a isso.

Cada vez mais a gente vê uma presença de repórteres que não teriam características para contemplar um padrão televisual, mas que já aparecem hoje. Então você tem esses repórteres que representam o Nordeste, o Norte, o Sul do Brasil... o Centro-Oeste que foge aí da capital do país, né, do Distrito Federal... Já começa a ter cada vez mais. E a presença da *Internet* também traz essa aproximação da diversidade, pelas redes sociais ou pelas propagandas que passam a surgir, de um certo modismo que existe atualmente em relação aos modos mesmo de falar dos lugares, né, das pessoas nos lugares, e aí entra também o que a professora Vanderci falou, a questão econômica, né?

O outro ponto que eu trago agora, que é uma questão atualizada também, é a presença, por exemplo, de uma apresentadora da Paraíba no *Jornal Nacional*, fazendo parte de um programa de nacionalização, digamos assim, do telejornal, né? Uma forma de inclusão desses diferentes modos de estar na TV, e isso aparecendo no jornal de maior rigor na televisão brasileira que é o *Jornal Nacional*. Então quando a apresentadora da Paraíba ocupou aquele espaço ali, ela trouxe uma acentuação maior do som do T e do D sem *chio*.

Então assim, aquilo pra mim, que tem um olhar mais, digamos assim mais sensível a essas questões, aquilo me chamou bastante atenção, porque... não foi pelo profissionalismo, ela foi extremamente profissional, tecnicamente perfeita, mas houve essa tentativa de dizer: “nós falamos assim”. No meu ponto de vista, não há necessidade... de se dizer isso, de se dizer: “nós falamos assim”. Basta simplesmente dizer. E no momento em que nós interagimos mais, nós neutralizamos mais esse acento tão forte no T e no D, né? Nós neutralizamos um pouco e isso é natural. Então assim, do que eu fiz na minha pesquisa, o mais importante é que as coisas soem de modo natural, né? Que a gente aceite aquilo que a gente é que a gente coloque aquilo

com naturalidade. É o conteúdo que interessa... o modo como eu digo também conta...

Eu aprendi também na pesquisa, embora repito aqui não seja o meu trabalho, não seja do ponto de vista fonoaudiológico, mas do ponto de vista cultural... Mas eu aprendi também que o nosso sotaque no momento da emoção ele vem. Ele vem com toda força. Eu posso trabalhar o meu sotaque, ter uma fala muito bem... isso mesmo, trabalhada, por fonoaudiólogos, fonoaudiólogas... e na hora da emoção alguma coisa me deixou fortemente impactada, eu vou trazer o meu sotaque, né? O meu sotaque de origem. Então assim, nessa pesquisa eu trago um exemplo de um repórter pernambucano que vai fazer a cobertura de uma rebelião... perdão, vai fazer uma reportagem num presídio, e no momento em que ele está fazendo a matéria, acontece uma rebelião. Nessa hora, ele solta um grito com um sotaque muito, muito pernambucano [risos da professora Vanderci ao fundo] e esqueceu tudo aquilo que ele estava fazendo naquela passagem, né? [Risos]. Então assim, é muito legal a gente ver isso, né? Nossas origens estão presentes no nosso modo de estar no mundo, e o sotaque, para mim, é aquilo que mais representa a nossa origem... de onde a gente vem.

[PROFESSORA VANDERCI *complementando*]: Sim, a nossa identidade.

[ANA LÚCIA MEDEIROS *complementa*]: A nossa identidade...

[TRILHA DO PODCAST, DE GÊNERO POP E CLIMA ALEGRE, FORMADA POR LEVES BATIDAS INSTRUMENTAIS]

[ISADORA DUETI]

Ana, aproveitando o gancho então no que você falou... eu conversei também com a professora Ana Carolina Fernandes. Ela é fonoaudióloga e coordenadora do *Projeto IntraFoco* na *UnB TV*, que trabalha a fala, a dicção e a performance comunicativa dos profissionais. A gente teve uma conversa muito interessante sobre o trabalho dos fonoaudiólogos na TV e como ela vê a questão dos sotaques nesse contexto. E um

dos pontos que ela destacou foi exatamente a importância de comunicar e se expressar com naturalidade.

[ENTREVISTA COM ANA CAROLINA FERNANDES]

[ANA CAROLINA FERNANDES, MULHER, ADULTA, PROFESSORA E FONOAUDIÓLOGA. FALA DE BRASÍLIA-DF. SEU SOTAQUE TRAZ MARCAS CARACTERÍSTICAS DO GOIÁS E DE BRASÍLIA]:

“Qual que é nosso grande papel enquanto fonoaudiólogos no telejornalismo? É auxiliar esse jornalista, esse repórter, a encontrar qual é ali a sua grande característica e o seu grande diferencial. Acho que essa é a sacada... muito mais do que, é... pensar no sotaque, articulação e tudo. Quando eu encontro essa autenticidade, esse carinho, essa marca individual, aquele jornalista, aquele repórter deslancha. E com certeza a gente pode trazer esses elementos buscando não só o autoconhecimento mas o conhecimento das estruturas, como eu posso usar as minhas estruturas pra trazer esses elementos da pessoa, da *persona* que eu quero passar. É de verdade um trabalho de conhecimento corporal e vocal para que a pessoa também aprenda a se cuidar e ter elementos, é... no dia a dia, para que ela possa exercitar e condicionar a sua voz, que é um instrumento de trabalho de todo comunicador”.

[ISADORA DUETI EM OFF]:

“Mas a professora e fonoaudióloga Ana Carolina, disse que também é importante saber diferenciar o que realmente pode interferir na comunicação”.

[ANA CAROLINA FERNANDES]:

“A gente tem um protocolo que chama VPAS. Ele descreve, por meio de uma motivação fonética, a qualidade da voz. Então por exemplo, eu vou falar "nossa, essa pessoa tá fazendo o uso da voz com uma ponta de língua mais pra frente". *Então por exemplo, tem pessoas que falam assim* [FALANDO COM A PONTA DA LÍNGUA PRA FRENTE, DEIXANDO A VOZ COM UM TOM SIBILADO]... se eu tenho um jornalista que já tenha esse ruído, talvez isso não seja tão interessante, porque vai poluir demais a informação. Agora se a gente suaviza isso e muda esse ponto e modo de articulação

do fonema, eu já vou conseguir ajudar de uma forma que aquela pessoa vai articular de um jeito diferente mas sem perder o sotaque dele. Então a gente também tem que entender o que é ruído, o que é distorção e o que é bem-vindo. E sotaques, eles são muito bem vindos”.

[ISADORA DUETI EM OFF]:

“E eu também perguntei pra Ana Carolina sobre como a Vicência que a gente tem com outros sotaques influencia a forma como nós compreendemos esses sotaques”.

[ANA CAROLINA FERNANDES]:

“Se a gente pensar que a produção vocal primeiro ela vai acontecer no *input*, então eu escutei aquilo ali, processei no meu cérebro e depois eu falei... então a voz ela é um comportamento. Pensamentos geram sentimentos e emoções que geram comportamentos que geram resultado. Então o que sai ali da minha boca antes tem todo um processamento, né, do que eu vou falar. E isso, com certeza, eu vou sofrer influências do meio que eu estou. E assim, se a gente pensa na história do sotaque, eu vejo que na comunicação não deve existir preconceitos linguísticos. Isso são coisas aí que já ficaram pra trás e a gente não deve mais aceitar. E a gente realmente precisa debater sobre isso, falar disso cada vez mais até que se torne realmente o natural... o *novo normal* [risos] entre aspas aí”.

[SOBE TRECHO CURTO DA TRILHA DO PODCAST E ISADORA RETOMA A FALA]

[ISADORA DUETI]

“Ana, você tem experiência como jornalista e também como pesquisadora nesse tema. Como é que você vê o trabalho dos fonoaudiólogos no telejornalismo hoje em dia, e como ele se desenvolveu ao longo da história do telejornalismo no Brasil?”.

[ANA LÚCIA MEDEIROS]:

Ok, eu vou começar da segunda parte, como ele foi... como ele surgiu, né? Então ele surgiu no início dos anos 1970... a fonoaudióloga pioneira nisso aí, lá no Rio de

Janeiro... quer dizer ela era lotado no Rio, mas viajava para outras regiões, é a Glorinha Beutenmüller...

[EFEITO SONORO DE IDEIA – PLIM!]

[ISADORA DUETI EM OFF EXPLICANDO]:

“Ei! Você já ouviu falar em Glorinha Beuttnemuller? Você pode até pensar que não, mas com certeza conhece o trabalho dela. Maria da Glória Beuttenmuller é uma fonoaudióloga nacionalmente prestigiada como a moderadora da fala do jornalismo brasileiro, o famoso padrão *JN*, e da televisão como um todo. A Ana Lúcia entrevistou ela em sua pesquisa de mestrado, e em trecho do seu livro “Sotaques na TV” descreveu que a fonoaudióloga fica muito satisfeita com a identificação de um falar trabalhado na TV, já que se sente responsável por isso.

Glorinha, em uma publicação sua denominada “Locução e TV” de um estudo da década de 70, disse que esse trabalho na fala da TV era necessário para amenizar os vícios do meio que a antecedeu: o rádio. Ela escreveu que, abre aspas: ‘Era toda uma tradição formada ao longo dos anos e, também, uma questão de inexistência de profissionais preparados para atuar no novo veículo. Muitos locutores simplesmente se transferiram do rádio para a televisão, onde continuaram a utilizar as mesmas técnicas, os mesmos cacoetes do noticiário radiofônico’, fecha aspas. Sobre os sotaques, Glorinha diz que nunca anulou as peculiaridades de cada lugar, mas insistiu em suavizar as pronúncias porque acredita que um país tão grande precisa ter uma certa uniformidade”.

[VOLTA ANA LÚCIA MEDEIROS]:

Né, ela funcionava como uma espécie de olheiro, assim. Onde tinha Rede Globo, não só afiliada, mas onde tinha Rede Globo, Pernambuco, por exemplo, Brasília... não só Rio, né, Rio e São Paulo... o Rio Grande do Sul, também, Porto Alegre... onde tinha ela viajava e ela funcionava como uma espécie de olheiro para perceber o potencial daquele repórter. Então ela cuidava da voz, mas como um conjunto, também. Não é só a voz e a fala... o trabalho que a Glorinha começou no Brasil junto com a Alice

Maria, era do repórter com um todo. Então você falar, mas você estar nesse padrão que é justificado por essas categorias que eu coloquei aqui, né? Então duas delas que eu considero as mais importantes, que são compreensibilidade e credibilidade... e aos poucos a profissão de Fonoaudiologia da voz profissional, ela foi se expandindo pelo Brasil. Então em cada lugar, você passava a ter esse profissional, que exatamente ia trabalhar não só as cordas vocais... não fazer 'rof rof' [BARULHO ARRANHANDO A GARGANTA], nunca! Não fazer qualquer coisa, você engasgou, não é para fazer isso. Essa coisa que arranha a garganta, não é para fazer. Então são coisas que garantem uma qualidade técnica e que acaba contribuindo para uma melhor recepção daquilo que está sendo dito e conseqüentemente a credibilidade.

Então esse trabalho fonoaudiológico, ele envolve um conjunto de informações, né? Então começa dessa forma, nos anos 1970, e vai se expandindo até hoje. E obviamente esse trabalho fonoaudiológico, ele sempre vai lembrar: nada de trazer as gírias, né, no vocabulário. Nada de trazer as gírias locais, a não ser que o tema daquela pauta, daquela matéria, peça isso, né? Aí você traz, até às vezes para tratar com bom humor, pra mostrar com plu...plu... plu-ra-li-da-de... Então para que a pluralidade de falares, as culturas regionais, elas cheguem de uma forma mais fluente, mais natural nacionalmente, é preciso que o próprio profissional, a própria equipe absorva isso de uma forma muito espontânea também. É um recurso interno, que vai... vai se tornar... vai se exteriorizar, né, no momento em que a pessoa está em rede, seja ainda como repórter ou seja como apresentador, apresentadora.

[CARLOS AUGUSTO]:

Eu queria saber agora de você, Vanderci. Com base no que a Ana Lúcia disse, da questão da naturalidade que a voz precisa ter, queria saber se nesse contexto é possível fazer um trabalho fonoaudiológico pra melhorar a voz sem perde o sotaque? Ou seja, mantendo a nossa identidade cultural? É possível fazer a lapidação na voz junto com o profissional de Fonoaudiologia?

[PROFESSORA VANDERCI]:

Eu acredito que todo trabalho, todo exercício, todo aprendizado que uma pessoa possa ter, tudo isso aí só acrescenta. Porque um falante... existe só o falante ideal, o falante real, ele tem todas as suas marcas. Então nesse ponto de vista, nesse aspecto, observando o papel do fonoaudiólogo, ele estudou tanto, ele observou tanto... ele analisou tanto... quer dizer, ele tem que aplicar os seus conhecimentos. E aquele que está, que pretende essa carreira, ele vai incorporar... esses tiques nervosos, ele vai deixar de lado...

Então, se alguém já chama atenção, olha, você vai ter uma imagem pública, você não pode ter esses traços, você não pode ter esses tiques, você não pode ter, como diz aí, esses ruídos na sua comunicação, na sua fala. Eu acho válido desde que com essa tendência, conforme já comentei, né, com essa tendência de sempre buscar essa integração... chamar todo mundo, valorizar todos. Porque o mais importante é isso, nós não fomos assim esclarecidos em relação ao respeito ao outro, às diferenças do outro. E eu vejo que essa geração já está trabalhando melhor esses aspectos. Então eu acredito, da minha visão de leiga, analfabeta em fonoaudiologia [risos], eu acredito que esse trabalho é bastante válido e o profissional só tem a ganhar. E o ouvinte também, né? [Risos].

[CARLOS AUGUSTO]:

Ana Lúcia, então antes a gente tinha um telejornalismo que buscava ter uma certa padronização no uso da voz do repórter. Agora a gente está observando um movimento dessas variações linguísticas tão marcantes no país entrando na tela e na televisão. Com base nas questões que você mencionou, eu queria saber, Ana Lúcia, você acha que a variação linguística entrando no telejornalismo é apenas mais uma tendência do momento ou você acha que pode ser algo que de fato mude a rotina dos telejornalistas ao longo do tempo para que futuramente todos possam se adaptar nessa nova realidade, de fazer uma filmagem colocando a sua própria variação linguística dentro da TV? Então em que momento você acha que estamos inseridos dentro dessas possibilidades?

[ANA LÚCIA MEDEIROS]:

Porque é que diante de uma câmera, com o microfone na mão, eu falo de uma determinada forma? Então, na minha pesquisa eu criei categorias de análise. Entre essas categorias, tinha uma coisa chamada compreensibilidade, eu preciso ser compreendida, eu preciso ser compreendido como repórter, e eu preciso ter uma coisa forte, muito forte no jornalismo que é a credibilidade, que é considerado o capital simbólico do jornalismo. Ou seja, se eu não passo credibilidade, não interessa o que eu tô falando ali, eu tenho que ser crível. E aí a gente tem uma bomba que explode agora com os processos de desinformação, em que a credibilidade jornalística é comprometida pela presença de outros elementos que isso é uma outra discussão. Então é preciso que a minha informação, ela seja livre de qualquer coisa que provoque um ruído. Então nesse sentido, Carlos, eu não sou tão otimista de que a coisa vai mudar radicalmente. Não, eu não acredito nisso. Eu acredito sim e acho positivo que haja uma presença infinitamente maior de pessoas que representem as regiões de um modo mais próximo possível de se falar naquele lugar. Não no modo como eu disse da apresentadora que fez questão de enfatizar o D e o T.

Na minha perspectiva, o interessante é que isso soe natural. Porque no momento em que soa natural, o outro tende a receber o que eu estou passando para ele também de uma forma mais espontânea, mais natural. Porque eu estou sendo espontânea e eu estou falando de um modo trabalhado, eu não tô falando de qualquer jeito, eu não tô sendo fútil, né... Eu tô elaborando um texto, eu penso texto... eu construo aquela informação com todos os recursos que me são possíveis, dentro ou não de um padrão, eu posso utilizar uma narrativa mais criativa, né, brincando com aquelas informações daquele lugar, não perdendo nunca o meu eixo, como eu posso também ter um jeito mais formal e trazer ali a minha forma de falar. Isso está acontecendo... né? Se você observar em rede, que é o que a gente tá enfocando aqui, e que foi o enfoque também que eu dei na minha pesquisa, se a gente observar no telejornalismo de rede, por exemplo, um caso recente que a gente tem observado é a presença de repórteres das regiões Centro-Oeste e Norte que aparecem ali com características que são da região e que são singulares também, né?

Então esse padrão da repórter, do repórter, que tinha que ter um determinado padrão visual, ele tá sendo quebrado aí se você observar. Então isso é legal para que a pessoa que viaja, por exemplo, que nunca foi ao Pantanal, chega ali e já tenha tido uma aproximação maior também através da televisão. Porque na época que eu fiz a minha pesquisa, a *Internet* não tinha a força que tem hoje. Hoje você consegue ter uma aproximação desses modos de falar pela *Internet*, só que ela vem muito truncada... tem muita confusão ali dentro, não é organizado como na TV... ainda. É organizado quando se institucionaliza na *Internet* alguma coisa, né? Um programa... é uma extensão de um telejornal que aparece na TV e tá elaborado.

Mas assim, eu acho que vai ter sempre de acontecer, vai precisar sempre acontecer, é que não haja ruído, que haja compreensibilidade daquilo que está sendo dito, e que haja credibilidade. Se não tiver compreensibilidade vai virar *meme*. Se não tiver credibilidade não é jornalismo... e vai virar *meme* também [risos]. Então assim, a gente já tem hoje uma extensão aí que é a *Internet* replicando pelo olhar de quem está com o poder da difusão da informação, porque a gente sabe que hoje o usuário na *Internet* é um coprodutor, seja para o próprio telejornal, seja para a *Internet*... quando ele assume a condição de produtor ele também tá coproduzindo ali, então tem uma série de elementos aí que eu acho que não dá para a gente ter uma previsão do que virá. Mas dá para gente fazer uma leitura consolidada numa estrutura que foi criada no Jornalismo e que precisa ser mantido para que ele se mantenha sendo um espaço onde as coisas são ditas e são críveis, né, são acreditadas.

Então os meios de comunicação institucionalizados ou que tem um formato crível, eles continuam sendo um espaço muito importante, e no caso da presença dos falares regionais, eles precisam existir desde que apresentados de forma... responsável, crível. Senão pode fazer aquilo que a Glorinha Buttenmeüller me falou, que é virar motivo de chacota. Essa foi a expressão que ela usou e que hoje a gente diria 'virar *meme*'. Então é preciso valorizar essas culturas, as singularidades, as pessoas... os profissionais, né? Esses modos de estar no mundo que é tão plural, que são tão plurais no nosso país... que país lindo, né? Que riqueza, como disse a professora Vanderci lá no início da fala. Então assim, eu acredito muito no profissionalismo sem

afetações. Um profissionalismo que se pauta num modo de construção que seja autêntico, fiel, mas ao mesmo tempo cuidadoso, né?

Então vou só citar mais um exemplo aqui, voltando ao passado... não é da geração de Carlos Augusto nem da geração de Isadora, mas um grande comunicador do Brasil, Paulo Francis, ele tinha uma fala muito característica, era muito dele [...].

[INTERROMPE PARA ENTRAR FALA EM OFF DE PAULO FRANCIS, JORNALISTA QUE EXERCEU FORTE INFLUÊNCIA AO LONGO DE QUATRO DÉCADAS NA TV, FALECIDO EM 1997]

[PAULO FRANCIS, HOMEM, ADULTO, REPÓRTER, FALA COM A VOZ ARRASTADA E GRAVE]:

“Jesse Jackson desmontou do cavalo branco da contestação e aceitou uma carona na limusine de Michael Dukakis. Vai apoiar a chapa Dukakis-Lloyd Bentsen...”

[VOLTA ANA LÚCIA MEDEIROS]:

“E ele era correspondente em Nova York, né? Ele falava com uma marca muito acentuada e tinha credibilidade. Então tem isso também, você pode construir, e a gente tem vários exemplos... certamente no momento em que eu citei o exemplo do Paulo Francis aqui, cada um de vocês talvez tenha lembrado de alguém... que personifique a sua profissão e com isso mantém a credibilidade. Então o que Paulo Francis dizia estava dito ali porque ele pesquisou, porque ele cuidou, mas ele tinha um modo de dizer que era muito característico e que era até bem humorado.

[ISADORA DUETI]:

A Ana Lúcia falou de algo muito interessante que é a importância de alguém que é de uma região poder ver outros sotaques por meio da TV para ter uma aproximação com outros modos de falar, e que vai ao encontro com algo que a professora Vanderci mencionou anteriormente, sobre a percepção de sotaque só acontecer quando nós entramos em contato com o diferente. E aí a gente tem a televisão, que é um meio

que atinge ainda a maior parte da população, e o telejornalismo, que é também um dos principais canais de informação.

Nesse sentido, eu queria saber de vocês duas: como vocês veem a representatividade regional por meio da fala de repórteres e apresentadores de noticiários de rede nacional atualmente e como a padronização do falar na TV, especialmente no telejornalismo, influencia a ideia que nós temos das diferentes culturas regionais brasileiras?

[PROFESSORA VANDERCI DE ANDRADE]:

Oha, se nós pensarmos que... o item variação linguística entrou no currículo escolar apenas em 1996... durante o governo Fernando Henrique, o ministro da Educação Paulo Renato de Souza, que criou junto com a equipe pedagógica os programas, que nós chamamos de PCN, né? Estes PCNs eles servem até hoje de modelo. Até então, em 1996, não se ouvia falar em variação linguística, em diversidade linguística. Você tinha que ensinar a ler e escrever corretamente. Você tinha que ensinar a ler e falar e escrever um português padrão, um português culto. As variedades não contavam, a diversidade não contava. E a partir do governo de Fernando Henrique, em 96, é que as escolas começaram a pensar na variação. Ensinar que existem outras formas de falar, outras formas de expressão, que não são aquelas só que você traz de casa, mas que existe uma multiplicidade. E faz apenas 24 anos. Quer dizer, nós temos apenas uma geração que participou desse movimento de entender a variação linguística. É pouco, é muito pouco.

Então eu tenho fé, eu sou bastante otimista e acredito que hoje nós estamos vendo um movimento de inserção social. Quando que nós teríamos uma Maju naquela função? Isso era inconcebível há 30 anos. Então está havendo um movimento de integração. É lento? É lento, mas a natureza não dá saltos. Nós não vamos dormir falando “caipira” e acordar falando uma língua homogênea, uma língua sem traços. Isso não vai acontecer nunca! Porque dentro da linguagem nós acreditamos que haja duas forças: uma centrífuga, que vai pra diversidade; e aquela centrípeta, que caminha para a unidade. Então essas duas forças, a unidade e a diversidade elas estão sempre em luta. E claro, nós temos que manter uma unicidade, para escrever,

principalmente, porque há regras. A ortografia é uma lei, ela é imposta, ela não é “eu posso escrever do jeito que eu quero”, não. Porque é uma lei. Agora falar, falar não. Falar nós temos a liberdade de nos expressarmos de acordo com o nosso dialeto, de acordo com as nossas raízes, de acordo com a nossa identidade, e isso está sendo valorizado pela escola.

Mas então eu vejo assim um progresso. Como a professora Ana Lúcia falou a gente não vai esperar que amanhã ocorra isso. À medida que você entende que a língua ela é diversa, você começa a aceitar o diferente. Então à medida que você vai vendo aquelas pessoas que eram tão desprestigiadas, principalmente na televisão, no cinema, né? Na mídia... À medida que você vai vendo isso aí você vai também internalizando esses valores. Isso é um trabalho importante que a família tem que também assumir essa responsabilidade de já inculcar nos seus filhos a beleza da diversidade, a beleza das diferenças. E não achar que o que eu falo é o correto, é o melhor, ou o que eu faço, que as minhas ideias são melhores que a do outro... Então considerando que nós estamos há apenas 24 anos aprendendo sobre a variação linguística, nós já fizemos algum progresso, e eu acredito nesse progresso.

Em 1860, um linguista francês disse que era para os estudiosos fazerem uma pesquisa, colher aqueles dialetos, a fala rural, a fala das localidades mais distantes, porque elas iriam sumir, né, por causa do progresso. 160 anos depois, lá na França, existem os diferentes dialetos nas diversas regiões. Quer dizer, pode ter diminuído, mas ele não vai morrer. A mesma coisa aqui no Brasil, em 1920, há 100 anos, Amadeu Amaral, ao estudar o dialeto caipira, aqui do interior de São Paulo, ele também colocou “olha, o dialeto caipira a tendência é desaparecer. Isso ele vai ficar lá acantado, em pouquíssimas localidades, assim, mesmo só para as pessoas incultas”. E você vê aí, é... ministros da Justiça falando com um R caipira, com uma fala caipira do interior de São Paulo, do interior do Paraná. Então eu acho muito forte essa nossa consciência de que a minha fala tem que ser valorizada, eu tenho que ser valorizado também pela minha fala. Então eu acho assim, muito interessante que a história tem demonstrado que esse sentimento de pertencimento a uma comunidade linguística, esse sentimento é bastante forte. E ele tende a se expandir.

Não acredito que de uma hora para outra nós vamos ver na televisão jornalistas aqui do norte do Paraná com o nosso sotaque, eu não acredito que de repente vai acontecer. Mas eu acredito que gradativamente eles vão ser inseridos, né, e nós vamos poder ver, poder ligar o Jornal Nacional e ouvir a fala lá da Paraíba, a fala do Maranhão, de Santa Catarina, dos *Manezinhos da Ilha*³⁰, dos gaúchos... sem achar aquilo ridículo, sem menosprezar... mas assim, “puxa, mas olha que bacana, que país maravilhoso é o nosso, que tem tanta diversidade em todos os aspectos”.

[SOBE TRECHO DA TRILHA DO PODCAST POR ALGUNS SEGUNDOS ATÉ ENTRAR A FALA DA ANA LÚCIA]

[ANA LÚCIA MEDEIROS]:

Isadora, eu continuo achando que apesar da presença, ainda há um padrão. Eu acho que isso tende a... se naturalizar, porque cada vez mais, até por uma questão econômica, os padrões estão menos rígidos. Então ainda há um rigor, mas não há uma rigidez como já houve. E hoje às vezes até um repórter que não é de rede ele aparece em rede. E entra muito essa coisa da questão econômica mesmo. A gente sabe, a questão econômica manda em tudo, né? Então isso vai acontecer. E como tem a extensão da internet nesse processo, interligando tudo, a tendência é uma maior difusão dessas diferenças. Agora, como isso está sendo feito aí já não há como controlar, exatamente pela questão econômica, em relação à qualidade, à ausência de ruídos. Então pode acontecer de ter ruídos.

Mas eu acho que a gente não precisa dar essa ênfase, não precisa. “Boa *noité*”. Não, é “boa *noiti*”. Eu falo boa *noiti* porque eu morava em Brasília, mas eu falo bom *día*... eu falo tudo misturado, né? [Risos da professora Vanderci ao fundo]. Então o tudo misturado é o que é legal. O tudo misturado é o que é autêntico.

³⁰ “Manezinhos” é como normalmente são conhecidos os nativos da cidade de Florianópolis.

Existem movimentos aí que se intensificam, e que a gente precisa acompanhar. Quando eu digo a gente, são as pessoas que assistem e coproduzem os telejornais de alguma forma... seja enviando vídeo ou seja fazendo algum tipo de contribuição, seja quem de fato é produtor cultural. Então eu não sou tão otimista nesse sentido de que “ah, vai acontecer dessa forma”, não. Vai acontecer, mas é preciso tomar muito cuidado porque pode continuar sendo motivo de chacota e desvalorização... das culturas regionais. É preciso olhar como essas culturas regionais estão sendo apresentadas, porque elas são muito ricas e são lindas. Quanto mais a gente viaja, mais a gente vê essa riqueza que é, então vamos tentar vê-la como é, e não tipificada. Então essa tipificação ela aconteceu na telenovela e está acontecendo na *Internet*. No telejornal ela não acontece, felizmente.

Então assim, o que eu quero dizer é que no momento em que essa possibilidade de interação ela passa a ser maior, a tendência é que as pessoas também pluralizem seus modos de estar no lugar. No momento em que as possibilidades de interagir com o outro eram menores, isso era mais marcante. Hoje não, isso tá cada vez mais plural, e essa pluralidade ela tem que também ser representada. Agora, eu gostaria de dizer uma coisa que eu acho que é o que fica mesmo, né? Não existe certo ou errado... E aí eu resgato aqui uma fala do Luís Fernando Veríssimo, que ele dizia: “Dizer ser claro não está certo, mas está claro, certo?”. Então o importante é comunicar. No momento em que você comunica, que você procura ser espontâneo, que você cuida, que você trabalha aquilo que você tá dizendo, aquilo vai ser bem recebido, não tem como não ser.

Mas se você mesmo tenta impor alguma coisa, porque você mesmo sente que há um certo preconceito, aí isso gera um embate. No meu ponto de vista, meu olhar sensível a esta causa. Então eu acho que a gente tem que ser isso, ser espontâneo e se esforçar para ser... assim como a gente tem que se esforçar para ser cada vez melhor como pessoa, a gente tem que se esforçar para ser cada vez melhor como um habitante do lugar onde a gente está e um melhor profissional. E no caso do jornalismo, é trabalhar isso da forma mais fiel possível e mais espontânea possível, guardando todas as restrições que são próprias de uma produção.

[SOBE TRILHA DO *PODCAST* POR ALGUNS SEGUNDOS ATÉ APRESENTADORA RETOMAR A FALA. TRILHA CONTINUA EM TOM MAIS BAIXO COMO PLANO DE FUNDO DA FALA]

[ISADORA DUETI]:

Bem, a gente vai chegando aqui no nosso final, mas eu gostaria de dizer que foi enriquecedora essa conversa sobre um tema que precisa ser muito debatido, principalmente em tempos em que se discute muito a questão de representatividade e desconstrução de preconceitos e padrões, com o olhar sensível e científico de vocês, cada uma em sua área. Muito obrigada, professora Vanderci e Ana Lúcia, por participarem dessa conversa, compartilharem tanto conhecimento e trazerem tantas reflexões pra gente.

[ANA LÚCIA MEDEIROS]:

É uma alegria poder... ter essa tarde, começo de noite tão agradável com vocês, com a professora Vanderci, com o Carlos, com você, Isadora, todos... todos vocês, é isso. Obrigada!

[PROFESSORA VANDERCI]:

Bem, Isadora, muito obrigada por essa oportunidade, realmente foi uma tarde muito proveitosa, aprendi muito com a Ana Lúcia, aprendi muito com você, com o Carlos, com as observações... Então a gente passa a ver o trabalho jornalístico de uma forma diferente agora. Então eu já não vou ser a mesma. Eu só tenho a agradecer, agradecer essa oportunidade. Muito obrigada mesmo e sucesso no seu trabalho. Parabéns pela escolha do tema! Um abraço... a todos.

[ISADORA DUETI]:

E também muito obrigada a você, Carlos, por ter topado apresentar este *podcast* comigo.

[CARLOS AUGUSTO XAVIER]:

Eu que agradeço o convite, Isa! Foi uma honra participar dessa conversa com a Vanderci e a Ana Lúcia. Até mais, pessoal!

[ISADORA DUETI]:

E você, que chegou até aqui? Como vê o sotaque no telejornalismo? A gente vai deixando por aqui o nosso sotaque e também essa reflexão, e um muito obrigada a você que esteve aí do outro lado.

E já que estamos falando de diversidade, eu sou Isadora Dueti, cuiabana de *chapa e cruz*, mas atualmente habitante de Brasília, de onde eu gravei remotamente este episódio. E estiveram aqui comigo o Carlos Augusto, participando de Paracatu, Minas Gerais; a professora Vanderci, falando lá de Curitiba, no Paraná; e a Ana Lúcia Medeiros, gravando de João Pessoa, na Paraíba. E você, de onde você fala?

[TOM DA TRILHA DO PODCAST AUMENTA POR ALGUNS SEGUNDOS E ABAIXA NOVAMENTE]

[ISADORA DUETI FAZ CONSIDERAÇÕES FINAIS]:

“Deixo ainda o meu agradecimento à professora e fonoaudióloga Ana Carolina Fernandes, com quem eu conversei antes dessa gravação, e que também nos trouxe muitas reflexões importantes sobre o tema.

Este foi o episódio-piloto da série de *podcasts* ‘Sotaques em Tela’, que é parte do meu projeto final para obtenção do diploma de jornalista pela Universidade de Brasília, com orientação do professor Elton Bruno Pinheiro.

Este episódio teve áudios da *TV Globo*, da *Rede Bandeirantes*, da *Record TV* e da *RBS TV*”.

[TOM DA TRILHA AUMENTA NOVAMENTE E FICA POR MAIS ALGUNS SEGUNDOS ATÉ O FINAL DO EPISÓDIO]

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

APÊNDICE B

IMAGEM DA CAPA DO *PODCAST* E DESCRIÇÃO ACESSÍVEL



DESCRIÇÃO:

A imagem da capa do *podcast* é quadrangular e colorida. O fundo é alaranjado e ao centro da tela há um balão de fala, recurso figurativo usado para representar a fala de um personagem, que forma uma televisão de tubo antiga, de cor rosa-salmão e com um par de antenas. Na tela da TV em um fundo azul lê-se o título do *podcast* "Sotaques em Tela", tendo a palavra "sotaques" formada com letras de diferentes fontes, cores, que variam entre branco, azul e rosa-salmão, e tamanhos.

APÊNDICE C

IMAGEM DA CAPA DO EPISÓDIO-PILOTO E DESCRIÇÃO ACESSÍVEL

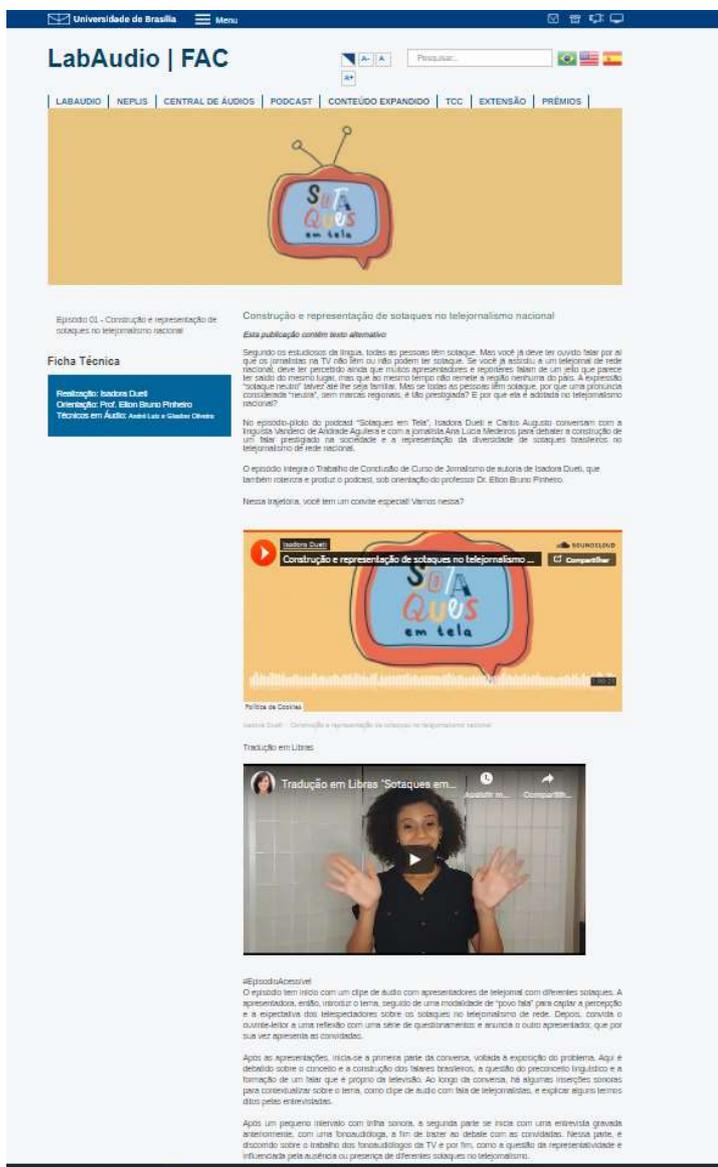


DESCRIÇÃO:

A imagem da capa desse episódio é quadrangular e colorida. O fundo é alaranjado e ao centro da ilustração há um balão de fala, recurso figurativo usado para representar a fala de um personagem, que forma uma televisão de tubo antiga, de cor rosa-salmão e com um par de antenas. Na tela da TV em um fundo azul lê-se o título do *podcast* "Sotaques em Tela", tendo a palavra "sotaques" formada com letras de diferentes fontes, cores, que variam entre branco, azul e rosa-salmão, e tamanhos. Ocupando toda a parte inferior da capa, abaixo do balão de fala, há seis mulheres diferentes, respectivamente: uma mulher ruiva de cabelo liso curto e blusa listrada; uma mulher de cabelo cacheado preto e blusa regata vermelha; uma mulher de óculos com cabelos cacheados vermelhos e blusa preta, segurando um alto falante e acenando com a mão; uma mulher de cabelo preto liso longo, de blusa azul, levantando ambos os braços e segurando um microfone na sua mão direita; uma mulher com turbante, usando brincos em forma de discos azuis, colares no pescoço e uma blusa estampada laranja modelo tomara-que-caia; e uma última mulher idosa de cabelos azuis na ilustração, de óculos de aros pequenos e blusa laranja com a gola azul.

APÊNDICE D

INTERFACE DO PODCAST “SOTAQUES EM TELA” NO SITE DO LABORATÓRIO DE ÁUDIO DA FAC/UNB



The screenshot displays the website interface for LabAudio | FAC. At the top, there is a navigation menu with options: LABAUDIO, NEPLIS, CENTRAL DE ÁUDIOS, PODCAST, CONTEÚDO EXPANDIDO, TCC, EXTENSÃO, and PRÊMIOS. The main content area features a large orange banner with a stylized television set icon containing the text 'SUA QUÊS em tela'. Below the banner, the title of the podcast is 'Construção e representação de sotaques no telejornalismo nacional'. A 'Ficha Técnica' (Technical Sheet) box lists the host as Isadora Duelli, the advisor as Prof. Elton Bruno Pinheiro, and the production team as Ana Leto and Wesley Oliveira. The main text provides a detailed description of the podcast, its goals, and its structure. It mentions that the podcast is a pilot episode for a course in Journalism, focusing on the construction and representation of accents in national telejournalism. The text is organized into sections: 'Ficha Técnica', 'Resumo', 'Tradução em Libras', and 'Episódios'. The 'Resumo' section describes the podcast's format, which includes a 15-minute audio clip with a transcription and a 10-minute video with a transcription. The 'Tradução em Libras' section features a video of Isadora Duelli signing the content. The 'Episódios' section lists the podcast's content, including a transcription and a video with a transcription.

Disponível em:

http://labaudio.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=233&Itemid=989.

APÊNDICE E

INTERFACE DO PODCAST “SOTAQUES EM TELA” NA PLATAFORMA DE STREAMING SPOTIFY

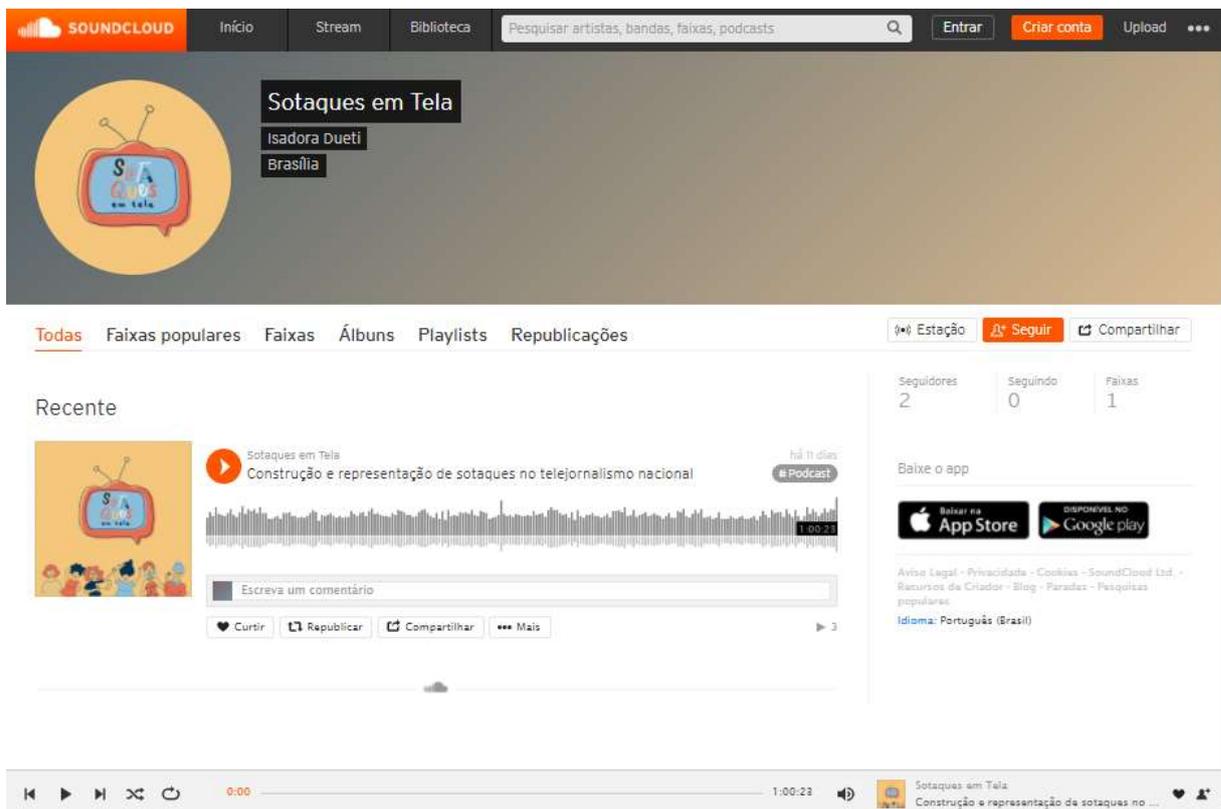


Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/0OHR3kXTxtRstredilQYV8?si=BFkIMRYnT6SO6VUXDMY80A>.

APÊNDICE F

INTERFACE DO PODCAST “SOTAQUES EM TELA” NA PLATAFORMA DE STREAMING SOUNDCLOUD



Disponível em: <https://soundcloud.com/isadora-dueti>.

APÊNDICE G

MODELO DE PAUTA – EPISÓDIO 1 (PILOTO)

Tema: Construção e representação de sotaques no telejornalismo.

Contextualização: O português chegou ao Brasil no século XVI e hoje é a língua de um país de mais de 8,5 milhões de quilômetros quadrados. Muitos são os fatores que tendem a diversificar as línguas e que fazem do português aqui falado essa língua tão heterogênea que conhecemos. Porém, no sentido oposto, há tendências que agem no sentido de padronizá-las, e dentre elas o prestígio apresenta-se como fator mais poderoso.

Essa influência se reflete, inclusive, no exercício do telejornalismo, que entre as décadas de 70 e 80, desempenhou um amplo trabalho de padronização da fala dos profissionais de telejornalismo. Hoje parece haver uma maior aceitação às marcas regionais nos noticiários de rede. Ainda assim, até os dias atuais esse espaço conquistado parece ser limitado, uma vez que apesar de ter cada vez mais repórteres com sotaques regionais nos telejornais de rede, é raridade encontrar e até imaginar um apresentador de um grande noticiário nacional com algum sotaque.

Perfil das entrevistadas:

- **Ana Lúcia Medeiros:** Jornalista e pesquisadora, mestre e doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB); estudos pós-doutorais na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Autora dos livros: “Sotaques na TV”, baseado na sua pesquisa de mestrado “Outros falares, outros olhares: os sotaques no telejornalismo e na telenovela”; e “Noticiador-noticiado – Perfis de jornalistas numa sociedade em midiatização”.

- **Vanderaci Andrade de Aguilera:** Linguista com ênfase em Geolinguística, possui mestrado e doutorado em Letras Assis pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e pós-doutorado na Universidade de Alcalá de Henares – Espanha. Professora sênior da Universidade Estadual de Londrina (UEL), autora do Atlas Linguístico do Paraná e coordenadora da Regional Paraná do Atlas Linguístico do Brasil, atuando também como diretora científica desse projeto.

Questões para a entrevista com linguista:

- O que é sotaque?
- Como foi construído o falar brasileiro? Como o choque entre diferentes etnias influenciou os vários sotaques no país?
- Existe ausência de sotaque? Por que muitas pessoas acham que não tem sotaque?
- A compreensão da informação fica comprometida entre pessoas de regiões diferentes por causa do sotaque?

Questões para a entrevista com jornalista:

- De onde vem esse jeito de falar da TV?
- O telejornalismo vem buscando se reinventar e até se aproximar mais do telespectador. Você acha que essa reinvenção poderia permitir falas mais regionais e menos padronizadas?
- Acha importante que o telejornal tenha uma fala mais “profissional”, padronizada?
- Como vê o trabalho dos fonoaudiólogos no telejornalismo hoje em dia? Como ele foi desenvolvido ao longo da história do telejornalismo?
- Como vê a representatividade regional por meio dos sotaques dos repórteres e apresentadores de noticiários de rede nacional? Como a padronização do falar no telejornalismo influencia a ideia que nós temos das diferentes culturas regionais brasileiras?

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

APÊNDICE H

MODELO DE PAUTA – EPISÓDIO 2

Tema: História do telejornalismo e o padrão televisivo.

Contextualização: Quando o telejornalismo surgiu no Brasil, muito foi herdado do meio que o antecedeu: o rádio. Os primeiros telejornalistas eram, em sua maioria, profissionais que migraram do radiojornalismo para a televisão. Precisou-se, então, repensar as técnicas para o novo meio. Assim surgiram muitos manuais de telejornalismo, que determinavam desde a melhor forma de se produzir a notícia até o modo como era noticiada, o que incluía um padrão estético televisivo.

Entrevistadas:

- **Glorinha Beuttenmüller:** Fonoaudióloga que criou o padrão de pronúncia da Rede Globo, o famoso “padrão JN”.
- **Ana Paula Goulart Ribeiro:** Jornalista e historiadora, autora do livro “Jornal Nacional: a notícia faz história” e coordenadora do grupo de pesquisa Mídia Memória e Temporalidades, que desenvolve o projeto Memória do Jornalismo Brasileiro.

Questões para a entrevista:

- Como surgiu o telejornalismo no Brasil?
- De onde vem esse jeito de falar do telejornalismo brasileiro?
- Acha importante que o telejornalista tenha uma fala mais padronizada?

APÊNDICE I

MODELO DE PAUTA – EPISÓDIO 3

Tema: Identidade regional x identidade profissional.

Contextualização: A televisão brasileira possui um padrão estético, o qual inclui a fala. O jornalista muitas vezes se vê obrigado a se encaixar em determinados critérios para reproduzir a qualidade do trabalho pelo qual é responsável. Quando um repórter ou apresentador possui um falar de uma região que foge do eixo Rio-São Paulo-Brasília, há um confronto entre identidade regional e identidade profissional. Como isso influencia o trabalho e a identidade do jornalista?

Entrevistados:

- **Evaristo Costa:** Jornalista de São José dos Campos, SP, apresentou o *Jornal Hoje* da Rede Globo entre 2004 e 2017 e hoje se encontra na CNN Brasil.
- **Francisco José:** Jornalista, natural de Crato (CE), é apresentador na TV Globo.
- **Delis Ortiz:** Jornalista de Cuiabá (MT), atualmente é repórter da TV Globo.
- **Adriana Araújo:** Jornalista de Itabirito (MG), é apresentadora na TV Record.

Questões para a entrevista:

- Você acha que o sotaque é um ruído na comunicação?
- Já enfrentou algum problema durante a carreira por causa do sotaque?

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

APÊNDICE J

MODELO DE PAUTA – EPISÓDIO 4

Tema: TV pública: diversidade ou reafirmação do padrão televisivo?.

Contextualização: A comunicação pública surge no contexto do direito universal à informação e a necessidade de democratização da mesma. Um de seus princípios é a valorização da diversidade e das diferentes culturas. Nesse sentido, como o telejornalismo na TV pública se difere da TV comercial? Como tem representado a diversidade por meio dos sotaques dos jornalistas? A não exigência pela busca da audiência permite experimentar novos formatos?

Entrevistados:

- **Hermes Coêlho:** Jornalista piauiense, atual chefe de reportagem da TV Senado.
- **Willian Corrêa:** Jornalista de Montes Claros (MG), foi diretor de jornalismo da TV Cultura e apresentador do Jornal da Cultura.
- **Ronaldo Martins:** Jornalista mineiro, criador do canal do *YouTube* “Pegadas Humanas”, atualmente é apresentador na TV Senado.

Questões para a entrevista:

- Qual a importância da TV pública em comunicar?
- O padrão estético da TV pública se difere do padrão da TV comercial? Por quê?
- O fato de não ter uma pressão pela audiência como uma TV comercial permite maior diversidade na TV pública?

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

APÊNDICE K
MODELO DE PAUTA – EPISÓDIO 5

Tema: Telejornalismo na nova era: perspectivas e possibilidades.

Contextualização: O padrão estético televisivo tem mudado ao longo do tempo. Em tempos de convergência midiática e de concorrência com os meios digitais, o telejornalismo procura se reinventar e se aproximar do público, deixando a rigidez de lado. Quais as perspectivas e possibilidades de se ver no telejornalismo nacional repórteres e apresentadores com seus falares de origem? Como as novas tecnologias e a interação do público através delas influencia no padrão do telejornalismo?

Entrevistados:

- **Vera Íris Paternostro:** Jornalista, autora do livro *O texto na TV – Manual do Telejornalismo*, de 1987; foi uma das criadoras da *Globo News*.
- **Newton Cannito:** Cineasta, autor do livro *A Televisão na Era Digital*, de 2010.
- **Brenda Parmegianni:** Jornalista, doutora em Comunicação na linha de Teorias e Tecnologias da Comunicação, com estudos sobre televisão e redes sociais; convergência mediática e tecnologia; jornalismo online e interação.

Questões para a entrevista:

- Acha que o telejornalismo poderia permitir falas mais regionais e menos padronizações?
- Há uma diferença entre a aceitação de sotaque do repórter e do âncora?
- Como a era digital e as interações pela internet influenciam o padrão televisivo?



APÊNDICE L

ROTEIRO – EPISÓDIO PILOTO

Episódio PILOTO – Construção e representação do sotaque no telejornalismo.

VINHETA

SOBE SOM CLIPES JORNALISTAS COM DIFERENTES SOTAQUES !=!=!

INTRODUÇÃO

ISADORA: SE VOCÊ ASSISTE TELEJORNAL, JÁ DEVE TER PERCEBIDO QUE O JEITO DE FALAR DE MUITOS REPÓRTERES E ESPECIALMENTE DOS APRESENTADORES PARECE TER SAÍDO DO MESMO LUGAR. MAS EU TENHO UM JEITO DE FALAR, QUE TALVEZ SEJA DIFERENTE DO SEU JEITO DE FALAR E QUE PROVAVELMENTE TAMBÉM É DIFERENTE DA FORMA COMO MUITOS AO SEU REDOR FALAM. E VOCÊ JÁ SE PERGUNTOU COMO ESSES TANTOS SOTAQUES QUE CONHECE SÃO REPRESENTADOS NA TV? QUANTAS DAS NOTÍCIAS QUE VOCÊ OUVI FALAM DE UM JEITO CONHECIDO? BEM, EU JÁ. E É POR ISSO QUE EU TÔ AQUI COM VOCÊ HOJE COM O “SOTAQUES EM TELA”.

PARTE 1

SOBE SOM POVO FALA !=!=!=!

ISADORA: MAS POR QUE AFINAL NÓS ESTAMOS ACOSTUMADOS A OUVIR UM SOTAQUE PADRÃO DOS JORNALISTAS NA TV? E A PERGUNTA QUE NÃO QUER CALAR, PELO MENOS PARA MIM... DE ONDE VEIO ESSE PADRÃO? PARA ONDE ELE VAI? NA JORNADA DE HOJE, APRESENTANDO ESTE EPISÓDIO AO MEU LADO, VIRTUALMENTE, CONTO COM O MEU AMIGO, COLEGA DE PROFISSÃO E DE FACULDADE, CARLOS AUGUSTO. VOCÊ PODE MOSTRAR O SEU SOTAQUE PRA GENTE, CARLOS?

CARLOS: BREVE APRESENTAÇÃO (...). E PARA NOS AJUDAR A RESPONDER ESTAS E OUTRAS PERGUNTAS NÓS ESTAMOS AQUI, TAMBÉM VIRTUALMENTE, COM A LINGUISTA VANDERCI ANDRADE DE AGUILERA, PROFESSORA SÊNIOR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, AUTORA DO ATLAS LINGUÍSTICO DO PARANÁ E COORDENADORA DA REGIONAL PARANÁ DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL, ATUANDO TAMBÉM COMO DIRETORA CIENTÍFICA DESSE PROJETO.

VANDERCI: CUMPRIMENTOS.

... E ANA LÚCIA MEDEIROS, QUE É JORNALISTA, MESTRE E DOUTORA EM COMUNICAÇÃO PELA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E AUTORA DO LIVRO “SOTAQUES NA TV”, BASEADO NA SUA PESQUISA DE MESTRADO “OUTROS FALARES, OUTROS OLHARES: OS SOTAQUES NO TELEJORNALISMO E NA TELENÓVELA”.

ANA LÚCIA: CUMPRIMENTOS.

ISADORA: BEM, E PRA FALAR DE SOTAQUE A GENTE PRECISA ENTENDER E LÍNGUA QUE FALAMOS. A LÍNGUA PORTUGUESA CHEGOU NO BRASIL HÁ MUITO TEMPO, LÁ NO SÉCULO XVI, MAS MUITA COISA ACONTECEU DE LÁ PRA CÁ PARA TRANSFORMAR ESSA LÍNGUA NO PORTUGÊS BRASILEIRO QUE CONHECEMOS HOJE. ALÉM DESSE VASTO TERRITÓRIO QUE É O NOSSO PAÍS, O QUE POR SI SÓ JÁ TORNARIA DIFÍCIL EVITAR AS VARIAÇÕES NA FALA, A FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO TAMBÉM É MARCADA PELO CONSTANTE CHOQUE CULTURAL ENTRE DIFERENTES ETNIAS, CARACTERIZANDO A HISTÓRIA LINGUÍSTICA DO PAÍS PELO MULTILINGUISMO, QUE É A COEXISTÊNCIA DE VÁRIAS LÍNGUAS EM UM MESMO ESPAÇO.

CONSIDERANDO ISSO, PROFESSORA VANDERCI, COMO VOCÊ EXPLICA, PRIMEIRAMENTE O QUE É EXATAMENTE O SOTAQUE, DO PONTO DE VISTA LINGUÍSTICO, E COMO ESSE CHOQUE CULTURAL ENTRE TANTAS ETNIAS DIFERENTES AO LONGO DA HISTÓRIA DO BRASIL INFLUENCIOU NA FORMAÇÃO DO SOTAQUE DO POVO BRASILEIRO?

VANDERCI: (...)

- EXISTE AUSÊNCIA DE SOTAQUE? OU TODAS AS PESSOAS TEM SOTAQUE?
- POR QUE ALGUNS SOTAQUES SÃO MAIS VALORIZADOS NA SOCIEDADE DO QUE OUTROS (PRECONCEITO LINGUÍSTICO)?
- COMO AS PESSOAS PERCEBEM A PRÓPRIA FALA? TEM GENTE, POR EXEMPLO, QUE ACHA QUE NÃO TEM SOTAQUE, MAS PARA ALGUÉM DE OUTRA REGIÃO, AQUELA PESSOA TEM SOTAQUE. É UMA QUESTÃO DE PERSPECTIVA, A GENTE SÓ PERCEBE QUANDO TEM CONTATO COM ALGUÉM QUE FALA DIFERENTE?

CARLOS AUGUSTO: A GENTE VÊ QUE EM MUITOS ESPAÇOS HÁ UMA TENDÊNCIA À PADRONIZAÇÃO DA FORMA COMO FALAMOS, COMO, POR EXEMPLO, NO TELEJORNALISMO DE REDE NACIONAL. COMO FOI CONSTRUÍDO ESSE FALAR QUE A GENTE SE ACOSTUMOU A VER NOS NOTICIÁRIOS, ANA?

ANA LÚCIA MEDEIROS: (...)

OUTRAS QUESTÕES:

- O SOTAQUE ÀS VEZES É TIDO COMO UM “RUÍDO” NA COMUNICAÇÃO. QUAL A OPINIÃO DE VOCÊS SOBRE ISSO?
- COMO VOCÊS VÊM A REPRESENTATIVIDADE REGIONAL POR MEIO DA FALA DE REPÓRTERES E APRESENTADORES DE NOTICIÁRIOS DE REDE NACIONAL ATUALMENTE?
- COMO A PADRONIZAÇÃO DO FALAR NA TV, ESPECIALMENTE NO TELEJORNALISMO, INFLUENCIA/INFLUENCIOU A IDEIA QUE NÓS TEMOS DAS DIFERENTES CULTURAS REGIONAIS BRASILEIRAS?

PARTE 2

ISADORA: EU CONVERSEI TAMBÉM COM A PROFESSORA ANA CAROLINA FERNANDES. ELA É FONOAUDIÓLOGA E COORDENADORA DO PROJETO INTRAFOCO NA UNBTV, QUE TRABALHA A FALA, A DICÇÃO E A PERFORMANCE COMUNICATIVA DOS PROFISSIONAIS. E A GENTE TEVE UMA

CONVERSA MUITO INTERESSANTE SOBRE O TRABALHO DOS FONOAUDIÓLOGOS NA TV E COMO ELA VÊ A QUESTÃO DOS SOTAQUES NESSE CONTEXTO.

CLIFE 2 – ENTREVISTA ANA CAROLINA FERNANDES

ISADORA: ANA, VOCÊ TEM EXPERIÊNCIA COMO JORNALISTA E TAMBÉM COMO PESQUISADORA NESTE TEMA. COMO VOCÊ VÊ O TRABALHO DOS FONOAUDIÓLOGOS NO TELEJORNALISMO HOJE EM DIA E COMO ELE SE DESENVOLVEU AO LONGO DA HISTÓRIA DO TELEJORNALISMO NO BRASIL?

ANA LÚCIA: (...)

CARLOS AUGUSTO: É POSSÍVEL, PROFESSORA VANDERCI, NESTE CONTEXTO, FAZER UM TRABALHO FONOAUDIOLÓGICO PARA MELHORAR A VOZ MAS SEM PERDER O SOTAQUE, OU SEJA, MANTENDO A IDENTIDADE CULTURAL E REGIONAL DO REPÓRTER OU APRESENTADOR?

VANDERCI: (...)

OUTRAS QUESTÕES:

- ACHA IMPORTANTE QUE O TELEJORNAL TENHA UMA FALA MAIS “PROFISSIONAL”, PADRONIZADA?
- NÃO ACHA QUE ESTE SOTAQUE ADOTADO PELA MÍDIA TENHA SIDO NATURALIZADO, E POR ISSO NOS ACOSTUMAMOS COM ELE E ACEITAMOS A IDEIA DE NÃO-SOTAQUE OU SOTAQUE NEUTRO?
- A GENTE OBSERVA QUE O TELEJORNALISMO TAMBÉM VEM MUDANDO E SE ADAPTANDO ÀS NOVAS DEMANDAS. QUAL A PERSPECTIVA NESSE CENÁRIO? VOCÊ ACHA QUE É POSSÍVEL QUE A GENTE VEJA CADA VEZ MAIS REPÓRTERES E APRESENTADORES DANDO A NOTÍCIA COM O SEU SOTAQUE PRÓPRIO? E COMO ACHA QUE OS TELESPECTADORES DEVEM RECEBER ISSO?

ISADORA: MUITO OBRIGADA, PROFESSORA VANDERCI DE ANDRADE E ANA LÚCIA MEDEIROS, POR PARTICIPAREM COM A GENTE NESSA CONVERSA E COMPARTILHAR TANTA EXPERIÊNCIA E CONHECIMENTO.

(CONVIDADOS SE DESPEDEM)

ISADORA: AGRADEÇO TAMBÉM AO MEU AMIGO CARLOS AUGUSTO, QUE TOPOU APRESENTAR ESSE PODCAST COMIGO.

CARLOS AUGUSTO SE DESPEDE

ISADORA: E VOCÊ QUE CHEGOU ATÉ AQUI, COMO VÊ O SOTAQUE NO TELEJORNALISMO? A GENTE VAI DEIXANDO POR AQUI O NOSSO SOTAQUE E ESSA REFLEXÃO, E TAMBÉM UM MUITO OBRIGADA A VOCÊ QUE ESTEVE ACOMPANHANDO E PARTICIPANDO AÍ DO OUTRO LADO.

ESTE FOI O PILOTO DA SÉRIE DE *PODCASTS* “SOTAQUES EM TELA”, QUE É PARTE DO MEU PROJETO FINAL PARA OBTENÇÃO DO DIPLOMA DE JORNALISTA PELA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. COM ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR ELTON BRUNO, EU SOU ISADORA DUETI, GRAVANDO REMOTAMENTE DE BRASÍLIA.

VINHETA



UnB Faculdade de
Comunicação

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

APÊNDICE M

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ/IMAGEM

Eu, _____, autorizo o uso da minha voz/imagem, nome e dados biográficos, na qualidade de participante/entrevistado(a) no Projeto Final em Jornalismo intitulado **“Sotaques em Tela”**: *A produção do episódio-piloto de uma série jornalística de podcasts sobre a representação dos sotaques brasileiros na fala de telejornalistas de rede*, produzido no âmbito do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UnB pela graduanda Isadora Alves Dueti, sob orientação do professor Dr. Elton Bruno Pinheiro.

Minha imagem e/ou som de voz podem ser utilizados em todas as atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitada anteriormente, como em mídia sonora (*podcast*) e mídia eletrônica e/ou *Internet* (*YouTube*; site, aplicativo ou redes sociais do produto final do trabalho e do Laboratório de Áudio da FAC/UnB), sem qualquer ônus para a Universidade de Brasília. Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso acima descrito para fins desta pesquisa, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem, nome ou a qualquer outro dado meu, e assino a presente autorização.

Brasília/DF, ____ de novembro de 2020.

Assinatura do(a) participante